

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGeo
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**CENTRALIDADE URBANA EM CIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA:
PARINTINS-AM**

VALDILENE SIQUEIRA DE SOUZA

**MANAUS
2017**

VALDILENE SIQUEIRA DE SOUZA

**CENTRALIDADE URBANA EM CIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA:
PARINTINS-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Amazônia: Território e Ambiente na linha de pesquisa Espaço, Território e Cultura na Amazônia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira

**MANAUS
2017**

TERMO DE APROVAÇÃO

VALDILENE SIQUEIRA DE SOUZA

CENTRALIDADE URBANA EM CIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA: PARINTINS-AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração- Amazônia: Território e Ambiente, na Linha de Pesquisa Espaço, Território e Cultura na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Dr. José Aldemir de Oliveira (PPGEOG/UFAM)

Membro: Dr. Saint- Clair Cordeiro da Trindade Júnior
(NAEA/UFPA)

Membro: Dr. Ricardo José Batista Nogueira (PPGEOG/UFAM)

Manaus- AM, 11 de julho de 2017.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. José Aldemir de Oliveira pelo aprendizado e orientação;

Aos meus familiares;

À Tarcísio Moura pelas palavras de incentivo e apoio incondicional em todos os momentos;

À equipe da Escola Estadual “Dom Gino Malvestio” em Parintins-AM.

À Raysarah Ribeiro, Simone Oliveira e Valéria Fragata.

Aos pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira – NEPECAB;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM pela concessão de bolsa de estudo;

À secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia;

Aos colegas da turma 9 pelo estudo, suporte e convivência.

Thiago Franco pela organização dos mapas, Rildo e Professor Dr. José Alberto Carvalho pelas contribuições na área de Geografia Física.

A todos que ajudaram direta ou indiretamente na consolidação desse trabalho de pesquisa.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar e caracterizar a centralidade urbana em Parintins, apontando parâmetros de relações entre o centro e centralidade urbana com a dinâmica das águas; identificando comércio e serviços em áreas específicas buscando caracterizá-las como centralidade urbana. A partir de levantamento /bibliográfico sobre o tema, pesquisa documental e persistente trabalho de campo com observação, realização de entrevistas e aplicação de formulários foi possível identificar a centralidade móvel a partir do regime hidrológico na área da Francesa e orla da parte norte da cidade, por onde correm as águas do rio Amazonas; também foi identificada a centralidade transitória decorrente do Festival Folclórico de Parintins, onde a Praça da Catedral, Praça dos bois, Praça Eduardo Ribeiro e Currais do boi Garantido e Caprichoso são espaços que se redimensionam em função da festa. Assim como, foi identificada a centralidade exercida pela Avenida Amazonas que perpassa várias etapas e se consolida como a principal via da cidade. Por fim, a caracterização do centro de Parintins e seu perfil de expandir e ao mesmo tempo permanecer como a centralidade por concentrar as suas atividades, tais quais comércio e serviços, mas especialmente por ter o porto como intermédio entre a cidade e o mundo próximo e distante. A conclusão é que a cidade ribeirinha tem especificidades por sua ligação com o rio como meio de locomoção, com a cultura do lugar que não pode ser deixada de lado, contudo só isso não explica a centralidade que também tem dimensões mais gerais articuladas com a reprodução geral das relações de produção que atingem também as cidades da Amazônia. Desse modo, os resultados desse trabalho contribuem para o estudo da centralidade urbana a partir da vivência ribeirinha numa cidade que tem muito do lugar, mas também do mundo e do dinamismo do urbano.

Palavras-chave: centralidade urbana, cidade ribeirinha, Parintins.

ABSTRACT

This work aims to analyze and characterize the urban centrality in Parintins, pointing out parameters of relations between the center and urban centrality with the dynamics of the waters; identifying trade and services in specific areas seeking to characterize them as urban centrality. From a bibliographical survey on the subject, documentary survey and persistent field work with observation, interviewing and application of forms, it was possible to identify the mobile centrality from the hydrological regime in the area of the “Lagoa da Francesa” and riverside of the northern part of town for where the waters of the Amazon River flow; the transitory centrality of the Parintins Folk Festival has also been identified, where the Cathedral Square, Oxen Square, Eduardo Ribeiro Square and headquarter of oxen Garantido and Caprichoso are spaces that are re-dimensioned according to the party. As well, the centrality of the Amazonas Avenue was identified, which goes through several stages and consolidates itself as the main route of the city. Finally, the characterization of the center of Parintins and its profile of expansion and at the same time remain as the centrality for concentrating its activities such as commerce and services, but especially for having the harbor as intermediate between the city and the near and distant world. The conclusion is that the riverside town has specificities by its connection with the river as a means of locomotion, with the culture of the place that can't be left aside, but this alone does not explain the centrality that also has more general dimensions articulated with the reproduction general relations of production that also affect the cities of the Amazon. In this way, the results of this work contribute to the study of urban centrality from the riverside experience in a city that has much of the place, but also of the world and the dynamism of the urban.

Key words: urban centrality, riverside city, Parintins.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Muro de arrimo na orla da cidade, em Parintins – AM	24
Figura 2 - Cidade de Parintins - AM	30
Figura 3 - Classificação geomorfológica da planície de inundação em Parintins.....	36
Figura 4 e 5 - Escadaria da Francesa na vazante e cheia	44
Figura 6 - Porto da Rampa do Mercado no período da vazante.....	53
Figura 7 - Porto da Rampa da Caçapava no período vazante	54
Figura 8 - Vista da Avenida Amazonas e Catedral, 1977	69
Figura 9 - Trecho da Avenida Amazonas com a rua João Melo, 1996.....	75
Figura 10 - Trecho da Avenida Amazonas com a rua João Melo, 2000.....	75
Figura 11 - Obras de reestruturação do passeio da Av. Amazonas, 1999.....	77
Figura 12 - Escola Estadual Senador Álvaro Maia, 1979	78
Figura 13 - Escola Estadual Senador Álvaro Maia	78
Figura 14 - Ao fundo a antiga cadeia municipal, 1997	80
Figura 15 - Desfile cívico de 7 de setembro na Av. Amazonas, 1997	81
Figura 16 - Enfeite para a passagem da Imagem da padroeira, 2000	82
Figura 17 - Corrida ciclística na Avenida Amazonas, 1997	85
Figura 18 - Avenida Amazonas (primeiro plano), 2016.	91
Figura 19 - Venda de frutas regionais na praça Eduardo Ribeiro em Parintins....	108
Figura 20 - Rua João Melo em Parintins, enchente de 1953	114
Figura 21 - Comércio da rua João Melo, Parintins-AM, 1996.....	117
Figura 22 - “Ponta de rua”, Benjamin da Silva.....	119
Figura 23 - Arraial de Nossa Senhora do Carmo em Parintins-AM	130
Figura 24 - Praça da Catedral após festival em Parintins-AM.....	131

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do município de Parintins	18
Mapa 2 - Densidade de comércio e serviços na Avenida Amazonas, 2016.....	92
Mapa 3 – Distribuição dos comércios e serviços na Av. Amazonas, 2016.....	95
Mapa 4 - Localização das centralidades no centro de Parintins.....	113
Mapa 5 - Centralidades transitórias em Parintins no período do Festival Folclórico	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Origem da embarcação no período de cheia e vazante, em Parintins.....	40
Tabela 2 - Avenida Amazonas: Estabelecimentos por tipo, Parintins, 2016	93
Tabela 3 - Comparativo das edificações do lado azul e vermelho	99
Tabela 4 - População urbana de Parintins – AM.....	102
Tabela 5 - Estabelecimento comercial e serviços por segmento em Parintins, AM, 2016	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Cota hidrológica de Parintins - 2015.....	33
Gráfico 2 - Comportamento hidrológico do rio Amazonas entre 2005 e 2015.....	38
Gráfico 3 - Motivo de atracar na “Lagoa da Francesa”	41
Gráfico 4 - Local de ataque na cheia em Parintins – AM	42
Gráfico 5 - Transporte de mercadoria para a embarcação.....	47
Gráfico 6 - Local de compra dos passageiros	48
Gráfico 7 - Porto de atracação na vazante	51
Gráfico 8 - Porto de atracação da embarcação.....	52
Gráfico 9 - Procedência da embarcação	55
Gráfico 10 - Tipo de embarcação.....	56
Gráfico 11 - Frequência da atracação na frente da cidade	57
Gráfico 12 - Motivo de atracar na frente da cidade	58
Gráfico 13 - Mercadorias levadas na embarcação até a cidade/comunidade	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atividades econômicas na “Lagoa da Francesa”	46
---	----

SIGLAS

ANA - Agência Nacional de Águas

CEMOPAR – Cerâmica Moderna de Parintins

COOPESCA – Cooperativa dos Pescadores

DENATRAN - Departamento Nacional de Trânsito

DETRAN – Departamento Estadual de Trânsito do Amazonas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros

SAAE- Serviço autônomo de água e esgoto

SESI – Serviço Social da Indústria

UNOPAR - Universidade Norte do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A CENTRALIDADE NUMA CIDADE RIBEIRINHA	16
1.1 Cidade Ribeirinha da Amazônia: Parintins-Am.....	16
1.2 Centralidade numa cidade ribeirinha da Amazônia: Parintins-AM.....	31
1.3 A dinâmica dos rios e a centralidade móvel: “Lagoa da Francesa” e a orla da cidade:.....	35
2 QUANDO A RUA É A CENTRALIDADE URBANA	65
2.1 Avenida Amazonas: do caminho à avenida.....	67
2.2 Avenida Amazonas atual.....	87
3 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DA CENTRALIDADE URBANA	102
3.1 Estruturação do centro na cidade de Parintins.....	104
3.2 A centralidade transitória: a festa e a dinâmica urbana	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICES	147
ANEXO	149

INTRODUÇÃO

As cidades na Amazônia possuem especificidades regionais que se caracterizam por sua rede do comércio, serviço, comunicação e transporte, onde o rio é o principal entreposto que modifica a dinâmica do espaço e tempos em relação à outras cidades. Partindo desse pressuposto, Parintins, cidade ribeirinha da Amazônia se consolidou por fatores histórico-geográficos com a lógica da reprodução espacial capitalista, que por meio de estudos do NEPECAB é uma cidade média de responsabilidade territorial por seus equipamentos urbanos onde o comércio e serviço são atrativos para o entorno.

Neste trabalho privilegia-se o estudo da centralidade numa cidade ribeirinha da Amazônia que pressupõe movimento, dinâmica, encontro de pessoas onde pululam ideias e conhecimento, sendo muito mais que o lugar das trocas no comércio e serviço, para ser também lugar de encontro, de religiosidade. Desse modo, Silva (2013) esclarece que centro e centralidade podem denotar o mesmo sentido, no entanto existem diferenças, visto que o centro é uma realidade material, historicamente produzida, que resulta da ação convergente, ao longo do tempo, de inúmeros agentes, que a partir de suas ações individuais contribuem para a conformação do centro, já a centralidade, seria a capacidade de polarização, de atração e dispersão/controlar dos fluxos que dependem fundamentalmente da densidade de fixos que o centro possui.

Nesse sentido, a questão norteadora da pesquisa foi analisar se há uma centralidade urbana em Parintins e se a mesma está relacionada com o regime de cheia e vazante do rio. Entender o processo de permanências e rupturas implica compreender a estrutura interna da cidade aqui entendida como a localização, organização e interações entre os elementos ligados à natureza e as dimensões sociais da cidade e o modo como evolui a distribuição desses elementos na paisagem urbana especialmente por meio do comércio e serviços.

O entendimento de centralidade, designada como centralidade intraurbana é fundamental para o entendimento das funções que a cidade exerce para o entorno e para sua população, dessa forma, a pesquisa teve como objetivo geral, analisar e caracterizar a centralidade urbana em Parintins-AM, e especificamente descrever a dinâmica da beira, parte norte da cidade às margens do rio Amazonas, a “Lagoa da

Francesa”¹ e identificar parâmetros de relações entre o centro e centralidade urbana e o rio, descrevendo o comércio e serviços em áreas específicas buscando caracterizá-las como centro e centralidade urbana.

A pesquisa de cunho dedutivo buscou a compreensão da totalidade, no caso, a cidade de Parintins, descrevendo-a e apresentando suas peculiaridades para poder investigar o papel do centro e da centralidade numa cidade ribeirinha, constatando se a sazonalidade do rio tem influência na centralidade, para tanto é necessário identificar suas mudanças e permanências. Dessa forma, o trabalho inicial consistiu em delimitar os espaços urbanos de pesquisa, a beirada da parte norte da cidade, área da “Lagoa da Francesa”, Avenida Amazonas e o Centro com as “pontas de ruas”, especificamente as ruas João Melo, Benjamin da Silva e Faria Neto e identificar as formas de uso do espaço e se estes se caracterizam como centralidades. A partir das observações no primeiro campo, ocorrido em junho de 2015 foi possível identificar a centralidade transitória do Festival Folclórico de Parintins, onde foi levada em consideração à dinâmica dos fluxos e fixos, no sentido que lhes dá Milton Santos², em áreas assim definidas: Praça dos bois, trechos da orla da cidade, Praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, Praça Eduardo Ribeiro e Currais dos bois bumbás Garantido e Caprichoso.

Em seguida foi realizado o levantamento, análise e incorporação ao texto de bibliografia sobre a temática: centro e centralidade urbana, especialmente voltada para cidades médias, pequenas e para Parintins, cidade ribeirinha da Amazônia. Nesta buscou-se fontes documentais, websites, relatos, descrições e fotografias dos espaços específicos cuja descrição necessitou da pesquisa sistemática que compreende período superior à realização do mestrado 2015-2016, com anotações no caderno de campo essencial para compreender a paisagem urbana e a sua dinâmica.

Para constatar a centralidade a partir da dinâmica do regime hidrológico foram aplicados 80 formulários junto aos proprietários de embarcações em dois momentos distintos: os primeiros 40 formulários no período da vazante (meses de dezembro e janeiro de 2016), na frente da cidade onde os barcos atracam; área do mercado municipal, escadaria da Rua Rui Barbosa e rampa da Caçapava e em

¹ Conhecida popularmente, sendo na realidade afluente do Rio Macurany.

² Doutor em Geografia, brasileiro, destacou-se por escrever inúmeros temas, como a epistemologia da geografia, a globalização, o espaço urbano, entre outros.

seguida outros 40 formulários no período da cheia (mês de maio e junho de 2016), na “Lagoa da Francesa”.

Para o estudo da centralidade na Avenida Amazonas, levou-se em consideração os fixos e fluxos, mas que sozinhos não permitem o entendimento de centralidade, desse modo foi necessário o estudo da sua gênese, onde a entrevista com perguntas abertas aos antigos moradores da cidade, seguindo um roteiro, possibilitou identificar as principais transformações ocorridas, desde quando a avenida era apenas um caminho de passagem de pessoas, na década de 1910, até a sua consolidação como uma das principais vias de acesso da cidade. A observação e descrição de cada trecho, a contagem das unidades de comércio, serviços e residências, a pesquisa nos arquivos do jornal local impresso “Novo Horizonte” (1994 a 2012), pertencente ao Sistema Alvorada de Comunicação, trouxeram informações pretéritas que contribuíram na análise da centralidade exercida pela Avenida Amazonas.

Para a sistematização dos resultados, a pesquisa de cunho qualitativo utilizou a descrição e discussão teórica a respeito do tema centralidade, ainda envolvendo apresentação de gráficos, tabelas, mapas, quadros e imagens inseridos no contexto da investigação. Dessa maneira, o trabalho encontra-se dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo apresenta a discussão sobre Parintins como uma cidade ribeirinha da Amazônia, as devidas considerações a respeito da Geografia Urbana no contexto amazônico e a centralidade móvel em decorrência do regime hidrológico de cheia e vazante com comparativo e análise nos dois períodos sendo a área da “Lagoa da Francesa” e a frente da cidade as áreas em que ocorrem o aprofundamento do estudo.

No segundo capítulo, apresenta-se a rua, a Avenida Amazonas como espaço de importância diante do contexto da cidade, a partir de seu crescimento, expansão e utilização como espaço público, dessa forma, ocorreu a possibilidade de investigar a paisagem, com a descrição de cada trecho, a contagem das unidades de comércio, serviços e residências; a entrevista com seis moradores que possibilitou traçar a estruturação urbana e identificar a Avenida Amazonas de décadas atrás, bem como descrever o modo de vida dos moradores que ao longo do tempo foi se modificando, para isso busca-se a conceituação da rua e da avenida como centralidade.

No terceiro capítulo são destacadas expressões de centralidade do centro, com as Ruas Benjamin da Silva e Faria Neto, denominadas como “pontas de ruas” e a Rua João Melo, as quais se destacam pelo comércio, serviço, circulação de pessoas. Com isso foi investigada a consolidação do centro histórico até se chegar ao centro atual. Outra expressão de centralidade analisada, é a centralidade transitória do período do festival folclórico, que se mantém durante o ano todo com pouca evidência, mas que se consolida em três dias de festa no mês de junho, a qual se relaciona com a festividade da padroeira da cidade, o profano e sagrado que se manifestam nas relações espaciais e culturais.

A pesquisa proporcionou uma experiência transformadora em busca da produção de conhecimento, além da possibilidade de confirmação das hipóteses levantadas e conseqüentemente o alcance dos resultados do trabalho que contribuem para o estudo da centralidade urbana a partir da vivência ribeirinha numa cidade que tem muito do lugar, mas também do mundo e do dinamismo do urbano na Amazônia.

CAPÍTULO 1: A CENTRALIDADE NUMA CIDADE RIBEIRINHA

Neste capítulo trataremos da cidade ribeirinha da Amazônia e suas peculiaridades regionais, apresentando Parintins, sua localização e características. Nesse sentido, com o estudo de sua consolidação enquanto espaço de importância para as suas relações intra e interregionais com equipamentos urbanos que dinamizam a cidade, tendo o rio como espaço de chegada e partida que permite o encontro, as relações e as trocas culturais, econômicas e sociais, evidenciando dessa maneira, o estudo da centralidade urbana em seu aspecto intraurbano onde a dinâmica de vazante e cheia dos rios fazem com que a cidade mantenha fluxos que ora se invertem, e como recorte espacial para esse fim, a área da beira, também identificada como orla, a parte da atracação das embarcações e a “Lagoa da Francesa”.

1.1 Cidade Ribeirinha da Amazônia: Parintins-AM

A cidade de Parintins situada à margem direita do rio Amazonas no Baixo Amazonas, próximo ao limite do estado do Pará, é o nó da rede com as cidades de Nhamundá, Uruará, Barreirinha, Boa Vista do Ramos e Maués no Amazonas e as cidades de Terra Santa, Juruti Velho e Faro no vizinho estado do Pará. Isso em parte, é possível devido a oferta de comércio e serviços que a cidade tem, gerando circulação de embarcações que diariamente atracam na cidade de Parintins, vindos das cidades acima relacionadas e das agrovilas de Mocambo, Caburi, Vila Amazônia e comunidades rurais próximas e até mesmo pertencentes a outro município como as comunidade³ de Barreira do Andirá (Barreirinha) e Corocoró (Nhamundá), as quais usufruem de seus equipamentos urbanos. Estas localidades (comunidades rurais) são pequenas, possuem variação na quantidade de habitantes que geralmente mantêm grau de parentesco, suas edificações principais são a igreja e o barracão de festas. Aos domingos costumam se reunir para o culto ou em dias festivos em homenagem ao padroeiro, também possuem escola e o campo de futebol. Os interioranos (moradores das comunidades) se deslocam por cerca de 1 a

³ As comunidades da zona rural amazônica incluindo as áreas da várzea e terra-firme são as CEBs, ou seja, Comunidades Eclesiais de Base, que têm suas bases fundamentadas no valor do evangelho, no cristianismo e na espiritualidade, no desenvolvimento social e humano, ou seja, na promoção humana de um modo geral e no desenvolvimento sustentado, tendo como preocupação principal o meio onde essas comunidades estão inseridas (CRUZ, 2007, p.35).

6 horas de viagem até a cidade onde vendem seus produtos regionais e compram outras mercadorias para o retorno.

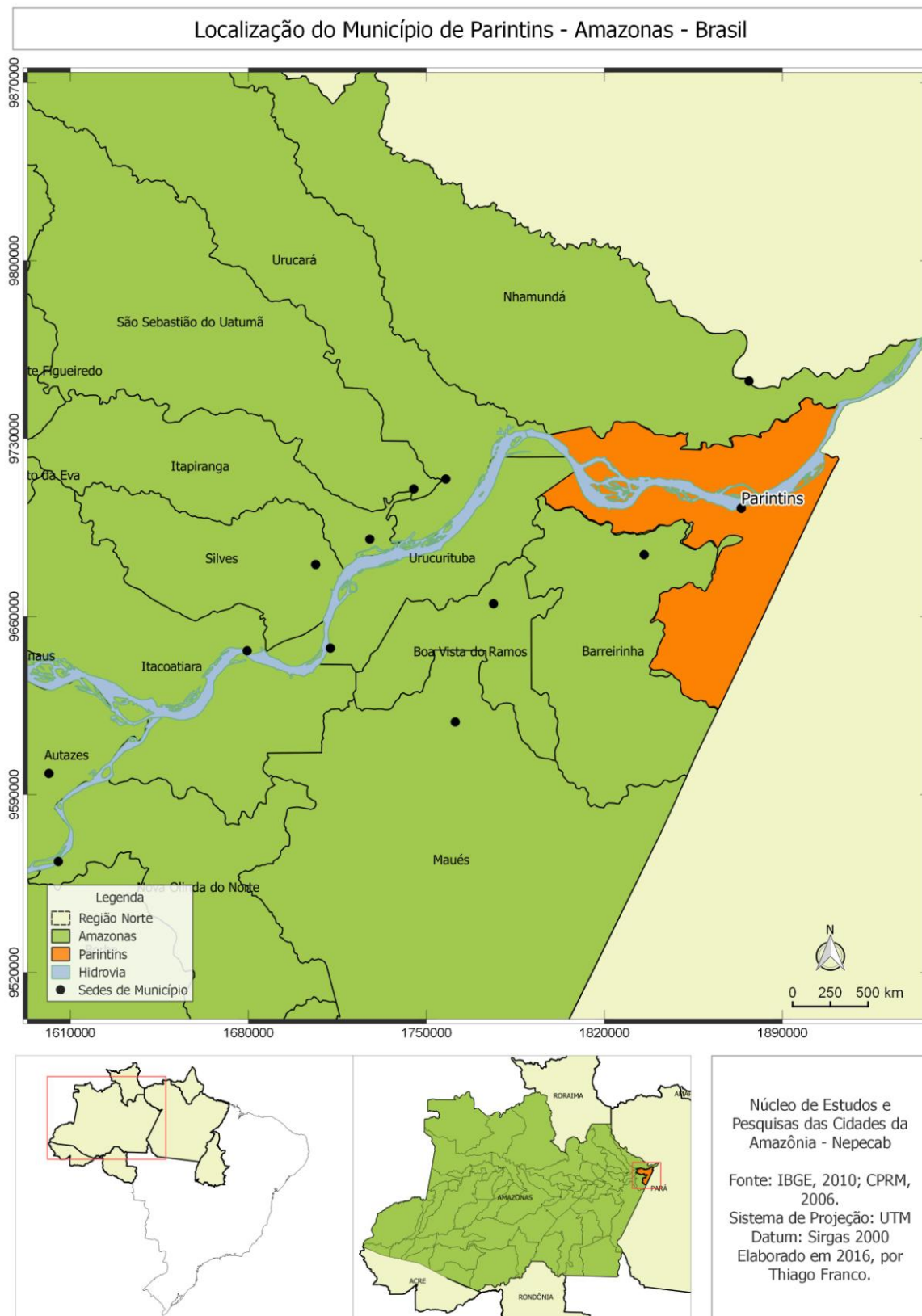
A rede de cidades mantém importância no contexto do urbano, elas se estabeleceram a partir de períodos econômicos e por mais que sejam pequenas em sua dimensão territorial, e com ausência de infraestrutura, estas localidades que parecem se cristalizar no espaço, mantêm o dinamismo urbano, e nos referimos especificamente às cidades ribeirinhas onde o rio é o entreposto comercial, o meio das relações e trocas culturais. Assim é possível confirmar que

Trata-se de um *continuum* de aglomerações urbanas-*idades ribeirinhas*-, na maior parte de pequeno porte, mas importante pelas intensas redes de trocas econômicas, culturais e sociais que se reproduzem no tempo e se espalham, por larga extensão, através do emaranhado dos cursos de água que conformam essas bacias hidrográficas organizadas a partir da referência principal que é o rio Amazonas (CASTRO & SANTOS, 2006, p. 30).

Desse modo, são apresentados os limites da cidade em que o rio é marco inicial e final, como se segue: em 25 de outubro de 2006 foi sancionada a lei nº 0386 que discorre sobre o Perímetro Urbano da Cidade de Parintins com seu ponto inicial à Margem direita do Rio Amazonas com o Furo da “Lagoa da Francesa” (latitude - 02 38’08.07437 e longitude -56 45’39.21272), seguindo por sua margem direita, contornando a “Lagoa da Francesa” até a sua confluência com o “lago do Macurany”, no ponto 2 (latitude -02 37’06.65834” e longitude -56 43’12.30652”), seguindo por este pela sua margem direita no sentido Leste / Oeste, ponto 3 (latitude -02 38’31.34663” e longitude -56 43’5884735”), deste ponto por uma linha geodésica até a margem esquerda do “Lago do Macurany”, ponto 4 (latitude -02 38’38.14356” e longitude -56 44’07.85614”), deste ponto seguindo por linha geodésica, limite entre o bairro Paulo Corrêa e o loteamento Teixeira até na intersecção com o final da Rua Dom Arcângelo Cerqua, seguindo por uma linha geodésica, no sentido Noroeste, no limite entre o Bairro Itaúna II e o loteamento Tonzinho Saunier, no ponto 5 (latitude -0238’45.93784” e longitude -56 44’40.19714”), segue pela Estrada do Macurany, no sentido Sudoeste, até a intersecção com a travessa Cinco do Bairro Jacareacanga, seguindo por esta no sentido Noroeste até a intersecção com a Rua Itaúba, segue por esta no sentido Oeste / Leste até a intersecção com a Av. Acariúba, segue no sentido norte até a intersecção com a Rodovia Odovaldo Novo, deste por uma linha geodésica até a

margem direita do rio Amazonas, ponto 6 (latitude $-02\ 38'08.07437''$ e longitude $-56\ 45'39.21272''$), seguindo por este no sentido Oeste / Leste até o Ponto Inicial.

Mapa 1- Localização do município de Parintins - AM



FONTE: Google maps, 2015; CPRM, 2015; IBGE, 2010. Organizado por: Thiago Franco, 2016.

Segundo dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Parintins possui área territorial de 5.951,200 Km², sua população segundo o censo 2010 do IBGE era de 102.033 habitantes no município e segundo o IBGE local, 67.655 na sede municipal e estimativa de população do município em 2016 de 112.716 habitantes.

Parte-se da classificação da cidade de Parintins como cidade ribeirinha, tendo como base Saint-Clair da Trindade Junior, Marcos da Silva e Márcio Amaral (2008) que consideram como tal que as mesmas devem estar localizadas às margens dos rios, são pequenas, locais e tradicionais, porém, as suas peculiaridades não se limitam nessas observações, Parintins é uma ilha, é uma cidade com aproximadamente 70 mil habitantes, mantém centralidade em relação aos municípios próximos, uma centralidade interurbana e uma centralidade móvel cuja hipótese é que decorra do regime hidrológico de enchente e vazante.

A centralidade principal é à beira do rio, da frente da cidade como era conhecida e denominada pelos moradores de Parintins, para a área que contorna e media o contato do rio com a cidade. “A paisagem das cidades ribeirinhas, de uma forma geral, apresenta um traçado de ruas cujo final (ou o começo) é o rio que passa em sua frente” (TRINDADE JUNIOR; SILVA; AMARAL, 2008, p. 33). A Orla de Parintins é contornada por espaços particulares, residências, armazéns, palafitas, portos (marinas), chácaras que contornam a faixa da orla, sendo que as opções de acesso da população em geral, são as vias públicas (ruas), rampas, praças com escadarias que estão se perdendo com a ocorrência das terras caídas na área da frente da cidade por onde o Rio Amazonas segue seu curso até a foz.

A circulação de mercadorias é feita exclusivamente pelo rio por meio de embarcações de diferentes tamanhos que chegam diariamente no cais do porto, vindas principalmente de Manaus; eletrodomésticos, alimentos industrializados são transportados nas balsas e nas embarcações de cargas e passageiros, abastecendo as prateleiras dos supermercados, suprindo a demanda de material de construção, gás de cozinha, combustível, entre outros.

Por outro lado, a negação desse tipo de cidade, em decorrência da modernização da vida urbana, parece conduzir não apenas a um sistema de objetos, como também a um sistema de ações que se

colocam como antônimos dos atributos até aqui elencados, sejam em termos de forma, sejam em termos de conteúdos (TRINDADE JUNIOR; SILVA; AMARAL, 2008, p.45).

Os produtos regionais e locais chegam das áreas rurais próximas e distantes, a farinha, o tucumã, o peixe, o queijo, são produtos da mesa do consumidor parintinense, vindos em pequenas embarcações que trazem esses produtos e pessoas, dificilmente há aqueles que trazem somente um ou outro, embora exista atualmente as lanchas rápidas que transportam somente passageiros, sendo estas provenientes das vilas de Mocambo, Caburi e Vila Amazônia, e sedes municipais como Barreirinha, Nhamundá e Uruará.

No livro “As Origens de Parintins”, de Arthur César Ferreira Reis, temos os primeiros relatos sobre a história de Parintins, “Vila Nova primeira pousada para quem entrava na Capitania vindo pelo Amazonas, era um sítio ótimo para a vigilância de embarcações que conduziam os gêneros de comércio” (REIS, 1967, p.14). Na administração do governador Lobo D’ Almada foram registrados a criação de novos centros urbanos: Luséia, Abacaxis, Canumã, Juruti e Tupinambarana.

Parintins sempre foi o entreposto de abastecimento e local de passagem das embarcações:

Em 1669 o Pe. Bettendorf, acompanhado pelo italiano Pe. Pier Luigi Consalvi e pelo irmão Domingos da Costa, realiza uma visita aos jesuítas e suas missões em nossa região, onde já há residência de base. Em sua crônica fala expressamente de 6 aldeias [...] São Miguel dos Tupinambaranas. A 29 de setembro dedica uma capela em honra de São Miguel na aldeia dos Tupinambaranas. É a nossa Parintins, cuja posição é bastante alta com relação à várzea circunstante. Infelizmente não há lembranças de capela com S. Miguel por orago; afinal eram capelas improvisadas em populações ainda móveis. A esta aldeia em 1689 chega o padre Antônio Fonseca, que veio para ficar assento entre os Tupinambaranas (CERQUA, 2009, p.23).

As missões religiosas estruturaram o povoado, dinamizaram a organização espacial,

Cordovil deu ao lugar o nome de Tupinambarana. [...] Sahindo de Tupinnambarana, ofereceu à Rainha a fazenda que havia fundado. Aceita a oferta foi o local elevado a categoria de Missão, em 1803, pelo Conde dos Arcos, então o Capitão-Mór do Pará, que incumbio

de sua direção Frei José das Chagas e deu-lhe o nome de Villa Nova da Rainha (BITTENCOURT, 2001, p.14).

Após a independência do Brasil houveram transformações significativas na espacialidade do que hoje corresponde ao estado do Amazonas e a Villa Nova da Rainha foi elevada à condição de freguesia com a denominação de Tupinambarana, pelo decreto de 25 de julho de 1832, do governo do Pará (BITTENCOURT, 2001, p. 14). Houve a expansão do povoado e surgem as primeiras ruas, se erguem os primeiros prédios públicos e as primeiras residências. “Vila Bela da Imperatriz foi elevada à cidade com o nome de Parintins pela lei nº 499 de 30 de outubro de 1880” (BITTENCOURT, 2001, p. 97). Em síntese, Tupinambarana, Vila Nova da Rainha, Vila Bela da Imperatriz e Parintins foram as denominações utilizadas durante o processo de aglomerado, povoado, vila e cidade.

Os vestígios foram deixados no espaço, que nos transmitem o legado cultural construído:

Cavando os alicerces da Prelazia, debaixo da camada de terra preta, foram encontrados vários cacos antigos. A mesma coisa aconteceu ao Sr. Jorge Kawakami nas escavações do novo armazém da Caçapava, onde foi descoberta uma boa quantidade dessas peças cerâmicas. Também as escavações dos alicerces da Catedral forneceram achados arqueológicos antigos, especialmente machados de pedra (CERQUA, 2009, p. 12).

Tratando-se dos artefatos indígenas, os mesmos são registros históricos da permanência da população indígena no sítio que mais tarde se desenvolveria para o urbano, aos poucos as pequenas ruas caminhos de terra batida de uma vila que ia se estruturando apareciam as homenagens às figuras de Caetano Prestes, Vieira Júnior, Silva Campos, Coronel José Augusto, Benjamin da Silva, Faria Neto entre outros, estes contribuíram na administração pública da cidade.

Em 1950, Parintins tinha, naquele ano, em sua urbe, 5.944 habitantes [...] todo restante da ilha era ainda área rural, inclusive com pastagens para o gado durante os meses de abril a agosto, quando a enchente encobria as várzeas. A Santa Clara parte mais a leste da ilha, que ainda possuía mata de capoeira, era de propriedade de Gentil Belém, que ali mantia várias atividades, inclusive uma serraria. Na área onde atualmente existem os bairros de Santa Rita e de Palmares havia campos de terra firme de João ‘Nossa’ e Elias Assayag. Por trás de onde foi construído o

Bumbodrómo estavam as pastagens de João Ribeiro (TEIXEIRA, 2007, p. 400).

As pastagens indicavam as grandes propriedades, uma cidade que foi crescendo pela necessidade da expansão por meio das ocupações, conforme Marcelo Lopes de Souza (2013), o sítio é o 'assoalho' (mormente de uma cidade), refere-se às condições naturais, o espaço se consolidando sobre aterros, construções de pontes, muros de contenção entre outras formas de materialização do trabalho humano. Mas antes disso, não se pode esquecer da população indígena que habitou e se assentou no local que mais tarde passaria a ser um sítio urbano.

Em 1952, em História e Memória Política do Município de Parintins (2011, p. 68), "A cidade apresenta-se com quatro ruas paralelas ao rio, o resto da ilha era composta por áreas rurais, com pastagens para a espécie bovina e outras criações", a rua da frente, a rua do meio, a rua de trás, as quais podemos correlacionar com as descrições de Charles Wagley (1988, p. 46) "cada rua tem o nome de um herói da história do Pará; as travessas têm nome de santos [...] os nomes indicados no mapa são raramente usados, quando o são", as ruas são determinadas como tal a partir do rio como ponto de chegada e partida, sem fazer menção a nomenclatura alguma. A cidade foi se expandindo sobre antigas fazendas de gado que surgiram devastando a floresta que foi transformada em grandes extensões de pasto, muitas dessas áreas com o passar dos anos foram loteadas, passando de terra rural à terra urbana. Fato este ocorrido, por exemplo nos bairros de Itaúna I e II, Paulo Corrêa (mais populoso) e União. Entre os bairros mais "antigos" destacamos o de São Benedito, Centro, Francesa, Palmares e Santa Clara.

Poucas são as construções que ainda resistem ao tempo, sem contar que as antigas edificações eram construídas com taipa (barro) e madeira, e que não resistiram ao tempo, novos empreendimentos revestem esses espaços de "modernidade",

O desenvolvimento histórico produz um espaço a partir da unidade dialética homem-natureza. Pelo processo de trabalho social, enquanto produto da existência humana, o espaço geográfico é construído no processo de desenvolvimento da sociedade. O processo de reprodução do espaço geográfico é determinado pela reprodução das relações sociais, fundamentada na divisão técnica e social do trabalho, em nível nacional e internacional, no âmbito da formação econômico-social. É na associação entre as determinações

históricas específicas e as condições gerais do sistema que tal configuração será definida (CARLOS, 1994, p.29).

Sobre a história de Parintins na lógica da produção do espaço, o que nos resta é o que poucos escreveram, e o que contam os moradores mais idosos os quais ainda relembram a Parintins anterior.

Segundo relato dos moradores mais antigos, o lixo era queimado nos quintais, ao invés de sacolas plásticas tínhamos cestas tecidas em cipó e sacos de pano, o pão era envolvido em pedaços de papel e vendido ao consumidor, o peixe era assado na folha de bananeira; os moradores mantinham hábitos simples como pegar suas cestas tecidas a cipó e ir ao mercado comprar carne ou outros gêneros alimentícios; suas bicicletas eram os veículos de maior rapidez no deslocamento.

Assim como ainda está na lembrança das pessoas mais idosas o acesso mais fácil que havia da população ao rio. Por ser uma ilha, o sítio urbano mantinha escadarias de acesso para quem chegava nas embarcações advindas de diferentes localidades:

Na década de 70 Parintins mantinha seu acesso ao rio por meio das escadas e rampas dispostas em pontos estratégicos: escada Coronel Nascimento Teixeira, localizada nas proximidades da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. A escada Coronel José Furtado Belém, localizada na praça do Cristo Redentor, construída em 1985; outra situada no início da rua Cordovil; a escada denominada Mayr Mendes, localizada ao início da rua Senador Álvaro Maia; a Escada situada no início da rua 31 de Março; Escada do 'Ponto Tamaquaré' e do São Benedito (HISTÓRIA E MEMÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS, 2012, p. 375).

Todas essas escadas eram o acesso à cidade pela população que vinha dos municípios vizinhos e da área rural do município, e atualmente 2016, só restam a Coronel José Furtado Belém e a do São Benedito que são pouco utilizadas e encontram-se em situação precária, visto que áreas próximas em frente à cidade desmoronam em decorrência do fenômeno de terras caídas, José Alberto Lima de Carvalho define como

Um termo regional amazônico usado principalmente para designar erosão fluvial acelerada que envolve desde os processos mais simples a altamente complexos, englobando indiferenciadamente escorregamento, deslizamento, desmoronamento e desabamento que acontece às vezes em escala quase que imperceptível, pontual,

recorrente e não raro, catastrófico, afetando em muitos casos distâncias quilométricas. É um fenômeno predominantemente complexo, inter-relacionado causado por fatores hidrodinâmico, hidrostático, litológico, climático, neotectônico e ainda que em pequena escala antropogênico (CARVALHO, 2006, p. 55).

Nas entrevistas com moradores há relatos da problemática, Parintins sempre teve erosão na frente da cidade.

Figura 1 - Muro de arrimo na orla da cidade, em Parintins-AM

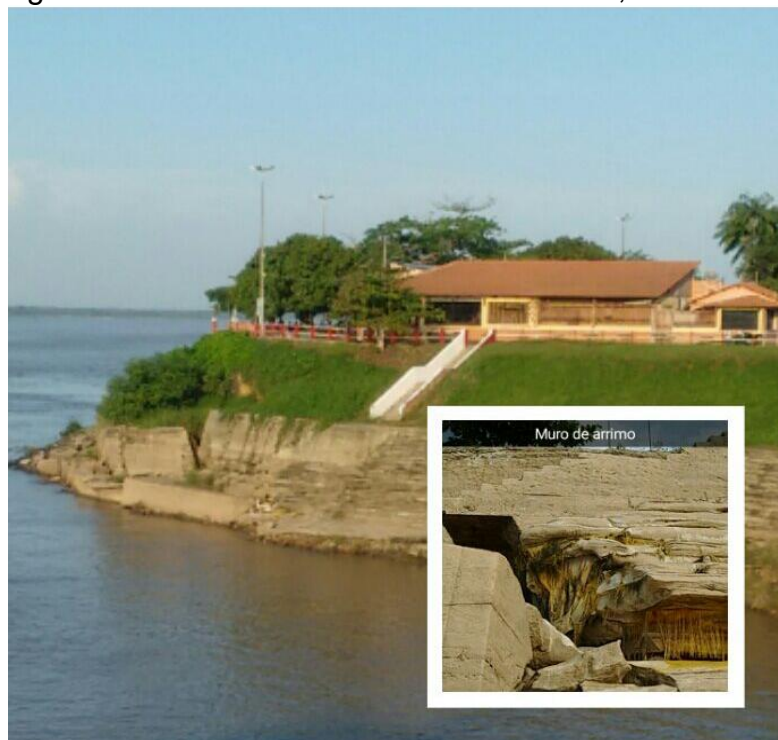


FOTO: Valdilene Siqueira, dez. 2016.

O desabamento preocupa a população e deixa em risco os moradores do local, especialmente no período da chuva quando há o agravamento da situação. Aquele que já foi o espaço para contemplar o rio, o espaço do namoro, o cartão postal da cidade está aos poucos desaparecendo.

Parintins não difere de outras cidades, pois existem contrastes nos modos e formas de morar em decorrência da escassez de terrenos pela especulação imobiliária. A maioria da população vive do comércio informal (vendedores ambulantes, tricicleiros, mototaxistas) se apropriam dos espaços públicos para garantir o seu sustento, há exemplo, mototaxistas e tricicleiros se organizam em associações. No período do Festival Folclórico, há aumento no fluxo de pessoas e mercadorias.

É comum principalmente, no período do Festival Folclórico, a divisão da cidade nas cores azul e vermelha, nas fachadas das casas e os moradores intensificam os preparativos para a festa dos bois bumbás Garantido e Caprichoso, os imóveis para aluguel chegam a preços altos em relação aos dias rotineiros da cidade, e podem variar devido à localização e conforto da casa oferecida.

Para se chegar à ilha, existe a opção por via fluvial, através de de barcos de recreio, lanchas rápidas e por via aérea, num voo de 50 minutos. As passagens aéreas são monopolizadas e vendidas por duas companhias por preços altos, isso ocorre principalmente nos dias de eventos relacionados ao Festival Folclórico de Parintins, por outro lado, facilitou a vida de muitas pessoas que há anos dependiam exclusivamente dos barcos de recreio, cuja viagem era de quase 24 horas. Há também a conexão de Manaus (AM) - Santarém (PA), de uma das companhias aéreas. A presença da lixeira a céu aberto a 2 quilômetros do aeroporto, atrai urubus e outros pássaros, que por sua vez, colocam em risco os voos diurnos, uma vez que tais aves podem colidir com as aeronaves e causar graves acidentes. A não obediência às normas de aviação, já resultaram na interdição do aeroporto Júlio Belém.

Durante o trajeto, é possível deslumbrar a visão panorâmica da floresta, a imensidão do rio é de se perder de vista, a floresta e pontos de desmatamento, casas isoladas, pequenas vilas e pequenas cidades.

Nas lanchas rápidas, as passagens estão em torno de R\$150,00, uma viagem com duração aproximada de 9 horas no período da cheia, e 10 horas no período da vazante, principalmente quando a viagem se estende às cidades de Barreirinha e Boa Vista do Ramos (AM). Existe uma correlação entre as cidades, as quais mantêm uma dinamicidade no nível local, o ir e vir, os encontros, as relações econômicas são elementos presentes, e que refletem na dinâmica local, desse modo,

A respeito das cidades direta ou indiretamente relacionadas ao padrão fluvial, poderíamos ainda discernir duas formas-conteúdo: as cidades ribeirinhas e as cidades beira-rio. Há cidades que assumem uma forma e um conteúdo ribeirinho não simplesmente por sua localização à beira do rio, posto que é significativo o número de cidades que estão localizadas à beira do rio e não podem ser adjetivadas como ribeirinhas, considerando que os conteúdos socioespaciais as colocam em um outro plano de relações, seja com a ordem socioeconômica próxima, seja com a ordem

socioeconômica distante. As cidade ribeirinhas, diferentemente das cidades beira-rio, têm fortes articulações socioeconômicas e culturais com a escala geográfica local e regional; articulações estas que traduzem estreita relação com o rio, não simplesmente pela localização absoluta daquela em relação a este último, mas principalmente pelas relações econômicas e socioculturais que incluem o rio como um dos importantes elementos que referenciam espacialidades e territorialidades urbanas (TRINDADE JUNIOR; TAVARES, 2008, p.11).

Dependendo do regime hidrológico (cheia/vazante) e do tipo de embarcação de recreio, a viagem no trecho Parintins a Manaus dura cerca de 23 horas, e de Manaus a Parintins cerca de 16 horas nas embarcações locais, mas há também barcos provenientes do Estado do Pará fazem a conexão no porto de Parintins e embarcam e desembarcam cargas e passageiros.

Assim, na cidade de Belém, os portos e trapiches são partes integradas, os portos um lugar de trabalho, de trocas de mercadorias, de circulação de informações e de outros valores simbólicos entre os que vivem nas cidades e aqueles da região do entorno, de áreas rurais, de povoados e de cidades de menor porte que a metrópole. O porto é também um lugar de identidades, de laços de sociabilidade que são tecidos quotidianamente, em horários diferentes conforme diversas funções sociais e econômicas desenvolvidas nesse espaço. Um lugar de conectividade e portanto de articulação de redes sociais (CASTRO; SANTOS, 2006, p. 31).

As instituições públicas e privadas de ensino superior são responsáveis pelo alto índice de deslocamento de estudantes para o município, dessa forma conta com a Universidade Federal do Amazonas⁴, Universidade do Estado do Amazonas, faculdade UNOPAR com educação à distância, faculdades de pós-graduação no nível de especialização com aulas durante o último fim de semana de cada mês, na rede estadual do município, existem 15.657 alunos matriculados com 15 escolas na zona urbana, um número considerável de escolas municipais e uma rede SESI com ensino infantil e fundamental e um Instituto Federal do Amazonas⁵ com ensino médio e profissionalizante.

A sede municipal possui um abatedouro de bovinos, o Frigorífico Municipal Osório Melo e uma cooperativa de pescadores de Parintins (COOPESCA). Os produtos regionais advém da área rural das comunidades próximas, mas a chegada

⁴ 1.779 acadêmicos matriculados em 2016.

⁵ 823 alunos matriculados em 2016.

é exclusiva por via fluvial, com exceção das advindas das comunidades de Aninga, Parananema e Macurany que são áreas do entorno da sede municipal. Na análise de Teresa Salgueiro e Herculano Cachinho (2009) as relações entre a cidade e o comércio são dinâmicas e fundadoras em ambos os sentidos. A cidade é produto das decisões e das práticas de vários atores, designadamente as de consumo, essas práticas possuem também uma dimensão espacial, onde o espaço e a cidade servem de contexto e suporte às ações desenvolvidas pelos atores, o comércio atrai clientes e mercadorias. A evolução do ponto de vista econômico e espacial, geram mudanças na sociedade com a transformação dos valores e estilos de vida, a evolução dos aglomerados e as metamorfoses da estrutura urbana.

Existem por toda a cidade espaços de comercialização de produtos do setor primário, no entanto, os principais: Feira do Bagaço e Mercado Municipal Mundico Barbosa, situados no bairro da Francesa; Feira do Produtor, Mercado Municipal no centro da cidade, Feira da Rua 03 (Rua Pe. Augusto Gianola) no bairro de Paulo Corrêa, com venda do pescado à hortaliças como o cheiro-verde, entre tantas outras áreas de vendas, dispostas nas calçadas e outros espaços públicos da cidade. É possível observar nas feiras os derivados da mandioca: a farinha, a tapioca, o tucupí, em meio a poucas frutas regionais como o tucumã e a pupunha, por outro lado é mais comum se encontrar as frutas de outras regiões do Brasil, como a maçã, a uva, a pêra. As hortaliças, cheiro-verde, pimenta cheirosa, couve, são provenientes das comunidades rurais próximas, das comunidades de várzea da região do Limão, Boto e muitas outras, mas o agravante é a falta de investimento e infraestrutura para o setor primário local

A alimentação no Estado do Amazonas é viabilizada por meio de hábitos alimentares e de compra que, cada vez mais dependem dos produtos industrializados e beneficiados oriundos de Manaus e demais Estados da Federação e até países estrangeiros (MORAES, 2014, p. 167).

Nas residências a farinha de mandioca é essencial na alimentação, nas feiras, o pão com tucumã (X-caboquinho); o consumo do peixe já não é tão presente, à mesa do parintinense o frango e a carne bovina são servidos quase que diariamente, visto que o pescado é um produto caro que economicamente poucos podem consumir.

Pelas entrevistas com os proprietários das embarcações, os supermercados mais citados para as compras dos moradores da área rural são: Casa Góes localizada no Bairro da Francesa, Supermercado Baranda localizado no Centro da cidade, Supermercado Brasileiro localizado no Bairro de São José Operário, Casa Sony no Bairro de Santa Clara, além de outros estabelecimentos comerciais com venda diversificada no varejo e no atacado.

Outro aspecto aferido durante pesquisa de campo no período de abril a agosto (2016) foram os bazares de roupas, calçados, acessórios femininos (brincos, cordões), mudas de plantas que eram vendidos durante fins de semana em calçadas de residências e de pontos comerciais; a venda online pelos grupos do WhatsApp se tornam atividade econômica que gera renda para muitos parintinenses, visto que se pode anunciar a venda de determinado produto, negociá-lo a preços acessíveis e entregar na residência, numa cidade como Parintins ainda pequena é possível a circulação comercial num curto espaço de tempo. As pequenas cidades na Amazônia são inseridas no circuito comercial moderno pelas trocas comerciais que se desenvolvem, antes tínhamos as cadernetas que anotavam as contas a serem pagas, substituídas pelo crediário da loja e atualmente compra-se com o cartão de crédito facilitado pelas empresas bancárias.

A hotelaria é dividida em hotéis e pousadas, dos quais se destacam o Hotel Brito, Amazonas, Ariaú Tower localizados na Avenida Amazonas, Amazon River situado às margens da Lagoa da Francesa no bairro de Santa Rita.

No sistema bancário temos o atendimento do Banco Bradesco, Itaú, Banco da Amazônia, Banco do Brasil e Caixa econômica Federal, além de financeiras que se concentram próximo a antiga praça da Prefeitura.

O município não realiza o gerenciamento integrado de resíduos sólidos. E por não realizar a coleta seletiva, despeja-se na lixeira pública, a céu aberto, uma quantidade considerável de resíduos, sendo estes originários dos domicílios, da limpeza pública, dos serviços de saúde, da construção civil, e outros. Na saúde temos os serviços ambulatoriais, 07 Postos de saúde, dois hospitais e clínicas com atendimento particulares.

Os espaços públicos como as Praças Eduardo Ribeiro, da Catedral, da Liberdade, do Comunas (Judith Prestes), do Sagrado Coração de Jesus, dos Bois, do Balneário Canta Galo, nas demais praças, predomina o comércio, tais como

lanches, lojas de artigos em geral, veículos, mesas e cadeiras dos bares, entre outros.

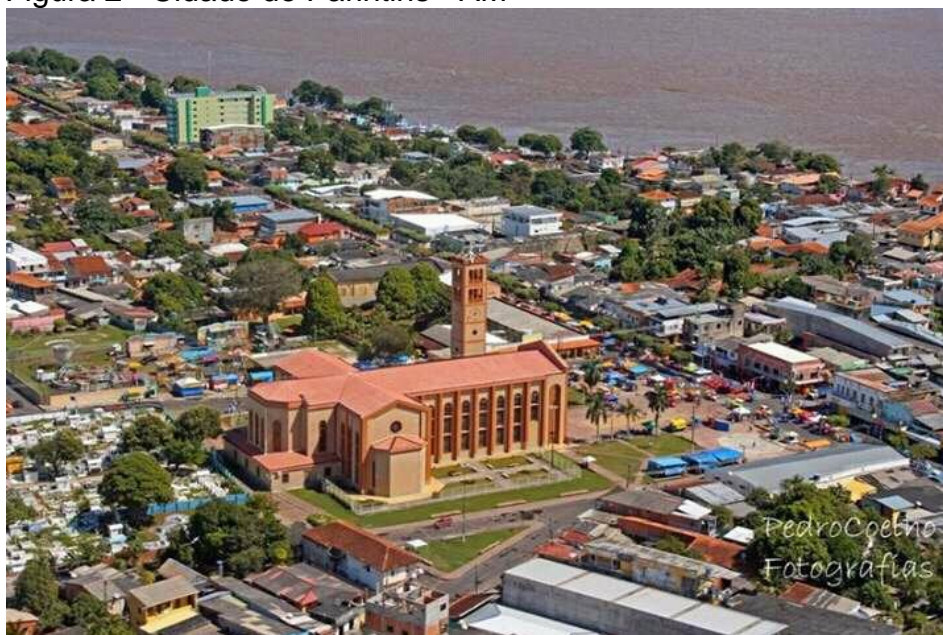
As intervenções públicas localizadas e desarticuladas, que fazem parte de uma prática constante do planejamento urbano no Brasil, atuando de maneira 'curativa' e não 'preventiva', vêm acarretando uma acelerada deteriorização dos espaços públicos e, em consequência, uma depreciação generalizada na qualidade de vida de seus cidadãos, principalmente aquele de baixa renda, não deixando de afetar substancialmente os grupos sociais mais abastados, que têm de 'viver a cidade' convivendo com inúmeros problemas (FERREIRA, 2002, p. 2).

A população recria espaços de lazer, terrenos viram campos de futebol para um bairro inteiro, nas ruas há brincadeira de papagaio (pipa) que se torna brincadeira perigosa, pois ameaça a vida de motociclistas. As ruas de acesso ao rio ou portos improvisados viram balneário para crianças e adolescentes

O espaço urbano que se produz num lugar qualquer da Amazônia não é único, ele está contido e contém uma totalidade que inclui tanto o processo de desenvolvimento recente para a região como a forma de produção da sociedade nacional, refletindo a maneira da espacialização de outras cidades brasileiras, assinalada pela contradição: de um lado, riqueza e bem-estar e, de outro, pobreza e miséria (OLIVEIRA, 2000, p. 22).

A movimentação da economia no município foi permeada por ciclos econômicos; Roberto Lobato Corrêa (2006) destaca que a partir de 1935 aproximadamente, ocorreu a introdução da cultura da juta pelos japoneses, onde as pequenas cidades, Parintins e Itacoatiara, eram importantes centros de comércio e beneficiamento de juta, um produto destinado, sobretudo, às fábricas paulistas de sacaria; assim como, a pecuária e movimentos migratórios principalmente da zona rural, além do Festival Folclórico que contribuíram para a estruturação da cidade conforme informações do livro História e Memória Política do Município de Parintins (2012).

Figura 2 - Cidade de Parintins - AM



FONTE: Pedro Coelho, 2016.

Ao chegar em Parintins pelo Rio Amazonas, o observador irá inicialmente deparar-se com o Amazon Residence, a torre da Catedral e o paredão verticalizado do Liceu de Artes e Ofício Cláudio Santoro, anexo ao Bumbódromo, as bandeiras dos bois bumbás Garantido e Caprichoso as torres de comunicação que aos poucos tornam-se um emaranhado na paisagem, ao se aproximar há ainda o muro de arrimo que foi construído para conter o fenômeno das terras caídas.

Chegamos a estas cidades transpondo os rios onde elas surgem emolduradas pela floresta. Estas cidades vistas uma vez, nunca mais serão esquecidas, não porque deixem, como outras cidades memoráveis, uma imagem extraordinária nas recordações. A cidade na Amazônia, ou maior parte delas, tem a propriedade de permanecer na memória rua por rua, casa por casa, apesar de não possuir particular beleza (OLIVEIRA, SCHOR, 2008, p.15).

Mais recentemente, o Amazon Residence, (Azulay construtora e incorporadora), prédio em construção que futuramente terá apartamentos com dois dormitórios, sendo 01 suíte, elevador e vaga de garagem, cujo preço a partir de R\$ 180.000,00 cria no imaginário das pessoas um novo modo de habitar numa cidade ribeirinha da Amazônia, que investe no marketing de morar próximo e ter vista para o rio Amazonas, contar com segurança e qualidade de vida.

A cidade conta com construções, tais como Rádio Alvorada, a Catedral de Nossa Senhora do Carmo e demais igrejas católicas, Hospital Padre Colombo,

creches infantis, Colégio Nossa Senhora do Carmo, as quais são obras da diocese com padres italianos, além de igrejas evangélicas como a Assembleia de Deus, o Colégio Batista de Parintins fundado pela Família Lessa. No período econômico da juta foram construídos grandes armazéns para estocar tal produto e atualmente estes servem como galpões para os bois bumbás confeccionarem suas alegorias para o Festival Folclórico.

Parintins apresenta a mesma realidade de outras cidades, a violência, o ir e vir, a segregação social, o lugar do aperfeiçoamento pessoal, o espaço de acesso a equipamentos urbanos não tão presentes no interior⁶, é estereotipada por muitos, como um lugar de magia e beleza, assim como a Amazônia, “Nós temos sido inundados por uma recente enxurrada de livros populares e acadêmicos [...] As metáforas descrevendo a Amazônia são tipicamente monumentalistas e ilusórias...” Browder, Godfrey (2006, p. 19), Parintins é vendida por seu Festival Folclórico, o que se reproduz na mídia, e até pelos seus moradores que a mesma é a ilha da magia, terra do folclore, terra de artista, terra do boi bumbá, no entanto, o que se vivencia é uma outra realidade, distante da que ocorre nos três dias do Festival Folclórico, onde tudo funciona.

A partir dessas contradições é que será analisada e investigada o quanto a centralidade urbana é influenciada pelas dimensões culturais que se torna referência para outras cidades, as quais tentam reproduzir ou se aproximar dos elementos que caracterizam o Festival Folclórico de Parintins, pelas dimensões socioeconômicas pela dinamicidade do comércio e dos serviços e também até que ponto é influenciada pela dinâmica dos rios. Tais aspectos não são estanques, mas complementares e articulados.

1.2 Centralidade numa Cidade Ribeirinha da Amazônia: Parintins-AM

A cidade de Parintins, assim como outras cidades passa por modificações em sua paisagem e modo de vida urbano com influência nas formas e funções do espaço. A estrutura não é a mesma de antes, torna-se necessário conhecer e entender os processos de permanências e rupturas presentes na cidade e como a

⁶ Na Amazônia a ideia de campo não se assemelha a de outras regiões do Brasil, onde o campo é floresta, rio e terra. Neste sentido, utilizaremos o termo conforme o texto “Relações cidade e campo na Amazônia: as trocas materiais e imateriais” de Maurício Adu, (2016).

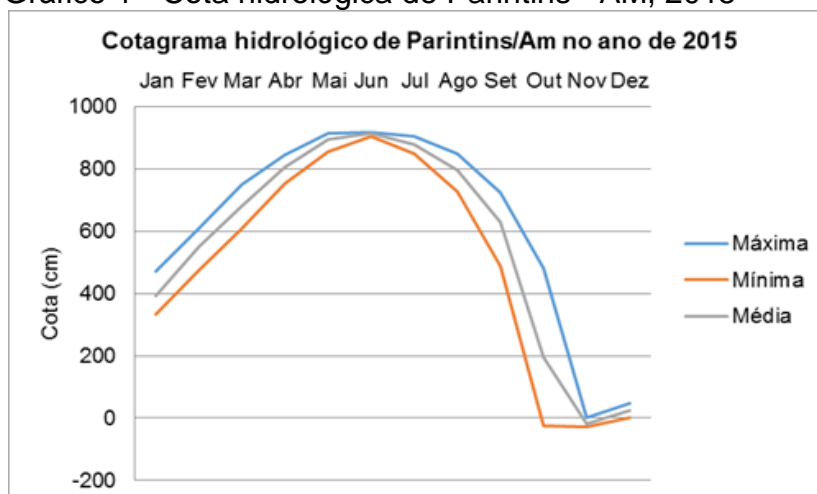
centralidade muda, essa mudança ocorre todo ano e que para muitos passa despercebida, por meio de períodos de cheia e vazante do rio, sendo que a primeira dinâmica da centralidade situa-se na “beira” na “frente da cidade”, a qual tem o rio Amazonas como limite e a segunda em outras áreas da cidade, as quais são banhadas pelo Rio Macurany. Considerando-se a dinâmica do comércio, serviços e o fluxo de pessoas, a “Lagoa da Francesa” é uma das áreas que permitem entender o papel do que se considera centralidade móvel, seguindo o que preceitua Ana Fani Carlos,

Os momentos de produção do espaço geram centralidades diferenciadas em função do deslocamento do comércio, dos serviços e do lazer. Essas transformações decorrentes das funções dos lugares da cidade geram o que chamo de 'centralidades móveis' - movimentação no espaço metropolitano de centros geradores de fluxo assentadas nas novas formas de comércio e dos serviços modernos (CARLOS, 2007, p.15 - grifos meus).

No caso de Parintins, estamos falando de uma cidade média com especificidade de centralidade que pode ocorrer em função da dinâmica do rio, e essa inversão modifica os fluxos do urbano, mas não gera modernização no comércio e serviços que parecem ser cristalizados no espaço. Na literatura é mais comum discorrer sobre a centralidade nas grandes metrópoles e nas cidades médias, visto que nas cidades pequenas esse fator urbano é pouco estudado, por tratar-se de inércia comparada a outras. Estamos de acordo que “a discussão sobre centralidade é pouco expressiva no que diz respeito às cidades pequenas, uma vez que essa temática tem sido mais trabalhada pelos geógrafos para análises dos espaços intraurbanos das cidades médias e das metrópoles” (OLANDA, 2010, p. 141), no entanto, é necessário investigá-la para compreender como a mesma influencia na dinâmica da cidade.

É possível inferir que na cidade de Parintins existe a dinâmica da sazonalidade dos rios, durante os meses de julho a dezembro o rio começa um processo de descida das águas, é o período da vazante; e de janeiro a junho o período de cheia do rio, essa dinâmica possui uma variação anual.

Gráfico 1 - Cota hidrológica de Parintins - AM, 2015



FONTE: Agência Nacional de águas – ANA. Organizado por Thiago Franco, 2017.

Na vazante a maioria das embarcações atracam em frente a cidade, enquanto outras atracam durante o ano todo independente do período, isso demonstrado nos dados da pesquisa de campo que será tratado no item 1.3. Segundo Carvalho (2012), o regime hidrológico do rio Amazonas, resulta fundamentalmente do regime pluviométrico irregular tanto temporal quanto espacial.

Registros diários do regime hidrológico no porto de Manaus [...] mostram que o rio Amazonas começa a subir em novembro/dezembro e vai até junho/julho. Já a vazante começa em julho/agosto e vai até outubro/novembro. Verifica-se que o rio leva de seis a sete meses subindo e desce em apenas quatro a cinco meses. Por tanto, o tempo de vazante é bem menor do que o tempo de enchente (CARVALHO, 2012, p. 52-53).

Na cheia as embarcações atracam na área da “Lagoa da Francesa” e em outros pontos da cidade, Souza (2013, p. 68) enfatiza que na “década de 1990, os principais pontos comerciais da cidade estavam localizados na Rua João Melo, com acesso a Rampa do Mercado Municipal; e na Francesa com acesso à “Lagoa da Francesa”. Fato que comprova que nestas duas áreas, o centro e a centralidade se dão a partir da dinâmica do rio.

O sítio da cidade é um arquipélago entrecortado por furos e pequenos canais fluviais. O rio Amazonas passa em frente à cidade, a “Lagoa da Francesa” que é afluente do Rio Macurany, é circundada por parte do Bairro de Santa Clara, Francesa e Castanheira, bairro este que também tem acesso ao Rio Macurany que é envolvido por parte do bairro de Santa Rita, Palmares, Nazaré, São Vicente, Paulo

Corrêa e União. “O homem e o rio são os dois mais ativos agentes da geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências criando tipos característicos na vida regional” (TOCANTINS, 2000, p. 277). As relações capitalistas, e a produção do espaço faz com que o homem se adeque conforme as suas necessidades de mobilidade e permanências, no caso de Parintins pelo fato do sítio estar numa ilha, há ajustamentos quanto aos espaços de moradia, acessibilidade e mobilidade. A partir de seu crescimento horizontal urbano e a necessidade de conexão e acessibilidade ao núcleo central da cidade, os gestores municipais iniciaram um trabalho de aterramento das vias de ligação no trecho da “Ponte do Gabião” na Rua Paraíba, na “Ponte da cidade Garantido ou Ponte da Fabril” que dá acesso a Rodovia Odovaldo Novo e aeroporto, “Ponte Amazonino Mendes” que liga os bairros de Itaúna, Paulo Corrêa e União a outras áreas da cidade. Com o crescimento da cidade e aumento populacional, o espaço urbano ganha amplitude, desse modo, o centro demanda centralidades.

No caso de Parintins, o centro é visto como lugar atrativo para a população, o qual concentra maior número de atividades relacionadas ao comércio e serviços. “A produção e reprodução do espaço a partir das atividades comerciais e de serviços dão visibilidade às centralidades que são criadas ou redefinidas” (GARCEZ, 2009, p. 101). A cidade cristaliza ao longo do tempo, o seu crescimento onde sua estruturação aparecerá nas formas e nas funções as quais demandam intensa articulação com outros lugares por seu grau de importância.

Assim a centralidade é a relação entre os espaços com maior densidade de meios de consumo, coletivos, individual, e o que representam esses espaços em termos de valor histórico e simbólico, bem como as possibilidades de se ter acesso a eles. Essas perspectivas levam-nos a associar o centro às localizações, e a centralidade, aos fluxos que afluem ao centro e dele efluem, assim como as representações que sobre essas áreas se constituem (SPOSITO; GÓES, 2013, p. 121).

A centralidade pode ser influenciada pelo deslocamento de pessoas, a facilidade ou dificuldade para tal, o acesso à internet é um fator que ameniza o deslocamento ao centro, podendo contribuir para a diminuição dos fluxos, mas que não desaparece ou possui algum fator indutor, como a análise do papel da dinâmica do rio na dinâmica da cidade.

1.3 A Dinâmica do Rio e a Centralidade Móvel: “Lagoa da Francesa” e Orla da Cidade

No contexto de uma cidade ribeirinha da Amazônia há espaços em que se diferenciam por peculiaridades locais que podem se assemelhar com outras áreas, podendo ser similares, mas nunca iguais. Um desses ambientes é a conhecida popularmente como “Lagoa da Francesa” que foi sendo modificada ao longo do tempo, as ações do poder público possibilitaram o melhoramento urbanístico e com isso atraiu moradores, comerciantes, e habitantes de outros lugares, os quais configuraram esse espaço. Para se aprofundar o estudo, se faz necessário ampliar, a geografia física do lugar, partindo da rede hidrográfica amazônica.

A rede hidrográfica amazônica apresenta uma série de anomalias de drenagem e é marcada principalmente por fatores estruturais, tectônicos e pelas flutuações do nível oceânico que influenciaram grande parte da atual configuração no curso inferior e médio do rio Amazonas e em seus afluentes.

As interpretações acerca do padrão de drenagem dos rios amazônicos tiveram início na década de 1950 com os estudos pioneiros de Sternberg. Após os primeiros levantamentos, o Projeto Radam Brasil iniciou um mapeamento em nível de reconhecimento e um apanhado regional da paisagem e seus elementos, que também contribuiu para o entendimento e interpretação da atual rede de drenagem.

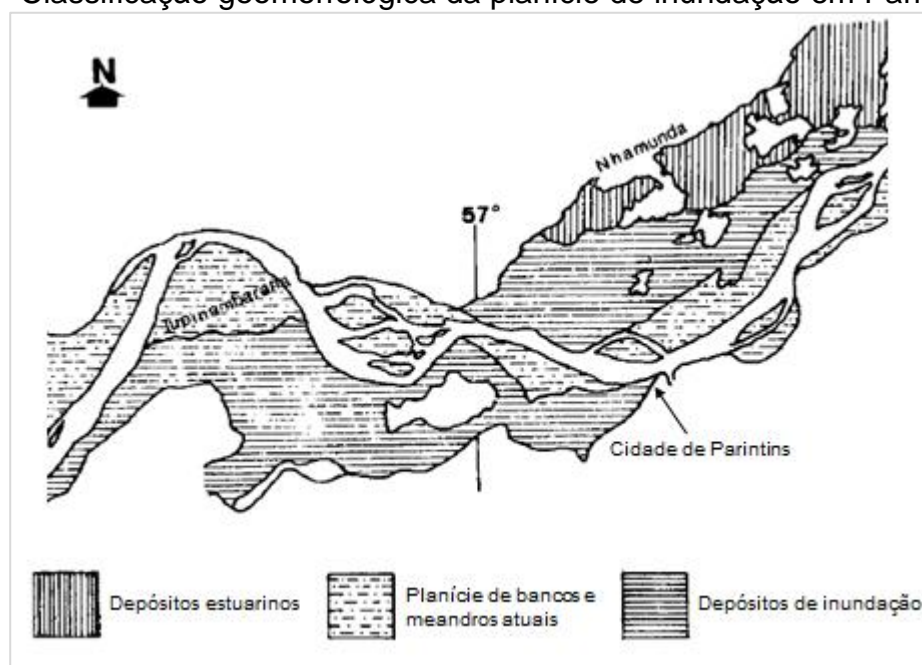
Utilizando-se do critério denominado de descritivo-genético e interpretação de imagens do Radam Brasil, Iriondo (1982) descreveu quatro formações geomorfológicas existentes na várzea do rio Amazonas a partir da sua entrada no Brasil até o ambiente deltaico litorâneo: a planície de bancos e meandros antigos; depósitos estuarinos; planície de bancos e meandros atuais e; os depósitos de inundação. Dessas formações, apenas duas unidades ocorrem no município de Parintins, a planície de bancos e meandros atuais e os depósitos de inundação.

A planície de bancos e meandros atuais descreve uma faixa de sedimentos arenosos que o rio deposita durante a fase atual. Ela é formada por séries de bancos arqueados estreitos e muito longos, depositados por migração lateral de todo o canal ou de um braço. Esses bancos podem ter até mais de 10 km de comprimento e largura que varia entre 100 a 200 m.

Os depósitos de inundação ocupam extensas áreas do norte do município de Parintins, incluindo grande parte do complexo Macuricanã, estando limitado ao norte pelos depósitos estuarinos no baixo curso do rio Nhamundá.

Na ilha tupinambarana a planície amazônica sofre um alargamento e o seguimento seguinte tem de 30 a 40 km de largura, descrevendo um arco de uns 170 km para nordeste até o rio Trombetas. As barrancas são irregulares e têm vales afogados em frente aos depósitos de inundação. Nos trechos retos ou arqueados, alguns vales afogados de grande tamanho estão em contato com a planície de bancos atuais (IRIONDO, 1982).

Figura 3 - Classificação geomorfológica da planície de inundação em Parintins - AM



FONTE: Modificado de Iriondo (1982). Organizado por: Rildo Marques, 2017.

No médio Amazonas, os rios que drenam formações terciárias foram interceptados próximo à foz durante o último interglacial pleistocênico. O aumento da temperatura em nível global causou a elevação do nível do mar, fazendo com que esses afluentes do rio Amazonas tivessem sua foz afogada.

O Paraná do Ramos e o Urariá, localizados próximo à cidade de Parintins e de Maués, respectivamente, juntaram-se e acabaram por cortar o curso inferior dos rios Maués-Açú, Andirá e Uaicurapá, que antes desaguavam na margem direita do rio Amazonas. Em Parintins, a área da drenagem do Macurany foi toda retrabalhada e o surgimento do Paraná do Ramos bloqueou ainda a antiga foz do Zé Açú.

À medida que o Paraná do Ramos bloqueou o Andirá, Uaicurapá e o Zé Açú, o rio Amazonas passou a preencher parcialmente a planície com sedimentos e esses rios ficaram com sua foz em forma de foz afogada ou ria fluvial.

A característica mais importante das rias fluviais é a de apresentar rios com foz totalmente afogada, em virtude das transgressões marinhas. O leito atual desses rios é desproporcional à largura do vale, cujo talvegue anterior à transgressão está muito abaixo do nível das planícies do leito maior do atual fundo de vale (GUERRA; GUERRA, 2011).

Essa alteração no padrão de drenagem fez com que a “Lagoa da Francesa” adquirisse a configuração atual conforme afirmação de José Alberto de Carvalho:

A Francesa não é lagoa nem lago, e sim um afluente do Rio Macurany, denominado popularmente também como “Lago do Macurany”, que do ponto de vista conceitual é um rio, que durante esse processo também sofreu alterações devido à interceptação do seu fluxo. Mesmo cortado no seu curso superior, o Macurany não deixou de ser um rio, ainda que tenha sido parcialmente bloqueado. A Francesa, portanto, sendo um antigo afluente do Macurany, é um canal com padrão dendrítico e de primeira ordem (entrevista concedida em janeiro de 2017).

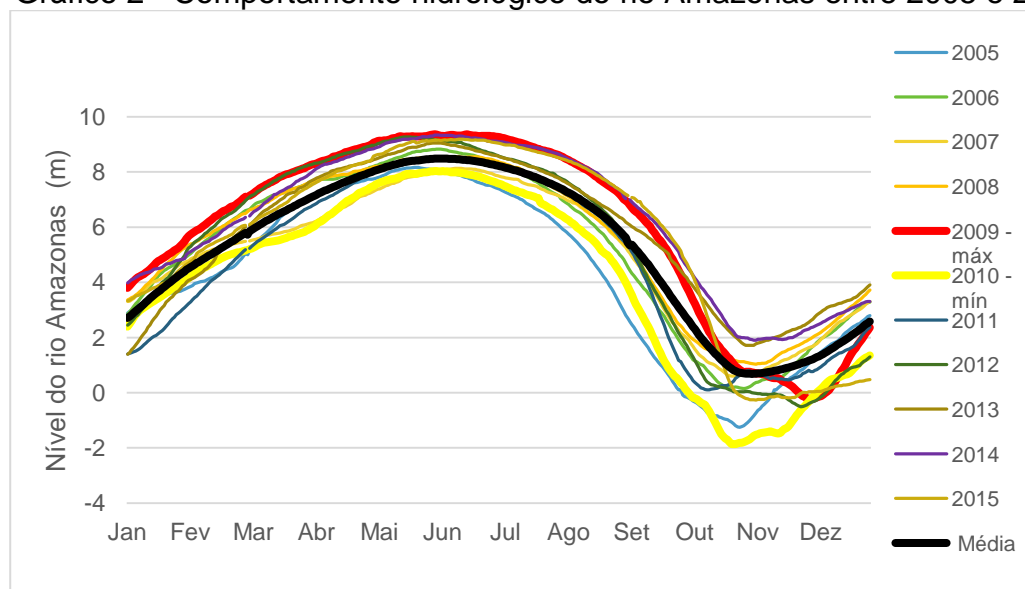
Geomorfologicamente, parte das margens da “Lagoa da Francesa” integra-se a um arquipélago formado por terraços fluviais, possivelmente Plio/Pleistocênico. É aceito que os terraços localizados na margem do rio Amazonas tenham sido entalhados durante o rebaixamento do nível do mar causado pela queda da temperatura no último glacial, onde grande parte dos oceanos e mares ficaram em forma de gelo.

Analisando a atual configuração morfológica da “Lagoa da Francesa” observa-se que devido à migração lateral do rio Amazonas para a margem direita, em direção ao terraço fluvial da cidade de Parintins, parte da sua foz foi erodida e, logo a jusante, formou-se uma zona de depósito do rio que durante a vazante chega a bloquear a confluência com o Amazonas.

Quanto ao regime fluviométrico, a “Lagoa da Francesa” acompanha a variação de nível do rio Amazonas. No entanto, durante o período de vazante o seu leito fica totalmente seco. O registro das cotas médias diárias da Agência Nacional de Águas – ANA mostra que o rio Amazonas em Parintins começa a subir em

novembro/dezembro e vai até junho/julho, a vazante começa em julho/agosto e se estende até outubro/novembro.

Gráfico 2 - Comportamento hidrológico do rio Amazonas entre 2005 e 2015



FONTE: Agência Nacional de Águas. Organizado por: Rildo Marques, 2017.

O relevo da área da “Lagoa da Francesa”, por se encontrar dentro de uma bacia sedimentar, apresenta o tipo modelado do terreno praticamente plano ao longo de sua extensão. Essa faixa permanece alagada de forma temporária pelas águas fluviais.

Mariano Costa Neto (2011) descreve em seu trabalho que a área era um espaço de lazer, utilizado pelos moradores da cidade de Parintins, para passeios de canoa, prática de pesca e como balneário. Durante a vazante formavam-se vários campos de futebol, que atualmente apresentam certo risco, porque as crianças brincam num solo com possíveis contaminações. A denominação “Lagoa da Francesa”, conforme relatos dos moradores, se dá pelo fato de um casal de franceses terem morado às margens, e tinham um estabelecimento chamado “Pensão”.

A ida a campo possibilitou o contato com um dos moradores do entorno da “Lagoa da Francesa”, I. A., que por meio de entrevista relatou:

Antes as embarcações que atracavam nesse local eram pequenas de 12 a 15 metros e com toldo de palha, e à medida em que vai se transformando em área de atracação possibilitou a comercialização de animais silvestres, peixe das mais diversas variedades, madeira,

plantas medicinais, essências, palha para cobertura das casas e outros produtos regionais. O tronco da árvore de cedro servia como suporte para a lavagem de roupas. Na vazante havia as cacimbas por onde as conversas eram as mais variadas, para quem quisesse atualização dos fatos da cidade ou vinha para a área da “Lagoa da Francesa” ou ia para o Mercado Central na frente da cidade. (Entrevista concedida em maio de 2016).

No livro História e Memória Política do Município de Parintins, consta que a lei nº 8 de 04 de dezembro de 1954 e a lei nº 8 de 20 de setembro de 1955 autoriza a construção de duas lavanderias flutuantes na “Lagoa da Francesa”, nessa época periferia da cidade, um modo de valorizar o trabalho das lavadeiras. O entrevistado, I.A. identifica que esse local era onde fica o atual SAAE, nas mediações da Vila Submarino, que atualmente é um espaço ocupado e degradado pela ação antrópica.

Benedito Azêdo ex-prefeito municipal (1973-1977) em entrevista que consta no livro História e Memória Política do Município de Parintins (2012) retrata que a Francesa era dedicada às lavadeiras e servia de ancoradouro de pequenos barcos, a água era limpa e servia a diversos fins. Em 1975, se estudou a possibilidade de construir um muro de arrimo, pedra e concreto armado, que ligasse a Avenida Amazonas à Travessa João Meireles, projeto aprovado na Câmara Municipal que melhoraria o acesso ao bairro da Francesa.

Antes do aterro a circulação de pessoas e mercadorias ocorria com maior dificuldade; a construção da escadaria e o asfaltamento das ruas próximas à “lagoa” na década de 1980 facilitou a movimentação no local. Dessa forma, como discutido por Milton Santos,

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e, ao mesmo tempo, novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas – tornadas assim forma-conteúdo- podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço (SANTOS, 2014, p.106).

Com as transformações socioespaciais, houve a inserção de novos elementos no espaço, o Mercado Municipal Mundico Barbosa, a Casa das malhadeiras, a Casa Rei Davi, o Feirão Belém, a loja CalipSom, o Mercantil Santiago, Rei do Mocotó, e algumas barracas de hortifrutigranjeiros, assim como de

produtos regionais. Tal espaço é composto de uma diversidade de lojas com venda de alimentos e bebidas, calçados, confecções, eletroeletrônicos, um trecho comercial atrativo para a população da cidade que busca no local a compra de produtos regionais e para a população do interior que vende seus produtos e compra outros nas lojas do entorno.

Constatou-se que as embarcações que estão atracadas na escadaria da “Lagoa da Francesa”, eram as mesmas que no período da vazante estavam na parte norte da ilha, na frente da cidade, provenientes da região de Vila Amazônia, Uaicurapá e Andirá, fato comprovado durante pesquisa de campo na aplicação de formulários e observação.

Tabela 1 - Origem das embarcações no período de cheia e vazante em Parintins-AM

Origem da embarcação	QUANTIDADE	
	VAZANTE	CHEIA
Santarém	1	-
Área Rural do Estado do Pará	1	-
Juruti	5	2
Barreirinha	1	-
Nhamundá	1	-
Urucará	1	-
Área Rural do município de Parintins	21	23
Área Rural de Barreirinha	3	5
Parintins	7	10

Fonte: Pesquisa de Campo jan e mai de 2016. Organizada por: Valdilene Siqueira.

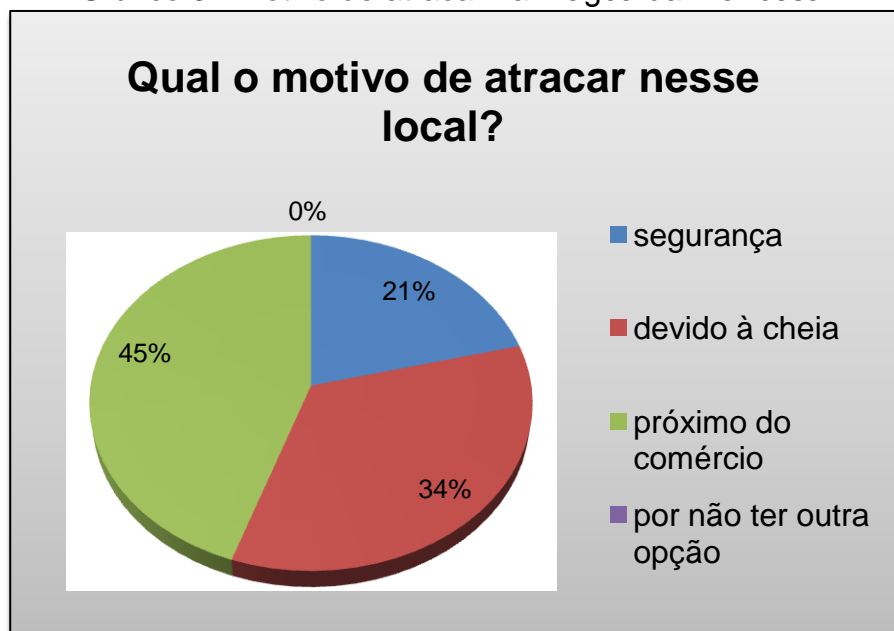
Por outro lado, averigou-se que as embarcações provenientes dos distritos de Mocambo, Caburi e dos municípios de Barreirinha e Urucará por questão de distância e rápida passagem pela cidade, pois chegam e retornam no mesmo dia, não optam em ir para a Francesa mesmo estando no período de cheia. Nota-se que a centralidade das embarcações em frente à cidade ocorre durante todo o ano com maior incidência na vazante e menor proporção na cheia, como retrata Vitor Ribeiro Filho “o ciclo anual de enchentes e vazantes rompem a relativa monotonia da região e cria novas paisagens, diferentes, fazendo com que o homem se ajuste às variações dos níveis das águas” (2011, p. 74).

Na cheia temos as águas poluídas, imprópria para o consumo, mas que move as embarcações para o abrigo mais seguro, o barulho do motor, as batidas dos martelos na fabricação dos barcos de madeira, o vai e vem das pequenas e

médias embarcações, a música com o ritmo do momento, todos esses elementos estão presentes na “Francesa”, toponímia dos citadinos e do ribeirinho que atraca em suas margens.

Para constatar a centralidade a partir da sazonalidade dos rios, foram aplicados 80 formulários junto aos proprietários de embarcações em dois momentos distintos: os primeiros 40 formulários foram aplicados no período da vazante na frente da cidade onde os barcos atracam; área do mercado, escadaria da Rua Rui Barbosa e rampa da Caçapava; e posteriormente, foram aplicados outros 40 formulários no período da cheia, na “Lagoa da Francesa”. Seus resultados estão dispostos abaixo em forma de gráficos e discussões a respeito.

Gráfico 3 - Motivo de atracar na “Lagoa da Francesa”

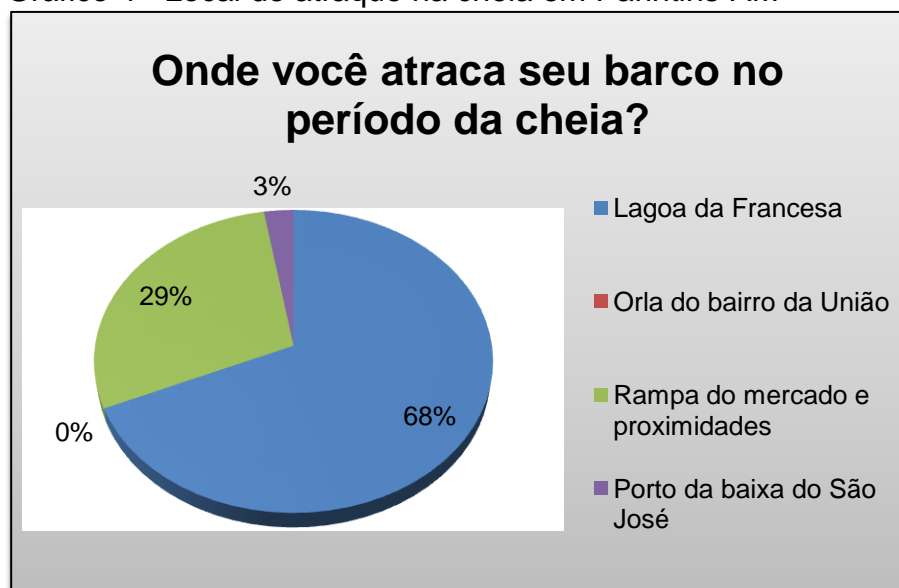


FONTE: Pesquisa de campo, jun. 2016.

A maioria atraca na “Francesa” por estar próximo do comércio, e por ter maior opção nos mesmos, os tipos de empreendimentos do entorno como lojas de confecções, calçados, cama, mesa e banho, ferragens, supermercados, produtos para construção e consertos de embarcações, bares e restaurantes, oficinas mecânicas navais, lojas de artigos para presente, loja de eletrônicos e eletrodomésticos, farmácias, loja de produtos agrícolas, papelaria e postos de combustíveis. Os passageiros e tripulantes das embarcações têm a opção de ir para outras áreas, mas devido a facilidade e concentração comercial, permanecem até o retorno para o seu local de origem.

Outro fator é a segurança em estar num local de águas tranquilas sem a preocupação com o banzeiro do rio Amazonas, ou um possível temporal, visto que quando estão na frente da cidade no período da vazante, por não ter outra opção de atracação tem que ir com a embarcação até o conhecido Furo do Limão para procurar abrigo, evitando assim o naufrágio e possíveis mortes.

Gráfico 4 - Local de atraque na cheia em Parintins-AM



FONTE: Pesquisa de campo, jan. 2016.

A “Lagoa da Francesa” é margeada por residências, comércios, e umas poucas indústrias, da qual fazem parte os bairros de Santa Clara, Francesa, Castanheira e Santa Rita de Cássia. No período da cheia de janeiro a junho, há dinâmica no comércio, serviços e fluxos que caracterizam a centralidade nesse local.

A cidade, em seu tecido urbano, se apresenta dividida através da produção de uma desigual disposição de fenômenos nas suas distintas parcelas, engendrando uma articulação interna que tende a se configurar de forma diferenciada e segmentada. Desta forma, estabelecem-se espaços na cidade que dispõem de uma maior concentração de atividades que concebem a esses espaços um maior poder de articulação. Assim, estes espaços exercem atração sobre as demais parcelas do tecido urbano e constituem uma centralidade urbana, que compreende também uma área capaz de gerar e manter fluxos (de pessoas, capitais e mercadorias, etc.) e não apenas concentrar determinados fixos (OLIVEIRA JUNIOR, 2008, p. 68).

No bairro de Francesa, temos a escadaria que é responsável por uma dinâmica diária de pequenas embarcações advindas de comunidades rurais, entre elas estão bajaranas, rabetas, barcos que transportam produtos agrícolas e passageiros, uma balsa que faz o trajeto Parintins - Vila Amazônia com duração média de 30 minutos.

As bajaranas⁷, na classificação de Hito Moraes e Rita de Cássia Monteiro (2010), possui finalidade diversa no transporte de carga e passageiros, as canoas menores são os rabetas que estão presentes no período da cheia, atracadas na escadaria e conforme as águas vão se retirando do leito da lagoa, os seus proprietários procuram outras alternativas de locomoção, devido as grandes distâncias percorridas entre a comunidade e a cidade.

A Marinha do Brasil por meio da Agência Fluvial de Parintins organiza o sistema de embarque e desembarque na rampa da Francesa e próximo a escadaria, por medida de segurança. Um comunicado do Agente Fluvial, de 25 de maio de 2015 estabelece:

O Agente Fluvial de Parintins, usando das regulamentações elencadas nas Normas da Autoridade Marítima, combinado com o ofício nº 145/2015-MD/CMP, da Câmara Municipal de Parintins, comunica a todos os proprietários, armadores e comandantes de embarcações, que a partir da presente data até um período a ser determinado, a rampa da francesa está destinada apenas a desembarque de passageiros, está terminantemente proibido permanecer neste local após o desembarque dos mesmos. Participo que os demais espaços na orla da francesa poderão ser utilizados para embarque de passageiros, bem como embarque/desembarque de carga. A prefeitura Municipal de Parintins irá realizar a colocação de placas de advertência no local, para melhor identificar os locais a serem utilizados para embarque e desembarque de passageiros e cargas.

Fica permitido somente o desembarque de passageiros na rampa da Francesa (área demarcada), devendo as embarcações permanecer neste local o tempo necessário para o cumprimento desta atividade, sem atracar por horas ou dias, visto que é mais seguro o desembarque, apesar de não estar de acordo com o que deveria ser, pois as pessoas desembarcam em pedaços de madeira improvisados: as pranchas; ou tem que fazer malabarismo de barco em barco para

⁷ Pequena embarcação de madeira, coberta, que transporta pessoas do interior para a cidade.

ter acesso à rua. José Aldemir de Oliveira e Tatiana Schor avaliam esse aspecto da seguinte maneira:

Finalmente, chega-se e ancora-se na beira do rio, em algo como porto, cais ou trapiche, quase sempre improvisado, em que tudo é transitório. A improvisação do local onde param os barcos dá a quem chega a impressão de que nas cidades ribeirinhas da Amazônia nada é perene, tudo é temporário, inacabado e precocemente deteriorado. Este local aonde se chega e se vai contém a possibilidade do entendimento da cidade, pois a vida começa no porto, menos pelo movimento, mas pelo fato de ele encerrar quase tudo que a cidade possui e que nela falta. O porto ou como o chamemos é o intermédio entre o rio e a floresta, e a cidade é a fronteira de diferentes mundos e nos possibilita várias leituras de espaços-tempos diversos (OLIVEIRA ; SCHOR, 2008, p.15).

Figura 4 e 5 - Escadaria da Francesa na vazante e cheia



FOTO: Valdilene Siqueira, pesquisa de campo, out. 2015 e jul. 2016.

No trecho que liga a Avenida Amazonas à escadaria da Francesa, há uma concentração de 17 pequenas barracas de madeira, com venda de refeições e bebidas alcóolicas para os interioranos que comumente permanecem nas embarcações até o dia da viagem e adquirem o serviço de alimentação nesses locais.

O Mercado Municipal Mundico Barbosa aglomera uma grande parte do comércio que se estende pela feira do Bagaço, ocupando as calçadas, a rua e a sacada das casas, trecho que concentra a venda de gêneros alimentícios em geral, e várias espécies de pescados. Nas redondezas encontram-se comércios e residências improvisadas com madeira, as palafitas. Há uma disputa de espaços entre veículos como bicicletas, triciclos, motocicletas, triciclos acoplados em motocicletas, além dos pedestres.

No cruzamento da Rua João Meireles com Avenida Amazonas próximo a escadaria, em um pequeno trecho, existe a concentração de comércios distribuídos entre oficina mecânica, açougues, mercadinho (comércio de venda de produtos no varejo), posto de gasolina e ferragens.

Na “Lagoa da Francesa” na parte do bairro de Santa Clara, iniciou-se uma obra que ligaria a escadaria até o bairro, a obra está inacabada; um aterramento que contribui para o assoreamento. Na paisagem, embarcações que diariamente dão dinâmica ao espaço, embarcando e desembarcando mercadorias e passageiros, com isso observa-se também outra atividade que é o serviço de moto-táxi e carroto em triciclos: “Esse modal é composto por uma estrutura originária da bicicleta acrescida de uma cabine geralmente coberta na frente, onde é possível fazer o transporte tanto de passageiro como de cargas e o que for possível caber no veículo” (LEITE; CAMILO; SCHOR, 2015, p. 203). Um serviço braçal alternativo para as cidades pequenas, onde prevalece o uso da motocicleta, um meio mais barato de locomoção.

Em algumas residências há o prolongamento nos quintais de 06 oficinas (tilheiros⁸), os donos destas geralmente recebem o ofício do pai, os quais constroem embarcações de pequeno e médio porte que navegam pelo rio Amazonas e seus subafluentes. Para pequenos reparos, os barcos são puxados por metros de cordas, “deslizando” sobre toras de árvores já beneficiadas (madeira) denominadas de carreiras onde são calafetados e pintados.

A balsa do grupo Baranda aporta em seu porto privativo, areia, seixo, material de construção em geral e mercadorias são descarregados no local. Existe a fábrica de tijolos e telhas de barro CEMOPAR, AgroMadeiral Parintins com venda de madeiras beneficiadas para a construção civil, marinas que guardam as lanchas, há também flutuantes que vendem combustíveis, gelo, alimentos e bebidas; geralmente para as embarcações do interior.

Pode-se definir a rua Desembargador João Corrêa no Bairro de Santa Clara como “retro-portuária ou retro orla (faixa adjacente à orla), que, em muitos casos, possui atividades de forte dependência em relação às águas, a exemplo de depósitos, armazéns, unidades produtivas [...]” (TRINDADE JUNIOR; SANTOS; RAVENA, 2005, p. 15), é via de acesso a vielas que direcionam a “Lagoa da

⁸ Locais, geralmente nas margens dos rios, onde são construídas e/ou reformadas embarcações de madeira da região.

Francesa”, há uma concentração de lojas de ferragens, oficinas de motores de embarcações, em destaque estão a Ferragens Brito, Loja Santo Antônio e Náutica Menina.

No bairro de Santa Rita há o atraque improvisado de embarcações, um flutuante com venda de gasolina, óleo diesel, gás de cozinha e gêneros alimentícios industrializados. As palafitas também são presentes nesse local. O Hotel Amazon River faz com que a área seja valorizada, isso influencia na melhoria da via pública que dá acesso ao mesmo.

Na Rua Paraíba que possui interligação com vários bairros da cidade, existe um grande fluxo de pessoas, em alguns de seus espaços é notória a concentração do comércio ambulante. No período da vazante a ponta de rua que dá acesso à “Lagoa da Francesa” se torna dinâmica, o que anteriormente estava presente na escadaria como os tricicleiros, vendedores de picolé, doces e salgados, estará nesse local com variedades do comércio para quem chega ou segue viagem. Este movimento já se encontra descrito na literatura, como preceitua, William Ribeiro da Silva “A redefinição da centralidade é acompanhada por processos de descentralização e de recentralização, que movimentam fixos e fluxos e atribuem novas dinâmicas ao espaço urbano”, Silva (2006, p. 215). Conforme a água baixa no seu curso, as embarcações, os flutuantes, as relações comerciais e os fluxos são dinamizados para outros lugares da cidade.

No trecho do bairro de Castanheira, antes tínhamos chácaras que foram cedendo espaços a residências e ao comércio, uma área que foi se tornando obsoleta e pouco atrativa, temos uma oficina para conserto de embarcações, mas ao contrário do bairro de Santa Clara; essa é uma área que possui mais residências do que oficinas; indo mais a frente há a modificação na paisagem, o porto particular entra novamente em evidência, pois observa-se casas sofisticadas com piscinas ou residências mais valorizadas economicamente.

Quadro 1 - Atividades econômicas na “Lagoa da Francesa”

ATIVIDADES ECONÔMICAS	VAZANTE		CHEIA	
	AUSENTE	PRESENTE	AUSENTE	PRESENTE
Serviço de mototaxista	X			X
Serviço de triciclos	X			X
Táxi	X			X
Comércio Ambulante	X			X
Lojas comerciais		X		X

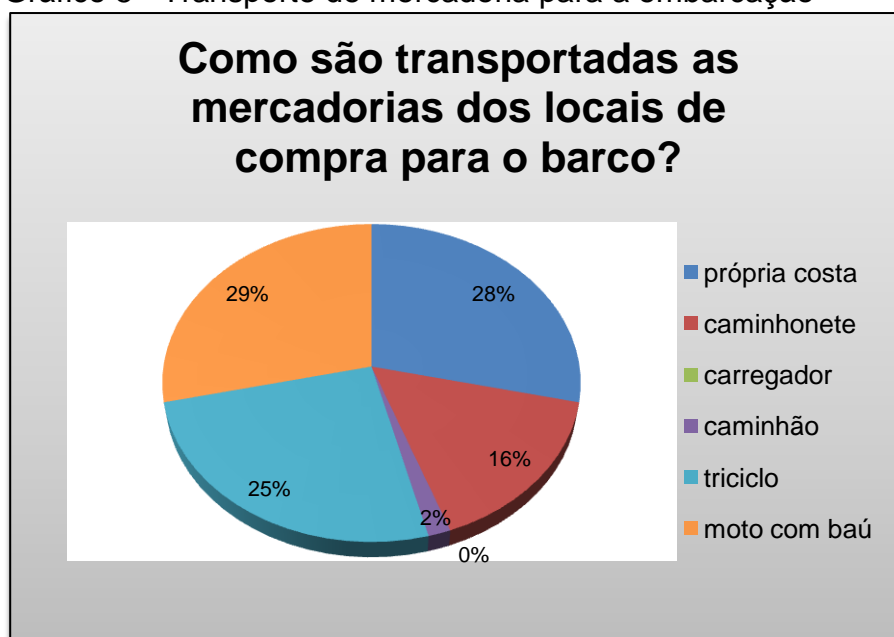
Barcos de recreio	X			X
--------------------------	---	--	--	---

FONTE: Pesquisa de Campo entre junho de 2015 a junho de 2016. Organizado por: Valdilene Siqueira, 2016.

As atividades diárias que ocorrem na área de entorno da “Lagoa da Francesa” contribuem para a poluição hídrica, é comum as descargas domésticas de indústrias, bares, restaurantes, comércios e barcos de recreio que aportam diariamente. Com isso transformam a paisagem num ambiente sujo e poluído. Conforme Solenise Kimura (2014) na análise química da água, esta apresenta diferentes condições ambientais por período avaliado (cheia e vazante), no entanto as variáveis com coliformes totais e fecais estão presentes em concentrações elevadas, independente do nível desta, caracterizando o grande aporte de rejeitos, além da presença de metais como zinco (Zn) e chumbo (Pb) provenientes de fabriquetas de manutenção de pequenas e médias embarcações e postos combustíveis flutuantes.

No período da cheia a lagoa concentra as atividades citadas anteriormente, visto que no período da vazante torna-se um local deteriorado e arenoso com grande concentração de lixo. Na vazante as embarcações migram para a outra área na frente da cidade, dessa forma os ambulantes e os serviços de transporte disponíveis também acompanham esse deslocamento.

Gráfico 5 - Transporte de mercadoria para a embarcação



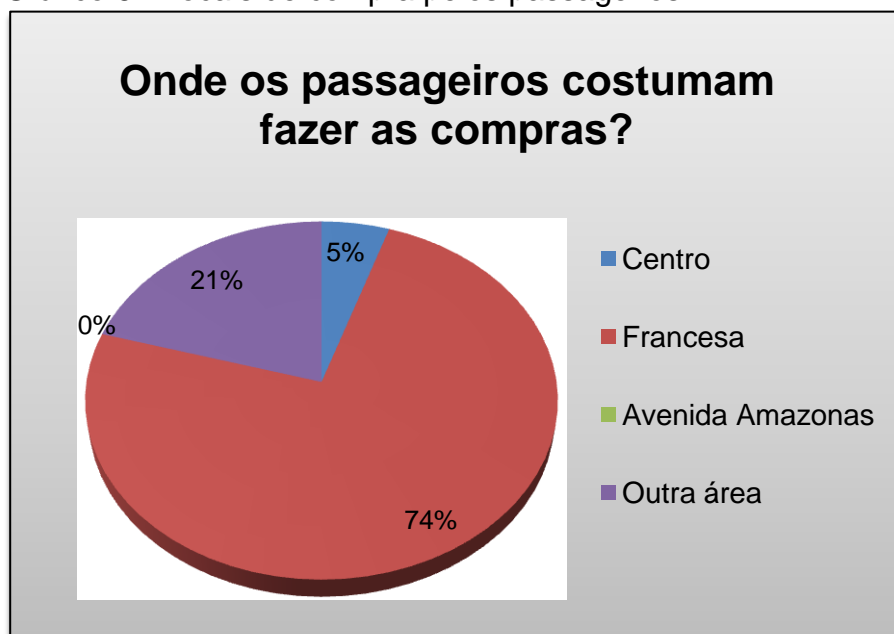
FONTE: Pesquisa de campo, jun. 2016.

Quando as compras são feitas em maior quantidade nos supermercados, em loja de ferragens ou de eletrodomésticos, há a opção de entrega por parte do vendedor que disponibiliza o veículo que pode ser a caminhonete, caminhão ou a moto com baú.

A pequena distância das compras até a embarcação fazem com que as pessoas levem sua própria mercadoria. Observa-se diferentes meios de locomoção, dentre os quais os triciclos e os tricicleiros fazem o trabalho do carregador que trabalha no cais do porto, em uma das entrevistas realizadas, E. L., faz o seguinte relato:

Parintins foi crescendo e havia a necessidade de transportes mais rápidos, antes as carroças eram puxadas pelo boi, depois pelos cavalos, com o passar do tempo as carroças desapareceram porque os próprios carroceiros tornaram-se tricicleiros, mas antes haviam somente as carroças e os carrinhos de mão, veículo que possuía pequenas rodas de madeira, cobertas com borracha de pneus velhos de bicicleta ou motocicleta; o ponto dos carrinhos de mão era a Rampa do Mercado, próximo as Pernambucanas (Entrevista concedida em maio de 2016).

Gráfico 6 - Locais de compra pelos passageiros



FONTE: Pesquisa de campo, jun. 2016.

Diante dos resultados apresentados, a área da “Lagoa da Francesa” mantém dinâmica que se acentua no período de cheia, local onde as embarcações atracam, transportam pessoas que realizam trocas entre o campo e a cidade e

intensificam as compras no entorno, fato verificado na pesquisa. Os lojistas em entrevista, responderam que o movimento do comércio decresce no período da vazante e os ambulantes, mototaxistas e tricicleiros se deslocam para a frente da cidade.

Outra área onde a centralidade se manifesta é na orla da cidade, do ponto de vista dos documentos públicos (Plano Diretor do Município de Parintins) a “Orla do rio Amazonas” deve ser preservada e valorizada na paisagem urbana, conforme consta:

Parágrafo Único: São consideradas áreas prioritárias para a preservação e valorização da paisagem urbana as edificações de valor histórico, identificadas por lei específica, a Orla do Rio Amazonas, as margens dos Lagos da Francesa, do Macurany, Aninga e do Parananema, conforme o art 22, §2º, alínea “e” (PARINTINS, 2006, p.6).

A orla é o elo entre o rio, a entrada e saída de pessoas, a movimentação do comércio e serviços, nesse sentido, “A orla diz respeito ao espaço imediato de interação entre terra e água, seja considerando os rios de maiores dimensões, seja considerando os igarapés” (TRINDADE JUNIOR; SANTOS; RAVENA, 2005, p. 13), uma movimentação cotidiana que passa despercebida entre os moradores da cidade e os que chegam apenas para usufruir dos equipamentos urbanos.

A beira em Parintins é a denominação utilizada por quem estar em contato com o rio, para quem é proprietário de embarcação, ou quem irá viajar ou aguardar uma mercadoria chegada da zona rural, uma linguagem comum principalmente entre os não citadinos.

A presença de uma rua principal, quase sempre paralela ao rio define, de imediato, a localização de alguns equipamentos que integram a paisagem da cidade ribeirinha. Complementarmente ao rio, há uma franja de contato deste com a cidade propriamente dita. Não que o rio não seja parte constituinte da cidade, ele é, mas ao mesmo tempo, ele também estabelece seu limite. A beira, assim, é um ponto de contato importante entre o rio e a pequena concentração urbana propriamente dita. Nela e a partir dela dispõe-se, de forma aparentemente caótica, um conjunto de objetos espaciais/geográficos, como armazéns, comércios, portos, feira, trapiches e barcos, estes últimos, de tipos, cores e tamanhos variados (TRINDADE JUNIOR; SILVA; AMARAL, 2008, p. 36).

A frente da cidade é a toponímia utilizada por quem é morador que consome em bares e restaurantes dispostos ao longo das calçadas, este irá contemplar a paisagem, o rio Amazonas e suas águas barrentas, o ir e vir das pequenas, médias e grandes embarcações que envolvem uma trama diária, visualizam os navios que navegam no rio Amazonas para o limítrofe Estado do Pará e levam seus contêineres que vem com mercadorias do Distrito Industrial de Manaus, deixam o banzeiro que naufraga a canoa do caboclo da área de várzea, que não permite aos donos das pequenas embarcações dormirem sossegados pela vigilância e precaução com possíveis prejuízos e contribui para o fenômeno das terras caídas.

Devido ao regime hidrológico, no período da vazante (julho/agosto a novembro/dezembro), há uma mudança na dinâmica portuária para as pequenas e médias embarcações. No período da cheia, estas atracavam em outras áreas da cidade: na “Lagoa da Francesa”, na conhecida “Orla do bairro da União”, nas ruas com acesso ao rio quando o proprietário da embarcação tem residência nas proximidades, como exemplo temos a rua Maués no bairro de São Vicente, rua Padre Victor no Palmares, entre outras no bairro de Castanheira, Santa Rita e São Vicente.

As residências têm suas fachadas um pouco mais zeladas para dar uma boa impressão aos olhos; a natureza e a ação antrópica fazem cair a terra, que ora se encontra com o concreto, ora com as águas do rio Amazonas. O comércio, o porto, as construções que ainda permitem a contemplação para o rio Amazonas, diferente das cidades que mantêm as mesmas de “costa para o rio” pelo fato de terem o rio apenas como elemento da paisagem e não como meio subsidiador das relações econômicas e culturais e que as rodovias e vicinais são inseridas como tal.

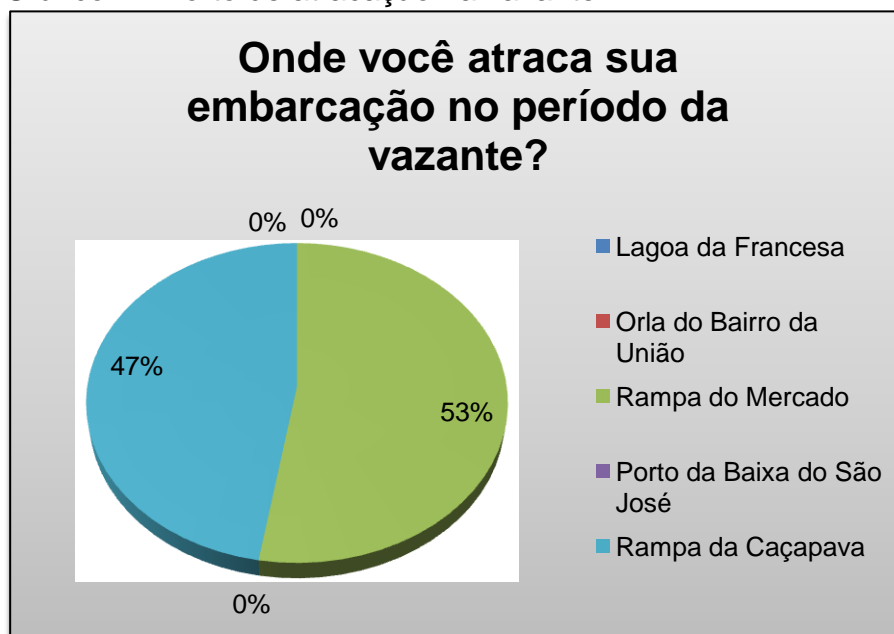
A torre da igreja de Nossa Senhora do Carmo, o paredão verticalizado do Liceu de artes e Ofício Cláudio Santoro, em anexo o Bumbódromo, as torres de telecomunicações, e poucas construções verticalizadas, constituem a paisagem que fica para o viajante que somente passa pela cidade. Para quem está na cidade, pode observar o rio e sentir a brisa, e vê que os espaços públicos dessa frente, está em total descaso pela administração pública, as praças estão sendo tomadas pelo comércio, e a calçada, quando existe, é ocupada por mesas e cadeiras dos bares e restaurantes.

Após prospecção de campo, foi possível delimitar com especificidade a área em que se concentra a pesquisa, no trecho da Rua Faria Neto até a Rampa da

Caçapava na Rua Silva Campos. A observação, descrição, os fundamentos teóricos, a aplicação de 40 formulários no período da vazante possibilitaram a análise da centralidade urbana na orla da cidade a qual será discorrida nos próximos parágrafos.

Na beira é onde as embarcações que estavam em outras áreas da cidade irão atracar no período da vazante, onde a “Lagoa da Francesa” (ponto principal de atracação) e a parte a sul da ilha são esvaziadas pelos barcos, sendo que estes irão para a frente da cidade. No período da vazante anualmente há a acumulação de sedimentos do Rio Amazonas na frente da cidade, dessa forma inicia-se a formação de uma praia temporária no mês de agosto, dando outra dinâmica a essa área da cidade, o que pôde ser comprovado durante a aplicação de formulário na cheia na “Lagoa da Francesa”

Gráfico 7 - Porto de atracação na vazante



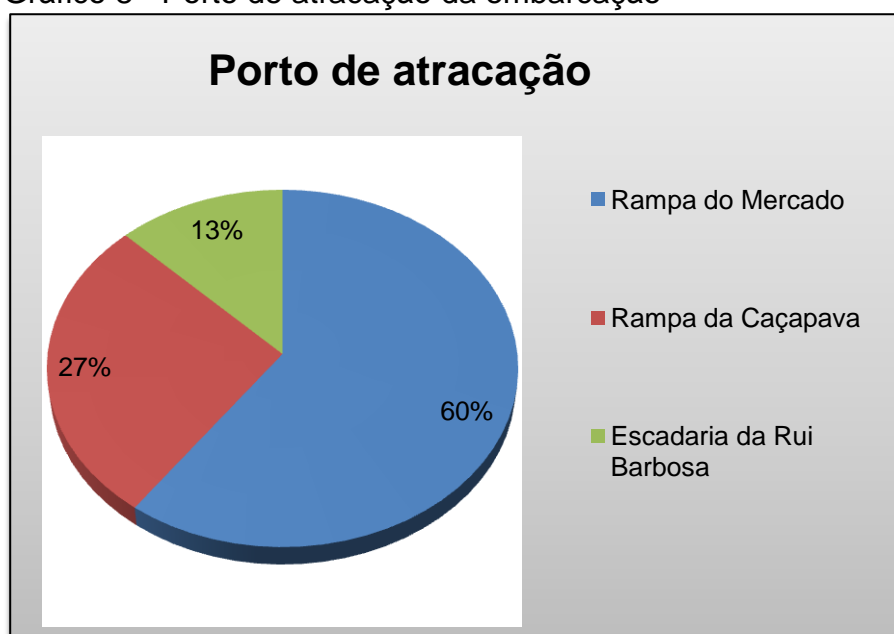
FONTE: Pesquisa de campo, jun. 2016.

Outras áreas citadas foram o Porto do Hospital Jofre Cohen, próximo a rampa da Caçapava e Escadaria da Rua Rui Barbosa. Os donos das embarcações buscam áreas mais acessíveis para aportar. De acordo com Saint-Clair Trindade Junior, Marcos da Silva e Márcio Amaral (2008) quanto à discussão das janelas e portas para o rio, em Parintins existem apenas pequenas frestas abertas pela centralidade móvel, nesse caso refere-se a rampa do Mercado Municipal, a escadaria da Rua Rui Barbosa e a rampa da Caçapava. O que seriam essas

frestas? São portos improvisados que não tem uma estrutura adequada para servir a população, são as pequenas passagens que a centralidade móvel abre para o contato da “beira” com o centro da cidade, a área do comércio e serviços, pois a frente da cidade ganhou seus proprietários, donos de bares, restaurantes e residências. “Apesar de, desde sempre, o transporte fluvial se constituir no principal meio de circulação na Amazônia, o porto para embarque e desembarque de pessoas em barcos de pequeno porte sempre foi improvisado e precário” (SANTANA; SCHERER, 2009, p. 221). O desembarque é feito ao acaso, mas a dinâmica, a circulação de pessoas e mercadorias deixam despercebido esses aspectos na paisagem. Ao destacarmos o porto de uma cidade ribeirinha, temos as características

No contexto espacial desse setor que define a pequena cidade ribeirinha, destaque deve ser conferido ao porto principal, já mencionado. Nele e a partir dele a cidade parece, desdobrar suas relações e seu traçado urbano. Um acervo de objetos espaciais aí se faz presente e que o olhar mais desavisado e etnocêntrico pode revelar a sensação de um espaço caótico e sem qualquer ordenamento ou lógica de caráter econômico, espacial e social. Essa paisagem, onde se observa o trapiche, as principais casas comerciais, os bancos ou o banco, quando existente, a igreja, alguns prédios públicos, a feira e um sem-número de atividades informais, configura o que aqui estamos chamando de núcleo central (TRINDADE JUNIOR; SILVA; AMARAL, 2008, p. 40).

Gráfico 8 - Porto de atracação da embarcação



FONTE: Pesquisa de campo, jan. 2016.

Nota-se que a maioria das embarcações aporta na Rampa do Mercado, um dos fatores deve-se a proximidade da Rua João Melo⁹ e o entorno como área comercial e a localização das agências bancárias da cidade. Foi constatado junto aos donos das embarcações que há uma delimitação entre a Escadaria da Rua Rui Barbosa e a Rampa do Mercado, e que convencionam o atraque das embarcações nesses locais; os barcos de pesca e descarga de outras matérias-primas têm prioridade de aporte na Escadaria e as embarcações da zona rural e dos municípios próximos, na Rampa.

Figura 6 - Porto da Rampa do Mercado no período da vazante



FOTO: Valdilene Souza, dez. 2016.

Há referências sobre os portos da Rampa do Mercado Municipal e da Rampa da Caçapava, no caso da rampa ela foi legitimada pela lei municipal nº 14, de 04 de dezembro de 1954, orçada no valor da época, em duzentos mil cruzeiros (CR\$, 200000,00) na administração de Gentil Augusto Belém como consta em História e Memória Política do Município de Parintins (2011).

No Livro volume II da Câmara Municipal há um relato de Benedito Azêdo citando a Caçapava “[...] Sabe aquela lata de querosene vazia, o cara colocava um pau, um grampo em cima, uma haste mais ou menos desse tamanho, colocava no ombro e ia buscar água lá no rio, aí onde é a Caçapava” (2012, p. 282-283).

⁹ Analisada no item 3.1 Centro da cidade de Parintins: dinâmica do comércio e serviços.

Figura 7 - Porto da Rampa da Caçapava no período vazante



FOTO: Valdilene Siqueira, dez. 2015.

Nem portos nem trapiches, ou portos para outra realidade; estes locais são frestas da centralidade, a falta de infraestrutura é observada em toda sua extensão. Nota-se a ausência de políticas públicas em cuidar de um elo de dinamicidade entre o interior e a cidade, muitos moradores da várzea e terra-firme e cidades próximas dependem desses pequenos espaços para irem em busca dos serviços urbanos que Parintins oferece.

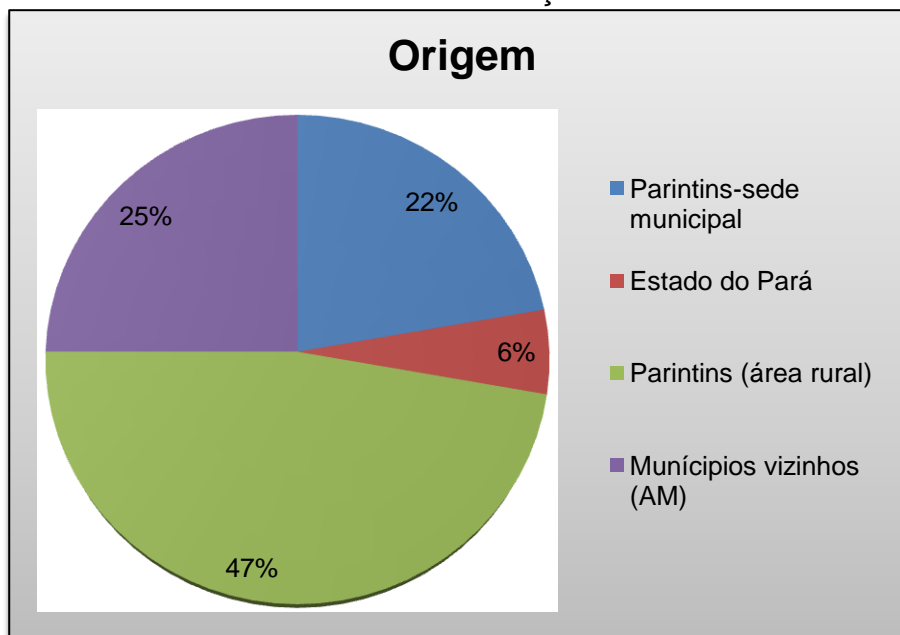
Um trabalhador de uma das embarcações relatou:

Todos nós que estamos aqui na orla da cidade, nas embarcações, nós estamos completamente abandonados, tanto pelo governo municipal, pelo estadual e pelo federal, principalmente o federal que é dono da área marinha. Lá eles sabem que a navegação, que o transporte do amazônida é o barco, é a canoa, é o principal transporte. Eles sabem e nada fazem, nunca resolveram nada. Um dia desses, eu assisto aqui a Tv Câmara, e eles debatendo sobre a área de Marinha, nunca se referiram à Amazônia, só se referiram ao sul e sudeste, a Amazônia parece que não existe, eu não sei, nós temos representantes que nada fazem, eles esqueceram que aqui também têm brasileiros que votam e que fazem alguma coisa pelo Brasil. Nós queremos o bem do Brasil, não queremos o mal. Principalmente a nós amazônidas que vivemos aqui no pulmão do mundo, mas eles não dão assistência nenhuma e depois vão exigir o que?, que aqui não se faça nada?, que não se derrube uma árvore?, se eles não fazem nada!. Vou falar sobre os portos, a frente da cidade abandonada, o prefeito zero, nunca capinou, nunca passou ninguém aqui fazendo nada, o prefeito simplesmente eu acho que nunca passou pela frente da cidade, nunca encostou no mercado ou em qualquer parte da orla da cidade (frente da cidade) é

abandonada. Parintins está abandonada, zerada, quanto à administração pública (Entrevista concedida em janeiro de 2016).

As obras até então dispostas ao longo da orla, não contemplam a adequação para o embarque e desembarque, com a construção do muro de arrimo os espaços e as calçadas próximas foram ocupadas.

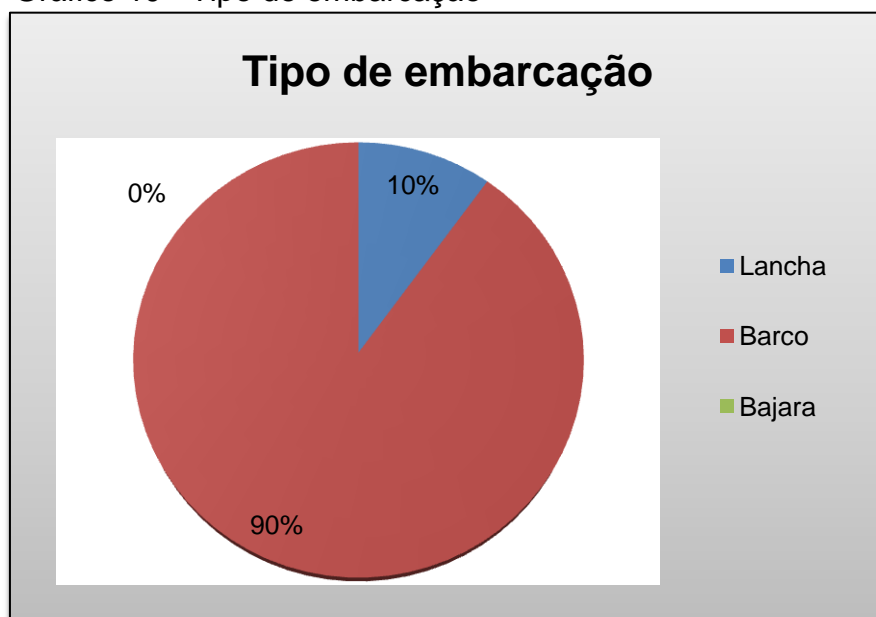
Gráfico 9 - Procedência da embarcação



FONTE: Pesquisa de campo, fev. 2016.

Durante a aplicação dos formulários constatou-se que existe uma rede de cidades, Nhamundá, Urucará e Barreirinha, juntamente com as do vizinho estado do Pará, neste caso, Santarém, Juruti, Juruti Novo, Faro Terra Santa. Da área rural do município tem as comunidades de Vila Amazônia, Uaicurapá, Limão, Zé Açú e algumas comunidades da área indígena, também há embarcações do distrito de Mocambo e Caburi, que usufruem da oferta do comércio e serviços que a cidade oferece, gerando circulação de embarcações que diariamente atracam na cidade de Parintins.

Gráfico 10 - Tipo de embarcação



FONTE: Pesquisa de campo, fev. 2016.

Na Amazônia, o sistema hidroviário é predominante, visto que temos localidades que dependem exclusivamente do mesmo, os barcos médios e menores os quais fazem parte do universo da pesquisa são construídos em madeira, tem registro na capitania dos portos, e na maioria das vezes são de herança de pai para filho; os nomes como constam na pesquisa são os mais variados: São Raimundo do Ramos, São Lucas, Dom Vitor, Rei das águas, Proteção Divina, Mestre Veriano, Pai Salim, Princesa Gabi, Ribeiro, enfim os mesmos, além de fonte de renda, são a transição de um legado cultural.

A maioria das embarcações transporta cargas e passageiros: a média de passageiros por viagem é de 11 a 20 para as pequenas embarcações, e de 21 a 30 para as médias, outros são utilizados especificamente para fretes onde podem transportar tanto cargas como passageiros.

Em relação a frequência da viagem, há os percentuais de 67% das semanais, as diárias 15%, mensal 12% e quinzenal com 6%. As médias de viagem são de duas viagens ida e volta, sendo os dias de quarta e sexta-feira os de maior movimentação das embarcações chegando na cidade, e os dias com o maior percentual de retorno/saída são segunda, quarta e sexta-feira.

Os produtos mais transportados são a farinha, frutas, hortaliças, derivados do leite (queijo e doce de leite), assim como carvão e o guaraná. Constatou-se que o peixe quase não vem nas embarcações com passageiros que atracam nas

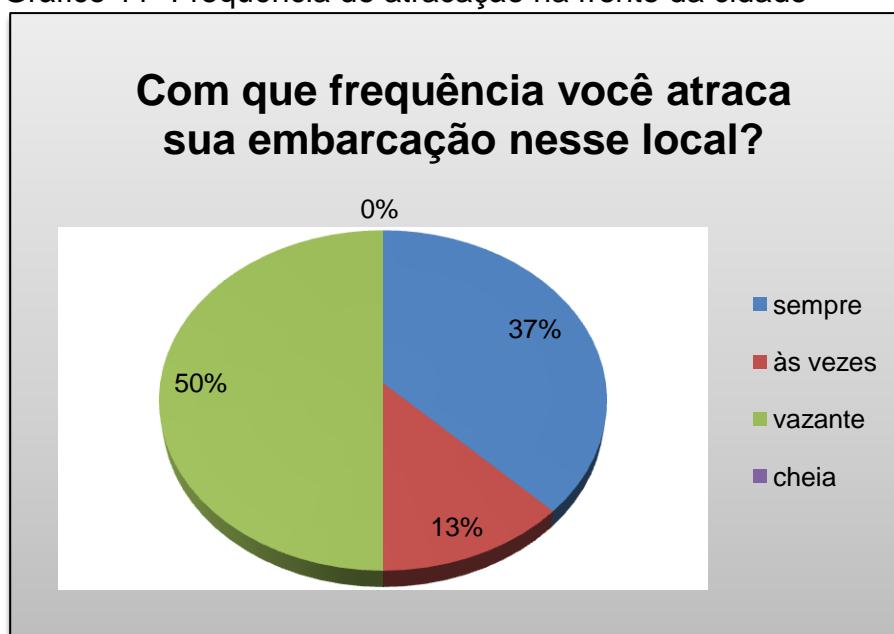
centralidades. Os barcos atracam e o movimento dos triciclos e moto-taxistas é intenso, ocorrendo as disputas por clientes, por carretos nos triciclos e as corridas nas motocicletas.

[...] é comum a situação de que os usos e as atividades localizadas no interregno entre o rio e as ruas apresentem uma maior dependência em relação às águas, ou ainda, estabeleçam um certo grau de complementaridade entre, por exemplo, o transporte fluvial e o transporte terrestre; ao passo que as atividades, para além dessa faixa, tendem desenvolver uma menor dependência, seja material, seja simbólica, em relação às vantagens proporcionadas pelos rios (TRINDADE JUNIOR; SANTOS; RAVENA, 2005, p.14).

Os proprietários das embarcações dependem dos seus passageiros e estes últimos dependem do atravessador e da venda de seus produtos. Os produtos regionais são vendidos para a revenda nas feiras, e outros não trazem produto algum.

O gráfico abaixo apresenta resultados para constatar a centralidade e sua relação com o regime hidrológico.

Gráfico 11- Frequência de atracação na frente da cidade



FONTE: Pesquisa de campo, fev. 2016.

O maior percentual está na vazante, fato que comprova a circulação de pessoas no comércio, nos bancos, hospitais, postos de saúde, entre outros.

funcionários públicos, principalmente da área da educação e saúde, vêm a cidade receber o salário do mês e retornam com as compras.

O percentual de 37% representa os Distritos de Mocambo e Caburi, além das embarcações da cidade de Nhamundá e Barreirinha que aportam geralmente na frente da cidade, pelo fato de vir e retornar no mesmo dia, ou pela distância até a “Lagoa da Francesa”, ou mesmo outras áreas na parte sul da cidade.

Gráfico 12- Motivo de atracar na frente da cidade



FONTE: Pesquisa de campo, fev. 2016.

A principal razão para os barcos atracarem na frente da cidade se deve ao fato das embarcações não terem outra opção de atraque, apesar da orla ser extensa, há locais que não possibilitam o mesmo; devido as terras caídas em trechos críticos do terreno onde não existe muro de arrimo e o porto da cidade que recebe somente embarcações de médio e grande porte, pois não foi estruturado para as embarcações menores, do morador do interior.

Os barcos que permanecem nesse local pagam para usufruir da atracação, assim como as marinas para lanchas particulares. Alguns espaços da frente da cidade se fecharam para dar lugar a postos de gasolina, a portos particulares que descarregam tijolos, areia, cimento, gás de cozinha e outros materiais que abastecem os depósitos do comércio dos maiores empresários da cidade. No Plano Diretor da Cidade, consta:

Art.6°. O Programa de Sistema de Transporte Aquaviário tem como diretrizes:

- I - criar uma empresa municipal para o Transporte Aquaviário;
- II - cadastrar as embarcações que atendem a zona rural de acordo com os pólos criados;
- III - recolher tributos, Tabelar preços, Fiscalizar e Controlar as linhas e embarcações que prestarão esse serviço, em conformidade com a Capitania dos Portos;
- IV - dotar a Orla Fluvial e Lacustrina de portos de embarque e desembarque de cargas e passageiros para a zona rural; (2006, p.4)

O que se tem no papel é totalmente distante da realidade, não existe uma empresa municipal para o transporte aquaviário, visto que as embarcações durante a vazante disputam espaço para atracar na Rampa da Caçapava, Escadaria da Rui Barbosa e Rampa do Mercado Municipal.

O único órgão responsável pelas embarcações é a Capitania dos Portos que cadastra, fiscaliza, orienta e aplica multas aos proprietários das embarcações quando há irregularidades. Os portos adequados para o embarque e desembarque continuam sendo uma utopia.

O muro de arrimo foi construído, mas o porto de atracação dos barcos vindos da área rural e das cidades do entorno não recebe melhoria alguma, a alternativa seria a limpeza da área, pois o capim cresce, os espaços de concreto molham e ficam escorregadios. Idosos, crianças e doentes são os mais propensos a acidentes, já que fazem malabarismo nas pranchas de madeira; quando não pisam na areia, esquivam do escorrego, ou de molhar os pés nas águas contaminadas com dejetos biológicos provenientes das próprias embarcações.

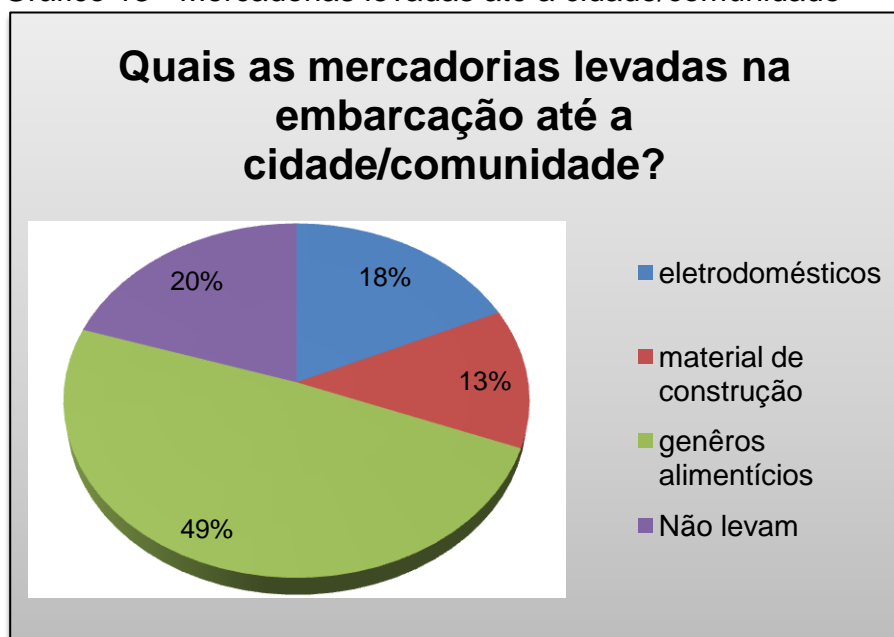
Para tentar ordenar e prevenir acidentes a Marinha do Brasil, atua no ordenamento das embarcações que ancoram na beira do rio,

O Agente Fluvial de Parintins, usando das regulamentações elencadas nas Normas da Autoridade Marítima, combinado com o relatório datado de 06 de fevereiro de 2015 da Coordenadoria Municipal de Defesa Civil de Parintins, comunica a todos os proprietários, armadores e comandantes de embarcações, que a partir da presente data, a rampa da DIGITAL está destinada apenas para o embarque e desembarque de passageiros, estando terminantemente proibido permanecer neste local. Ressalto que tão logo os passageiros desembarquem e seja retirada a carga, as embarcações deverão sair daquele lugar, facilitando assim, a chegada e saída de outras embarcações.

Quanto ao embarque de passageiros e carga, está autorizado 30 minutos antes de sua saída atracar naquele lugar. É proibido

qualquer tipo de amarração nas estruturas da Praça Digital Cristo Redentor, bem como sua permanência naquele lugar. É proibido qualquer tipo de amarração nas estruturas do Mercado Municipal. Conforme acordos entre setores da Prefeitura Municipal de Parintins (Secretaria de Obras, Secretaria de Trânsito, Defesa Civil), Polícia Militar e esta Agência Fluvial, ficou acertado que será pintado nas estruturas da referida praça, avisos quanto à interdição bem como a proibição de qualquer tipo de amarração ou utilização (Agência Fluvial de Parintins, 22 de fevereiro de 2016).

Gráfico 13 - Mercadorias levadas até a cidade/comunidade



FONTE: Pesquisa de campo, fev/2016.

Em relação à compra dos gêneros alimentícios, os passageiros das embarcações da área rural são os que movimentam a economia nesse setor, e quando perguntados onde fazem as suas compras responderam que vão aos supermercados da cidade, Supermercado Baranda e Casa Sony são os mais citados por eles, por questão de distância entre porto e o local de compra e o fato do supermercado oferecer o transporte da mercadoria até a embarcação, dependendo da quantidade da compra, estes podem levar de triciclo, motocicleta com carroceria, caminhonete ou caminhão. Alguns moradores da área rural e dos distritos de Caburi e Mocambo vêm à cidade exclusivamente fazer compras no atacado para posterior revenda nos seus estabelecimentos em seus locais de origem.

A porcentagem dos cidadãos que não levam produtos para seu local de origem está relacionada a ida para outra sede municipal, Santarém, Juruti, Nhamundá, Urucará, Barreirinha são exemplos. Eles vem em lanchas expresso,

alguns vem a trabalho, outros vem somente para uma consulta médica, odontológica ou para resolver situações diversas cuja solução sua cidade não oferece.

A descrição da área delimitada para este trabalho ocorre na sequência, as quais foram a Rua Faria Neto (trecho da Rua Coronel Araújo até Senador Álvaro Maia), Caetano Prestes, Benjamin da Silva, Rua Rui Barbosa, Vieira Júnior e Rua Silva Campos até a Rampa da Caçapava:

A Rua Faria Neto dá acesso ao muro de arrimo, onde há o bar Canoeiros, seguido por residências com grandes extensões de terreno e em maioria com quintais de árvores frutíferas e hortaliças. A música ao vivo os bares chama a atenção dos transeuntes, os moradores aproveitam o espaço da calçada, na pracinha há a comercialização da água de côco, há uma fábrica de gelo, o Buteco do Verçosa que oferece drinks e petiscos variados, além de música ao vivo nos finais de semana.

O comércio sempre invadiu a via pública, apenas barreiras eram dispostas, impedindo a passagem de veículos, recentemente o espaço que compreende o Buteco e demais bares foi interditada para veículos por ser uma área de risco. O Comunas e Cabanas bar são também estabelecimentos populares e são atrativo do lugar.

Mais à frente a praça do Cristo Redentor foi reinaugurada no ano de 2007 com uma nova denominação “Praça Digital”, a informação que constava na placa inaugural, era que no lugar do atual palco de apresentações, foi construída no ano de 1869 a primeira capela do aldeamento em homenagem a São Miguel de Tupinambarana, em seguida a São Francisco Xavier e depois São Benedito”.

Há passagens em Bittencourt sobre a capela construída no que hoje é a Praça Digital “A primeira igreja que possuiu Parintins, ao que parece veio do Tempo da Vila Nova da Rainha, construída pelos habitantes, por iniciativa de Frei José das Chagas, que foi o primeiro pároco do lugar” (2001, p. 59). Como informado no relatório de 25 de março de 1876, disse o presidente à Assembléia Legislativa “Villa Bella, que é um ponto importante pela frequência de vapores, por sua população laboriosa, também não possui uma matriz decente. A igreja que serve, além de muito acanhada, está quase em ruínas” (2001, p. 60).

A primeira capela foi construída nesse local, os comércios foram surgindo no entorno da praça, migrantes chegam em uma cidade pouco habitada. Essa ideia da praça está contida na obra de Renata Malcher, onde descreve a praça do período

colonial permeada de um conteúdo simbólico e subjetivo, a praça como o centro da cidade, à qual se circundaria outras instituições importantes e que traria a tona o crescimento da cidade.

A praça Cristo Redentor ganha calçamento, jardim e iluminação na gestão do ex-prefeito Lourival D' Albuquerque Filho (1956-1959), no entorno as moradias de famílias tradicionais como Melo e Cohen; no comércio havia a Loja Ideal e a sede das organizações Maia e Cantel. Uma problemática já evidenciada em 1974 pelo vereador Guilherme Ribeiro foi a apropriação da praça por mesas, chapéus de sol e cadeiras do "Stop Bar".

A pesquisa de campo com as entrevistas levaram a relatos de que Osmar Faria era proprietário do Posto Rio e Mercadinho Rio que ficava no entorno da praça, verificou-se que nessa casa comercial, também existia o bilharito que era a diversão para os frequentadores; em lugar da antiga loja Esplanada ficava a loja Pernambucanas, ao lado ficava a Casa Ideal que tinha como proprietário o senhor Lico Mendes, onde os produtos eram armazenados em sacas de sarrapilha e de pano, o café era vendido em grãos, a maioria da mercadoria vinha de Belém e de outras cidades fornecedoras, mas existiam produtos da região entre os quais estavam a linguiça produzida pelo Sr. Zeca Peroba.

No trecho da rua Benjamin da Silva onde se localiza o Mercado Municipal seguindo pelas ruas Ruy Barbosa e Vieira Júnior até o cais do porto temos: o Mercadinho e Pousada Siridó, estadia para os viajantes que chegam na cidade para tratar de negócios, a Casa das Sandálias onde na fachada existe a inscrição 1860 que indica a data de construção da edificação. Há também a Casa Luis Felipe, a Bomboniere Leal com venda no atacado e varejo, e a Comercial Carneiro. Esses comércios se estabeleceram em prédios antigos que assim como o Mercado Municipal foram construídos de "costas para o rio", na calçada à frente desses pontos comerciais há a dinâmica da feira, ambulantes provenientes das comunidades rurais próximas que vendem peixe, camarão, frutas, verduras e hortaliças em bancas improvisadas.

No entorno da Praça Eduardo Ribeiro e do prédio antigo da prefeitura municipal há lojas de artigos industrializados em geral, seguindo na rua Ruy Barbosa o Bar Chapão, o Império das Miudezas, a Agro Boi, a agência dos Correios, a Loja Santo Antônio, a agência da Secretaria da Fazenda Estadual se destacam, assim como um prédio com pontos comerciais de artigos populares, o Kais Bar é um

barzinho que invade o espaço público; mais à frente temos a Escola Estadual Araújo Filho, a loja AgroVerde, uma pequena lanchonete, fundos do Banco Bradesco, o Bar e restaurante Caracol e o Cais do Porto que tem fluxo intenso de entrada e saída de pessoas e mercadorias advindos da capital, das cidades vizinhas inclusive do estado do Pará, porto principal da cidade onde barcos de grande porte e lanchas rápidas atracam e desatracam. No porto, ainda funcionam algumas agências de viagem e um posto de atendimento do Conselho Tutelar.

Durante a pesquisa de campo o que se pode constatar é que, do ponto de vista da prefeitura responsável pela organização e funcionamento do porto, há diferenças de acesso e infraestrutura em relação ao terminal de transporte fluvial voltado para os turistas, para os que vêm de fora visitar a cidade, pois estes não podem e não devem acessar o rio nas mesmas condições que o morador ou o visitante regular do interior da região faz rotineiramente, fato este verificado nas centralidades, nas rampas do Mercado, da Caçapava onde há precariedade no embarque e desembarque. O estacionamento do porto torna-se o lugar do reencontro dos viajantes e o lugar da diversão das famílias que também utilizam o seu estacionamento como espaço de lazer.

Desse modo, há mudança, mesmo que esta seja quase imperceptível, as cidades se renovam e ao mesmo tempo cristalizam determinadas atividades em seu espaço. O centro ou núcleo urbano já não consegue dar conta de uma estrutura em pleno crescimento, a tendência é que ocorram as centralidades. As cidades irão se diferenciar pela forma de ocupação e suas especificidades, no caso de Parintins, verificou-se que uma das centralidades ocorre de maneira peculiar, uma ilha que também se dinamiza pelo regime de cheia e vazante do rio.

Contudo, Parintins é uma cidade ribeirinha que mantém uma estreita relação com o rio, havendo complementaridade com a dinâmica do urbano que reflete nos fluxos que ora se invertem. O que temos em Parintins é o rio como principal meio de entrada e saída, os donos e passageiros das embarcações o navegam, é a oportunidade da troca entre o interior e a cidade. Ao mesmo tempo permite o encontro e a festa, seja das áreas rurais ou urbanas dos municípios próximos e da capital, onde as pessoas confraternizam, se reencontram ou se despedem.

O que delineou-se é uma cidade do rio, em que os elementos dispostos na paisagem, as casas, os bares, lanchonetes, as conversas, e as mais diversas relações identificam a cidade no rio, onde os lugares são apropriados de modo

privado para a realização de negócios. Na área delimitada do estudo, o rio é a paisagem que divulga e enobrece as relações de trocas. O consumo do espaço e o espaço do consumo que se imbricam para a apropriação do público em benefício do privado, os bares com suas mesas, cadeiras e atendentes circulando, a música ao vivo, dinamizam e vendem a natureza como o meio e fim.

2 - QUANDO A RUA É A CENTRALIDADE URBANA

Ao olhar a rua aparentemente vemos apenas os prédios, residências, calçadas e outros elementos considerados como fixos no espaço. Nos fluxos há circulação de pessoas e mercadorias numa rotina diária, dinâmica quase que imperceptível para muitos, onde cada uma tem sua peculiaridade, a começar pela gênese e pela toponímia que pode lembrar um lugar, algum aspecto regional, um nome importante na história local. Aprofundando as observações, é possível identificar que a mesma ganha identidade a partir das pessoas que passam e ficam, conversam, se cumprimentam, é o nunca estar sozinho em meio à multidão. Aos poucos tudo se mistura, aparecem junto às casas, pontos comerciais, banca de tacacá e churrasquinho os quais se diferenciam por cores, sons, cheiros, numa mistura de coisas e objetos que conformam a paisagem que no dizer de Milton Santos

existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como respostas às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual (SANTOS, 2006, p. 67).

Na rua, formas e funções se entrelaçam e dependendo da necessidade da sociedade em estabelecer o circuito econômico, é possível modificar ou tornar permanente determinadas características do espaço. Lefebvre indica que existe o tecido urbano portador de uma urbanidade e centralidade antiga, renovada e nova que possui a dinamicidade propulsora das transformações.

Formas, estruturas, funções urbanas (na cidade nas relações da cidade com o território influenciado ou gerido por ela, nas relações com a sociedade e o estado) agiram uma sobre as outras e se modificaram; movimento este que o pensamento pode hoje reconstruir e dominar. Toda formação urbana conheceu uma ascensão, um apogeu, um declínio. Seus fragmentos e restos servirão em seguida para/em outras transformações (LEFEBVRE, 2001, p. 60).

A cidade cresce no tempo e sua estruturação aparece nas formas e nas funções, as quais demandam intensa articulação com outros lugares por seu grau de importância. Nesse sentido, o centro e a centralidade são elementos da dinâmica urbana, onde o espaço é a totalidade, construído a partir da divisão social do trabalho que deixa na paisagem marcas da sociedade. Milton Santos especifica as noções de forma, função e estrutura como elementos essenciais para a compreensão da produção do espaço, não sendo indissociáveis as suas análises, “o Ser é a sociedade total; o tempo são os processos, e as funções, assim como as formas são a existência. As categorias fundamentais do estudo do espaço são, pois, a totalidade e o tempo” (SANTOS, 1986, p. 176).

A centralidade é, portanto, o movimento que se dá numa cidade qualquer, no caso específico, Parintins, direcionando a centralidade da rua para a Avenida Amazonas, pelo fato desta, manter concentração especializada de comércio e residências. Desde os primórdios da cidade a Avenida aparece como via importante, conforme o registro dos relatos de moradores, pois as lembranças retomam o período em que era apenas um caminho de passagem de pessoas na década de 1910, até às transformações que a consolidaram como uma das principais ruas da cidade na atualidade.

Não se trata de uma rua qualquer, mas da rua mais larga que desempenha funções urbanas essenciais, como a comercial, de serviços, residencial e via de circulação de veículos. Identificar as mudanças ocorridas é o ponto de partida para se compreender a cidade, e isso é de grande valia já que ainda não há um estudo mais detalhado sobre as atividades relacionadas aos seus fluxos, fixos, e ligado à sua geohistória.

Dessa forma podemos afirmar que a rua é uma referência de localização, uma espacialidade onde as pessoas se identificam por símbolos comuns, deixando de ser algo abstrato para ser algo vivido, onde podem ocorrer relações sociais de cumplicidade. Também é local de controle social, é uma realidade histórico-social; no entanto é um lugar específico diante da totalidade (FERREIRA, 2002, p.33).

A rua é o espaço onde se constrói as relações sociais, sendo que as pessoas se identificam com o lugar, assumindo importância diante da cidade a partir do crescimento, expansão e utilização do espaço público, seja por questões econômicas, culturais, religiosas e políticas. Dessa forma, ocorre a possibilidade de

investigar a paisagem, com descrição de cada trecho, a contagem das unidades de comércio, serviços e residências. As entrevistas com 6 moradores da cidade possibilitou traçar a estruturação urbana e identificar a Avenida pretérita, bem como descrever o seu modo de vida que ao longo do tempo foi se modificando. A pesquisa também teve acesso aos arquivos do jornal local impresso “Novo Horizonte” (1994 a 2012) pertencente ao Sistema Alvorada de Comunicação que trouxeram informações da época com imagens e fatos do cotidiano.

2.1 Avenida Amazonas: do caminho à Avenida

As transformações do espaço são vivenciadas continuamente, a paisagem se modifica conforme a época, os meios de comunicação, transporte, o consumo, a dinâmica do comércio, as estruturas urbanas, todo esse conteúdo se expressa na cidade num dado período que deixam no espaço impressões e arranjos como marcas de cada momento histórico. Há de considerar a afirmativa de Marcelo de Souza “O fato de ser uma forma, uma aparência, significa que é saudável ‘desconfiar’ da paisagem. É conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la à luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência” (2013, p.48).

Por meio das informações (entrevistas) foi possível fazer a verificação sobre o panorama do que foi a Avenida Amazonas a partir de sua gênese, para o entendimento do seu perfil morfológico atual. A paisagem não nos traz referências sobre o passado da avenida, mas há a memória e os relatos daqueles que presenciaram suas transformações ao longo do tempo. E.L., J.D., T.F., M. R., F.B., I. N. A são as iniciais dos nomes que assim postos podem parecer irrelevantes, mas no contexto da cidade e da Avenida são da maior importância e contribuíram com informações necessárias ao entendimento das espacialidades pretéritas, com a sua paisagem natural que aos poucos foi se transformando. O roteiro de entrevista (apêndice 1) foi elemento norteador para o resgate de informações, as quais serão contextualizadas e discutidas a seguir.

A entrevista de J. D. (89 anos), moradora do trecho entre a rua Cordovil e Clarindo Chaves, expressa um sentido de cidade e a Avenida Amazonas aparece num determinado momento como um contraponto estético à cidade atual. Por isso, ela começa como a expressão de que “as ruas eram feias”, não aparece nesta primeira fala a dimensão de perda, mas da constatação do que não mais existe.

As ruas eram feias, um mato alto e capim grosso. As casas eram cobertas de palha, as paredes eram de barro. Quando chovia, a água ficava empoçada até onde era a Catedral. O terreno da minha casa foi comprado pelo meu tataravô. Nos quintais havia criação de galinhas, porcos, patos e árvores frutíferas como: cupuaçuzeiro, mamão e outras frutas (Entrevista concedida em julho de 2016).

A paisagem aos poucos foi se modificando, a vila se expande tendo o rio Amazonas e os inúmeros igarapés que a cercam como limite e avança para a floresta em direção ao rio Macurany, a cidade se desenvolve num sistema que vai gradativamente se afastando da vivência ribeirinha e lentamente o modo de vida urbano vai se inserindo, sem perder de vista os costumes de criação de animais nos quintais e o cultivo de árvores frutíferas, plantas medicinais e hortaliças que ainda permanece.

A cultura de plantar é passada de geração para geração. Os filhos desde cedo aprendem a trabalhar com a terra e o cultivo no campo, quando migram para a cidade é essencial resgatar essa prática da produção agrícola em um novo espaço, 'os quintais' da área urbana, assim mantendo a relação entre o urbano e o rural (SANTOS; COSTA; AMÂNCIO, 2014, p. 148).

A prática do cultivo e criação foi adquirida pelas gerações passadas, as famílias migravam da área rural e tentavam reproduzir esse modo de vida na cidade, além das mercadorias não serem facilmente acessíveis ao consumo. Tal prática vai se perdendo por uma imposição econômica, o aumento da renda possível com o aluguel de quartos e a possibilidade de aquisição de frutas e verduras em mercados e feiras. Os quintais do centro da cidade, atualmente ainda possuem grandes extensões, mas aos poucos vão sendo vendidos, dando lugar a residências, comércio, bem como alternativa de renda para a construção de quartos para alugar nos dias do festival folclórico.

Figura 8 - Vista da Avenida Amazonas e Catedral , 1977



FONTE- Retirado <<https://www.facebook.com/olharparintinense/photos/basw.nte>>
Acesso em: jan. 2017.

Na imagem acima da Avenida Amazonas, nota-se os quintais arborizados, a circulação de pessoas, na foto era mínima, havia o predomínio das residências, as quais eram construídas com o material disponível, (palha, barro, e madeira). Não significava que eram desconfortáveis, apresentavam boa ventilação, como pode ser visto nos escritos de Charles Wagley, numa realidade muito similar à cidade de Parintins, quando descreve na década de 40 do século XX, uma comunidade amazônica:

Todos os prédios da rua Primeira são construídos de taipa ou madeira, todos tem chão de tábua ou cimento e telhados de barro e todos são pintados de branco ou de cores claras. Esse tipo de residência é classificado, em Itá, como casa, a fim de se distingui-lo das construções mais frágeis, cobertas de folhas de palmeira, chamadas barracas [...] são construções de dois ou três cômodos, com paredes e tetos de folhas de palmeiras trançadas e apoiadas em estacas fincadas no solo úmido. O soalho, geralmente feito de tabuinhas cortadas no tronco da paxiúba, é irregular, mas algumas dessas barracas tem chão de pranchas de madeira. [...] Existem algumas construções que o povo chama de 'casas' apesar de estarem em péssimas condições, e existem casas de taipa, pintadas de branco, com folhas de palmeira (WAGLEY, 1988, p. 48).

Aos poucos as residências da Avenida Amazonas foram se modificando, de acordo com as condições econômicas da população, onde a renda era proveniente do setor primário, na cidade foi sendo introduzida a venda de material de construção. O que se tinha era comercialização da palha e madeira, as quais expandia o negócio dos palheiros e madeireiros, além de melhorar a renda do carroceiro que aguardava no porto a chegada dessas matérias-primas. Quando Parintins foi elevada à comarca e posteriormente cidade, já haviam descrições sobre a referida rua, “[...] A Avenida que tem o nome de Amazonas é traçada de leste a oeste, a sua extensão vai do Lago da Francesa e termina no lugar denominado São José, tem a largura de 20 metros e de extensão 1.705” (BITTENCOURT, 2001, p.16). Em vista dos documentos públicos não há informações sobre a Avenida Amazonas, a não ser os contidos nos livros da Câmara Municipal nos volumes, I, II e III com transcrições sobre as ações da Prefeitura, as quais serão assinaladas no decorrer do capítulo.

A entrevistada M. R. moradora do trecho entre a rua Senador Álvaro Maia e Cordovil, relatou que quando era criança, andava apenas num caminho no meio do mato, não tinha água encanada nas casas. Ela com as demais crianças tinham que ir até à margem do rio Amazonas retirar a água que usavam para o consumo em geral, tiravam lenha no meio do mato e levavam para a casa, segundo ela, não era um trabalho e sim uma diversão, pois brincavam ao fazer isso.

As famílias que podiam pagar contavam com o serviço do aguadeiro¹⁰, que fazia uso do “cambão” descrito por Mário Ypiranga Monteiro

No interior do estado é comum o uso do ‘cambão’ (pau que sustenta as latas lavrado em madeira rija como por exemplo tapitirica, itaúba, piranheira, retos ou ligeiramente deformados a capricho, com entalhes nas extremidades para sustentar as alças ou ganchos das latas. Alguns deles mais artistas pintam as latas, que não raro trazem o nome como advertência aos larápios (MONTEIRO, p. 51-52).

A água para tomar, era passada (coada) primeiro em um pano, para se retirar o excesso dos sedimentos do Rio Amazonas e armazenada em potes de barro de onde a água era retirada para ser consumida. Era uma profissão que gerava renda e veio a desaparecer após a chegada da água encanada nas residências.

¹⁰ Pessoa que tinha como ofício carregar água do rio para as residências.

Na entrevista de Benedito Azedo (2012), ex-prefeito da cidade, em HISTÓRIA E MEMÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS, o mesmo relata que a água encanada foi implementada em Parintins por meio do Programa Americano “Ponto 4”, onde suas ações eram voltadas para a área da saúde e saneamento básico, foi construído na Rua Silva Campos um posto de saúde e um posto de abastecimento de água. Até a década de 1940 a água utilizada provinha do Rio Amazonas, havia torneira na rua Silva Campos próximo a Maçonaria e no prédio onde ficava a loja Esplanada, antiga loja Pernambucanas próximo à praça Eduardo Ribeiro. Até o ano de 1965 o abastecimento de água nas residências era inexistente, havendo poços artesianos em prédios públicos, casas comerciais e em poucas residências, além de torneiras públicas para os demais.

No ano de 1964 é assinado convênio com a empresa Centrais Elétricas do Amazonas (CELETRAMAZON), e em 1965 é doado um terreno para a construção e instalação do prédio da Usina. E. L. descreve,

Não existia fogão e televisão tudo foi se modernizando. Por volta dos anos 50 o avião Catalina pousava em frente à cidade no Rio Amazonas, mas com a abertura da pista de aviação essa rotina foi cancelada (Entrevista concedida em maio de 2016).

A chegada da energia elétrica indica a mudança no cotidiano, nos hábitos alimentares, a introdução de novas formas de entretenimento como a televisão, que passa a ser a mercadoria de desejo de muitas donas de casa e privilégio de poucos; quem não tinha ficava assistindo pela janela do vizinho, mas alguns hábitos persistiram como o encontro para as conversas ao fim de tarde que aos poucos também foram desaparecendo. Os postes de iluminação pública eram de madeira, acesos às 20:00h e desligados às 22:00h. Quando não tinham energia as pessoas usavam candeeiro e lamparinas.

A respeito das modificações em relação ao saneamento básico e ao desenvolvimento da infraestrutura urbana, Djalma Batista descreve os aglomerados do interior como a outra Amazônia, tanto as vilas que crescem para se tornar cidades como as que são sedes municipais, muitas delas, apenas com rótulo de cidade.

Tem havido, porém um evidente esforço, por parte dos governos estaduais, com apoio do federal, de implantar nessa Segunda

Amazônia, os marcos de infra-estrutura básica. Além das escolas e grupos escolares tradicionais, estão surgindo os ginásios, campos de pouso para aviões, serviço de energia elétrica permanente, unidades sanitárias (em alguns casos até hospitais), perfuração de poços artesianos para fornecimento de água encanada em domicílio (ou pelo menos em torneiras públicas) e estações telefônicas intermunicipais e interestaduais (com instalação de aparelhos domiciliares, sem falar nas agências de correios e telégrafos e nas repartições estatísticas. Em algumas cidades já foram até construídos (ou estão em construção) portos fluviais (BATISTA, 2007, p. 113).

O que Djalma Batista descreve diz respeito à Amazônia das décadas de 40 e 50, Parintins se insere neste contexto sendo contemplada a partir dos anos 60 com vários projetos, alguns destes já citados anteriormente. Também houve a implantação de um centro universitário, por meio da Universidade de Guanabara, também vieram 10 estudantes pelo Projeto Rondon XIII, acompanhados pela jornalista Tânia Carvalho, dando ênfase ao trabalho da estudante de Serviço Social Terezinha Linhares e do estudante de Medicina Dublin Sachetim, este último já tinha estado em Parintins, voltando para tratar e operar casos oftalmológicos, especialmente pterígios. Aos poucos a cidade ia se “modernizando”, as obras, os investimentos, a infraestrutura, lentamente foi sendo construída (BATISTA, 2007).

A Avenida Amazonas, tinha terra, areia e mato, depois foram plantadas as castanholeiras no passeio. A primeira pavimentação, de toda a Parintins foi feita de cimento e seixo, uma calçada de bom material e não havia desvio. As casas eram de palha e barro, as de palha eram bem mais ventiladas e eram comuns. As casas eram cercadas de estacas pontiagudas que também serviam de instrumento de luta corporal, além dos terçados (E. L. entrevista concedida em maio de 2016).

No livro Memória do Município de Parintins, de Antônio Bittencourt (2001), há descrições de caráter informativo sobre as ruas de Parintins,

Tem 10 ruas, uma bela avenida, 9 travessas e cinco praças. As ruas são dispostas de leste a oeste e as travessas de sul a norte [...] As ruas denominam-se Caetano Prestes, Coronel José Augusto, 25 de dezembro, Coronel Gomes, Benjamin da Silva, Vieira Júnior, Monteiro de Souza, Silva Meireles, Silva Campos e da Matriz (2001, p.16).

Até a década de 50 não havia limpeza pública, os quarteirões eram estreitos, as casas velhas e não obedeciam ao princípio da higiene, sem fossa

séptica, com isso havia a necessidade de regularização das ruas, travessas e praças, tendo em vista a dimensão dos quarteirões. No período de 1947 a 1951 segundo o livro História e Memória Política do Município de Parintins (2011), a cidade tinha três ruas paralelas ao rio. Em 1952 a 1955 configurava-se a leste o Urubuzal (atual rua Sá Peixoto); a oeste a Paróquia de São Benedito, ao sul a construção do campo de pouso, compreendendo a Rua Gomes de Castro próximo ao atual curral do boi Caprichoso até as mediações do Posto de Bombeamento do SAAE no bairro Emílio Moreira, no entorno da pista haviam campos de futebol onde os jovens realizavam o campeonato denominado Copão Parintins.

Relacionado às dimensões do espaço urbano parintinense, Lêda Hortêncio Batista (2000), descreve o desenvolvimento da cidade: 1910-1940 a cidade inicia de forma significativa o seu crescimento urbano, mais precisamente no final da década de 30 com um relativo período de estagnação. No censo de 1920 o total de habitantes era de 14.607; por volta de 1930 ocorreu à instalação da usina de luz em um prédio da rua do meio, Coronel José Augusto, se iniciou o serviço de coleta de lixo e instalação da colônia japonesa em Vila Amazônia; em meados de 1940 novas ruas são abertas, 1941-1970 predominância econômica do cultivo e beneficiamento da juta quando a cidade começa a receber mais intensamente projetos de infraestrutura; em 1970 há a ocupação do bairro de Palmares, 1971-2000 a cidade atrai visitantes e ocorre uma intensa migração devido a ocupação de áreas urbanas. Ressaltando que o principal meio de circulação de pessoas e mercadorias era o trapiche municipal.

As modificações ocorreram gradativamente na estrutura urbana da cidade, conforme o período econômico vigente, por volta de 1968 é instalada a Companhia Fabriljuta, entre as décadas de 60 e 70 ocorre o ápice da jiticultura. A respeito desse ciclo econômico é esclarecedora a citação de Karine Araújo,

Foram muitos acontecimentos que marcaram essa trajetória, sendo um dos mais importantes, a chegada de um grupo de cinco famílias de agricultores japoneses na Vila Amazônia em Parintins, Estado do Amazonas. Um desses chefes de família era o Sr. Ryota Oyama, cuja sua atenção com a juta modificou os destinos dos imigrantes e da região. No início da década de 1930, a observação do senhor Ryota Oyama o levou à identificar casualmente dois pés de juta com um crescimento diferenciado, e com sua persistência, conseguiu que um desses exemplares sobrevivesse o que permitiu a sua multiplicação e aclimatação promovendo início da primeira safra comercial em 1937. O sucesso da aclimatação da juta nesta região

do Amazonas marcou uma nova era na agricultura brasileira, cujas tentativas visando o cultivo comercial desta planta vinham desde 1902, em São Paulo (ARAÚJO, 2012, p.11).

Nos anos de 1977-1979 Parintins ganha investimentos e convênios, dentre os quais a construção do novo aeroporto, aterramento e construção da escadaria da Francesa, muro de Arrimo e Porto Fluvial. Com isso a cidade teve impacto direto com investimento nesse setor onde a juta transformava-se em tapete nas ruas, visto que não tinha carro, motocicleta. Essa ação fazia com que ocorressem transtornos aos transeuntes das vias públicas, pauta de várias sessões na Câmara Municipal.

A arborização estava presente na Avenida Amazonas com árvores que embelezavam e produziam sombra em toda a sua extensão, mas com a reurbanização no ano de 2000, muitas foram retiradas para dar lugar aos novos padrões de arborização. Logo após a sua reinauguração, era possível observar que não se aproximava do projeto propagado em panfletos pela cidade, de que era uma bela Avenida com a ideia do espaço de convivência da família, do lazer e tranquilidade.

Na verdade, buscava-se introduzir sinais de modernização num urbanismo aparentemente desprezioso cujo objetivo era preparar a cidade para a festa o que significa a inserção de uma cidade para o mercado

Com ou sem ideologia, o urbanismo torna-se valor de troca. O projeto dos promotores de vendas se apresenta como ocasião e local privilegiado: lugar de felicidade numa vida cotidiana miraculosa e maravilhosamente transformada [...] a cotidianidade parece um conto de fadas. [...] A sociedade de consumo traduz-se em ordens: ordem de seu elemento no terreno, ordem de ser feliz. Eis, o contexto, o palco, o dispositivo de sua felicidade (LEFEBVRE, 2001, p.32).

O urbanismo é um meio para a valorização do espaço, do uso do solo com aumento nos valores das residências, terrenos e dos estabelecimentos comerciais, seja na venda ou no aluguel. Morar na Avenida se tornou objeto de desejo, mas inacessível para a renda de muitos, os quais buscam outras áreas da cidade.

Figura 09 - Trecho da Avenida Amazonas com a rua João Melo, 1996



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, 20 de jun. 1996.

Figura 10 - Trecho da Avenida Amazonas com a rua João Melo, 2000



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, 11 de jul. 2000.

A paisagem se transforma à medida que o sistema capitalista preestabelece e dimensiona as funcionalidades, dessa maneira ocorreu a retirada das barracas improvisadas que apesar de estarem adaptadas ao local, tiveram que ser realocadas a outros espaços como a Banca de Jornal e Revista Amazonas que ficava próxima

ao cruzamento da Avenida Amazonas com a rua João Melo, e que foi transferida para o Shopping Catedral, construído também no período da reurbanização da Avenida, tal edificação pertence à Diocese de Parintins e está localizado na esquina da Avenida Amazonas com a rua Clarindo Chaves próximo à igreja da matriz, composto por 12 salas comerciais. A diocese indicou o tipo de lojas e alugou os pontos comerciais pelo valor de um salário mínimo. Atualmente o Centro Social Catedral é composto por 10 estabelecimentos (alguns alugam dois pontos): Salão de beleza, loja de artesanato, agência de viagem, banca de revista, loja de confecções, loja de artigos religiosos, loja de presentes e livraria, e consultório médico. Todas as lojas são autônomas, não prestam contas à diocese, possuindo apenas um contrato firmado como alocação de imóvel.

As tacacazeiras¹¹ também não puderam permanecer nas calçadas da Avenida, no entanto, depois de certo período, as mesmas foram ocupadas por mesas e cadeiras dos bares, impossibilitando o ir e vir dos pedestres e infringindo todas as leis de acessibilidade, visto que obstruem as vias de acessos de cadeirantes, além da passagem de pais e mães com os carros de bebês, isso ainda ocorre atualmente. Nota-se que no processo de reurbanização da avenida buscava-se inicialmente um espaço desprovido de atividades ligadas às coisas simples do lugar ou que não fossem caracterizadas como "atividades modernas", todavia, isto não se manteve, pois que o espaço foi gradativamente sendo retomado por estas atividades do setor informal como as descritas acima.

O espaço da Avenida reurbanizado foi adquirindo novas formas que foram modificando o espaço, dotando-o de significados diferentes a cada momento. Na Avenida Amazonas, as funções do comércio e serviço permaneceram, mas o que ocorreu foi à valorização e a concentração dessas atividades, bem como a readequação de outras. Tal dimensão já havia sido abordada por William Ribeiro da Silva quando faz a seguinte consideração,

Nesse sentido, a forma urbana garante muitas possibilidades, pois ela é um dos elementos que pode atribuir a adjetivação de raridade ao espaço, gerando e/ou acelerando um processo de valorização e adensamento de atividades que tendem a conquistar vantagens com tal concentração. Portanto, a forma é de fundamental importância para todos os processos espaciais, pois é o elemento que dá

¹¹ Pessoa que prepara o tacacá e o comercializa em espaços públicos da cidade como calçadas e praças.

exterioridade, que é sensível à percepção e que possibilita mobilidade e dinâmicas apropriadas para determinadas atividades (SILVA, 2006, p.61).

Figura 11 - Obras de reestruturação do passeio da Av. Amazonas, 2000



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, abr. 2000.

Na forma aparente da paisagem estão as dimensões da cidade e de como as pessoas se apropriam da mesma a partir das condições concretas e objetivas. Na figura acima, é possível observar uma parte de um muro com pintura (propaganda) de um determinado candidato em período de eleição, nesse período era permitida a divulgação em camisas, bonés e similares; ao lado, a casa da senhora Maria Raimunda (Diquinha), moradora desde criança desse trecho, mais a frente a casa do casal Silvia e Valdir Viana, este último foi figura importante na cidade no tratamento de desmentidura e de fraturas, e similares, não havendo profissional diplomado, ajudou muitas pessoas em seu trabalho voluntário, em que seus saberes contribuíram para o atendimento à população que necessitava de atendimento médico. A loja Penha PNEUS vendia eletrodomésticos, eletroeletrônicos e bicicletas, ao lado a Escola Estadual Senador Álvaro Maia, “o estadual”, denominação local por ser a primeira escola estadual do município (Figuras 12 e 13).

Figura 12 - Escola Estadual Senador Álvaro Maia, 1979.



FONTE: Acervo da família Oliveira, out. 1979.

Figura 13 - Escola Estadual Senador Álvaro Maia, 2016



FONTE: Jousefe Oliveira, 2016.

Nota-se, no primeiro plano da figura acima, que a Avenida ainda não era asfaltada, e a bicicleta foi o meio de transporte bastante utilizado até a década de 1990 sendo substituído pelos motorizados que hoje são predominantes como meio de transporte individual, principalmente as motocicletas. Dados do DENATRAN

organizados por Joubert da Costa e Silva (2016) demonstraram que na cidade de Parintins estavam cadastradas naquele ano, 8.544 motocicletas, enquanto as bicicletas são raridades, embora a geomorfologia da cidade seja propícia ao uso das mesmas. Isto demonstra que,

A forma é a aparência, é o mundo da manifestação do fenômeno. Permite a constatação da existência do fenômeno, ao mesmo tempo em que é a representação das relações sociais reais. Não é, apenas e tão somente, produto da história, na medida em que a aparência reproduz a história. A paisagem urbana enquanto forma de manifestação do espaço urbano, reproduz num momento vários momentos da história. Aí emergem os movimentos, a multiplicidade dos tempos que constituem o urbano (CARLOS, 1994, p. 24).

A forma da cidade permite definir as funções, estabelecer o espaço da circulação de pessoas e de mercadorias, além das relações sociais. Estas nos fazem refletir sobre cada momento histórico que perpassa o espaço, trazendo a tona várias memórias, como aparece no depoimento a seguir:

O Colégio Batista de Parintins iniciou na Avenida Amazonas com a Rua Senador Álvaro Maia, morava também os japoneses Josefina e Nakaio, o Taketomi tinha a fábrica de guaraná e café delícia, onde antes era farmácia Somar (E.L. entrevista concedida em maio de 2016)

Há ainda referência à igreja Assembleia de Deus que inicialmente estava localizada na Avenida Amazonas, “O pastor José Guedes [...] mudou o prédio da Assembleia de Deus da Av. Amazonas para a rua João Melo onde permaneceu por vários anos ” (HISTÓRIA E MEMÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS, 2012, p. 235), e posteriormente retorna a Avenida onde permanece até a data da pesquisa.

Ainda está presente na memória dos entrevistados a delegacia da cidade que funcionava no cruzamento da Avenida Amazonas com João Melo, conforme a figura a seguir:

Figura 14 - Ao fundo a antiga cadeia municipal, 1997



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, 16 de jun. 1997.

Nas entrevistas aparecem nome de antigos moradores da Avenida Amazonas até a década de 1970, como o Valdir Viana e sua esposa Silvia já citados, Geminiana Bulcão foi a primeira mulher vereadora da cidade, a professora Lurdinha e Elson que moravam próximo à Escola Brandão de Amorim. Os antigos moradores guardam na memória não apenas objetos e coisas que não mais existem, mas também pessoas a configurar a paisagem urbana pretérita que se formava não apenas no que era construído, mas também nos seus construtores, é "a interrelação entre processo e forma, construção e construtores (pessoas)" (Anotações de sala de aula, 2015).

Como outras cidades amazônicas a centralidade primeira se estrutura a partir do rio onde se concentravam os comércio localizados nas ruas da frente. A primeira expansão se dá para a Avenida Amazonas quando ocorre transferência dos comércios não necessariamente ligados à venda para o interior da cidade, mas um comércio diversificado de confecções, perfumaria e eletrônicos que vai se localizar próximo à praça da Matriz, se expandindo para o leste até a Escadaria da Francesa com um comércio similar ao existente na beira do rio visto que se destinava também à atender a população do interior, fazendo da Avenida nova centralidade para a cidade. A partir do estudo de Vitor Ribeiro Filho (2009) a respeito do desdobramento

da área central em Manaus, novos centros comerciais vão surgindo conforme o crescimento da cidade, mas que não torna o centro menos importante para uma parcela significativa da população.

Os primeiros estabelecimentos comerciais funcionavam na própria moradia, como aparece na entrevista da moradora F.B. sobre o senhor Zé Branquinho proprietário de um comércio que vendia artigos alimentícios embalados, numa época em que os produtos eram vendidos a granel. “Numa cidade a fragmentação socioespacial tende à fragmentação dos espaços de consumo, do lazer e da moradia e as centralidades se manifestam se efetivam em nível intraurbano, independente do tamanho das cidades” (DEMAMANN, 2011, p.96). Aos poucos, a Avenida que antes era apenas área residencial vai se transformando em área comercial, sendo que em 2016, predominavam as atividades de comércio e serviço, conforme poderá ser visto no item 2.2, sendo que em certos trechos da Avenida são localizados comércio e serviços considerados sofisticados no nível local, o que possibilita o fluxo de pessoas de vários locais da cidade.

A centralidade urbana para além do comércio e dos serviços comporta outras dimensões da vida na cidade. Na Avenida Amazonas havia desfiles cívicos e culturais, procissão e as corridas ciclísticas.

Figura 15 - Desfile cívico de 7 de setembro na Av. Amazonas, 1994



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, 11 de set. 1994.

Na figura acima é visto um dos eventos que ocorriam na cidade, o desfile cívico da semana da pátria que iniciava no dia 3 de setembro com o desfile dos

centros infantis com alunos de 3 a 6 anos, no dia 5 os alunos do ensino fundamental em homenagem à elevação do Amazonas à categoria de Província e 7 de setembro pela independência do Brasil com os alunos do ensino médio, quando os alunos desfilavam com o maior garbo, sendo as escolas mais aguardadas o Colégio Nossa Senhora do Carmo, o Colégio Batista de Parintins e a Escola Estadual Senador João Bosco Ramos de Lima. Os desfiles mobilizavam a cidade e levavam muitas pessoas às ruas, as quais prestigiavam as fanfarras, para além do desfile, era um acontecimento de encontro dos moradores da cidade.

A figura abaixo mostra a preparação para a principal festa religiosa da cidade, onde era feito um grande painel no asfalto com flores naturais com o nome de “MARIA” para a passagem da imagem de Nossa Senhora do Carmo a padroeira da cidade.

Figura 16 – Enfeite para a passagem da Imagem da padroeira, 2000



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, 15 jul. 2000.

Havia a procissão chamada de Círio que saía da Paróquia de São José Operário, seguindo pela Avenida Nações Unidas, Rua Senador Álvaro Maia e em seguida percorria a Avenida Amazonas até chegar a Catedral. Essa procissão fazendo o mesmo percurso ainda existe sempre no mês de julho de cada ano, quando os moradores enfeitam ruas, calçadas e as frentes de suas casas, porém o

painel feito de flores naturais que cobria as ruas não mais existe, hoje predominam enfeites nos postes, e no chão folhas de canela e papel picado.

As cidades se transformam e os problemas urbanos aumentam e se tornam mais complexos. Nas entrevistas percebe-se certo sentimento de uma cidade que não mais existe, não necessariamente como perda, tampouco como juízo de valor de que era melhor ou pior, apenas era diferente. Foi recorrente a expressão, “no meu tempo não era assim, vivíamos de outra maneira”. Aos poucos as atividades sociais, as formas de relacionamento ganham novos significados. *“Meu pai, João Miguel tinha um bar aqui ao lado, ele tocava violino e convidava os músicos do Paranema: Marcos Pena, João Marchão, Mundico Gonzaga e Siriaco”* (J. D., moradora da Avenida Amazonas, entrevista concedida em julho de 2016).

Em outra entrevista aparece a rua como espaço de uso, *“as crianças brincavam nas ruas, os adultos conversavam em frente de suas casas, a rua era o espaço do encontro, colocar a cadeira nas frentes das residências ao fim da tarde e início do anoitecer era um hábito comum entre os moradores”* (F.B. , moradora da Avenida Amazonas, entrevista concedida em julho de 2016).

Na cidade de Parintins tais hábitos não mais existem ou são raros, em decorrência da insegurança urbana, os quintais urbanos não são mais coletivos, as fachadas das casas desapareceram, muros foram erguidos, câmeras de monitoramento e grades foram postas.

Outro aspecto que deve ser considerado é que, na atualidade, a análise da cidade torna-se mais complexa porque outras temáticas passaram a fazer parte da agenda de qualquer estudo: as questões ambientais [...] e a violência urbana [...]. Essas questões fazem parte do rol de desafios que a cidade, sobretudo a metrópole, tem de enfrentar no mundo contemporâneo (SPOSITO, 2008, p 32).

A cidade de Parintins no geral não foge à regra de outras cidades, hábitos são mudados, novos costumes passam a fazer parte do cotidiano por meio da difusão da tecnologia que com rapidez insere novos elementos que modificam hábitos antigos, desse modo,

A vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro quase desaparecem; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui, as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos,

no mercado, como mercadorias; árvores são destruídas, praças transformadas em concreto [...] (CARLOS, 1994, p. 19)

Isso ocorre em Parintins, onde as crianças brincam menos nas ruas, os vizinhos quase não se veem ou trocam conversas, a rotina, os compromissos da dimensão urbana fazem com que as pessoas se adequem às novas formas de relações, em que o convívio social mais divide que agrega, entre conversar frente a frente ou usar celular ou tablet, as pessoas optam pelo segundo; especialmente entre as pessoas mais jovens, e aos poucos os aparelhos eletrônicos determinam os modos nas relações.

A difusão tecnológica, a praticidade e a rapidez do fenômeno global, fez com que as “lan houses” chegassem às cidades do interior da Amazônia não com a mesma rapidez e velocidade de conexão, se comparada a outras cidades do território brasileiro, mas que por hora a informação se torna mais acessível. Na Avenida Amazonas foi inaugurada a “DABELLA Cyber Café” que assim como outras poucas lan houses que existiam, introduziram o acesso à rede mundial de computadores; os telefones fixos, orelhões e aparelhos de fax aos poucos foram substituídos pelos celulares, os frequentadores desse espaço eram principalmente jovens que buscavam as redes sociais como “ORKUT” e salas de bate-papo virtual como o “MESSENGER” para se comunicarem com pessoas de outros lugares.

A partir do início da década de 2000 após a reestruturação da Avenida, era possível observar os jovens após a missa aos domingos na Catedral de Nossa Senhora do Carmo, passearem em suas motocicletas pela Avenida Amazonas em direção a Francesa, retornando em direção ao Clube Ilha Verde, fazendo esse percurso mais de uma vez, conversando ou cumprimentando outras pessoas, fato que nos dias atuais mudou, pois o percurso para os que ainda continuam fazendo esses passeios já não é o mesmo.

Outro evento importante realizado na Avenida Amazonas eram as corridas ciclísticas e pedestres promovidas pelo Sistema Alvorada de Comunicação em comemoração ao aniversário da emissora. A partir do ano 2000 foram introduzidas as corridas de triciclos. Nos últimos anos, este evento tem perdido força pelo pouco número de participantes e a falta de incentivo à prática esportiva, o que ocasionava a baixa participação da população, como pode se observar na figura abaixo:

Figura 17 - Corrida ciclística na Avenida Amazonas, 1997



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, out. 1997.

As mudanças também ocorrem nos hábitos relacionados à saúde. Uma vez que nas entrevistas ressaltou-se que os moradores eram expostos à diversas doenças. Havia proliferação de animais peçonhentos e mosquitos, carência de profissionais da área da saúde e uma distância considerável para os maiores centros urbanos dificultava a vida da população, como as capitais Manaus-Am e Belém-Pa. Quando necessitavam de atendimento de emergência as pessoas tinham que se deslocar até a capital do estado, sendo uma viagem cansativa e muitos não conseguiam chegar ainda com vida ao destino. Quem não tinha condições de deslocamento, se tratava com o que estava à disposição. A esse respeito, os moradores foram questionados como tratavam as doenças? Sobre a existência de posto de saúde e hospital? As entrevistadas J.D., T.F. relataram que tinham os puxadores, benzedoras e parteiras como Dona Lourença Cid, Dona Mercedes, Dona Nêga, e ainda o Matheus Ribeiro e Dr. Santos que atendiam na farmácia.

O que ocorria com os moradores da Avenida Amazonas relatado nas entrevistas, não era diferente dos demais moradores da cidade, diante das dificuldades, faziam tratamento a partir da medicina caseira, utilizando-se dos saberes tradicionais repassados de geração em geração, os remédios caseiros,

ervas medicinais, os chás, banhos, trabalho dos “puxadores” que tratavam de luxações e deslocamento de ossos. Sem a assistência médica, muitas pessoas adoeciam e morriam sem ter sequer um diagnóstico. A esse respeito Deilson do Carmo esclarece:

Benzedeira, benção e benzidos, constituem-se num fenômeno bastante representativo no cotidiano da sociedade parintinense, resistente à transformações advindas com a modernidade. A continuação dessa prática é legitimada pela sociedade que acredita na benção apesar dos avanços da medicina moderna [...] (2013, p. 103).

Há persistência na cura por meio dos saberes tradicionais, que aos poucos com o processo de globalização e inserção de novos elementos do cotidiano, faz com que a reprodução de hábitos anteriores se tornem cada vez mais raros na cidade. As pessoas mais velhas repassam essa prática aos jovens de sua própria família que adquirem esse saber tradicional por meio da observação e experimentação juntamente com as pessoas que acreditam nesse processo de cura, conhecimento que aos poucos vai desaparecendo.

As entrevistas possibilitaram o contato com os moradores e as histórias de vida por eles relatadas são as mais diversas e revelam a transformação do espaço geográfico pelo trabalho humano. Alguns se emocionaram ao lembrar seus familiares, os seus espaços na infância e juventude e as dificuldades em viver na cidade, que aos poucos se estruturava. As mudanças trouxeram impactos positivos como: acesso a saneamento básico, atendimento médico, melhoria na educação, entre outros; além de impactos negativos como: o aumento da insegurança urbana, visto que antes se sentiam mais seguros para ir e vir e a poluição. Dessa forma,

A mudança nas relações espaço-tempo revelam a profunda mudança nos costumes e hábitos sem que as pessoas pareçam se dar conta, pois as inovações são aceitas de modo gradual, quase despercebida, embrulhadas pela ideologia que efetiva a degradação da vida cotidiana [...] (CARLOS, 2007, p.51).

O que se observou nas entrevistas é que as mudanças ocorridas no espaço da cidade, mais especificamente no da Avenida Amazonas, envolveu a sociedade em novas formas de relacionamento onde o espaço urbano é responsável pelas

modificações quase que instantâneas nos processos que envolvem as diversas atividades e conexões entre as pessoas.

Desse modo, há a descrição de elementos na paisagem urbana, como as castanholeiras, a banca de tacacá, a banca de jornal e revista situada em frente à Catedral na esquina com a Rua João Melo, as lanchonetes feitas em madeira como o conhecido “Lanche Americano”, ou o lanche do João Moura, que não mais existem no formato de barraca, mas continuam na memória dos moradores como ponto de referência para o local, e aos poucos desaparecem devido à lógica da produção espacial que moderniza e introduz novos elementos ao espaço geográfico, fazendo com que as modificações ao longo do tempo, alterem a paisagem, introduza novas formas de atividades na função urbana, como o espaço de lazer, via de circulação, espaço do comércio e o espaço da moradia.

2.2 Avenida Amazonas atual

O crescimento da cidade de Parintins foi encadeado, dentre outros fatores, pelo aumento das demandas habitacionais decorrente da migração que criou novas formas de morar com expansão dos loteamentos, boa parte deles clandestinos que se inserem na especulação imobiliária, ocupações urbanas, conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida. Todos esses fatores ligados à produção da moradia levaram também ao adensamento da ocupação e a valorização fundiária da área central da cidade. Sobre tal processo, Maria Encarnação Beltrão Spósito, esclarece:

São três processos simultâneos e articulados. Primeiramente, há que se considerar os interesses de valorização fundiária e imobiliária de novas áreas no entorno das cidades, quer seja por meio da atribuição de uso de solo urbano a territórios que não eram funcionalmente urbanos mais modernos e mais valorizados, a áreas já incorporadas ao tecido urbano (1998, p.28).

O crescimento da cidade sempre esteve atrelado ao aumento de atividades econômicas como o cacau no final do século XIX e início do século XX, a pecuária, a retomada da borracha na década de 1930 com a vinda de migrantes nordestinos, e a juta no mesmo período com a vinda de japoneses. Com menor ênfase, mas não menos importante, há os migrantes sírio-libaneses e judeus que se dedicaram ao

comércio localizado na área central¹² e ainda os italianos que atuaram nas obras da igreja católica. A partir dos anos de 1980 as atividades econômicas se pulverizam, a juta entra em crise, a pecuária e a agricultura familiar ganham novas dimensões, e passa a ter relevo as atividades culturais ligadas ao festival folclórico de Parintins que se torna o grande impulso ao crescimento da cidade. Como se evidencia

Em Parintins, o ano de 1975, marca a chegada do município no topo no *ranking* do efetivo de rebanho bovino [...] após 2008 oscila entre a primeira e terceira posições [...] A década de 1980 marca o declínio da economia da juta em Parintins com falência em, 1984, da principal fábrica desse setor na cidade, a Companhia Fabril Juta de Parintins [...] surge uma nova atividade econômica a revigorar o município pós-declínio da economia da juta. O Festival Folclórico do Boi-Bumbá de Parintins ganha fôlego nesse período, sendo a principal atividade econômica da cidade, tornando-a conhecida nacional e internacionalmente (MARINHO, 2015, p.120).

A mancha urbana vai se expandindo, desde as ocupações mais antigas como a do Bairro de Palmares até as mais recentes com a dos bairros de Itaúna I, II, Paulo Corrêa e União; novas áreas são incorporadas ao tecido urbano conforme é detalhado na tese de Nilciana Dinely de Souza (2013), sendo que atualmente (2016) há a tentativa de se consolidar nova área de ocupação urbana na franja da cidade nos limites do bairro de Paschoal Allágio. Nesse processo de crescimento da cidade,

As centralidades reúnem comércios e prestação de serviços e atraem novos equipamentos urbanos, que funcionam como atrativos à população que procura novos espaços para morar e, principalmente, aos empreendedores interessados em investir nessas áreas. Criam novos espaços especulativos não fragmentados e articulados no tecido urbano, onde as dinâmicas dos espaços negam a possibilidade funcional de conjunto articulado (DEMAMANN, 2011, p.125-126).

Os espaços são recriados conforme uma “ordem” distante que se articula e se concretiza no local. As relações sociais imbricadas nas atividades comerciais e de serviços que ocorrem no local, do mesmo modo que os novos loteamentos, e assentamentos, como já discutidos no primeiro capítulo. Estes acontecimentos do local, não podem ser analisados descontextualizados da formação socioespacial de como foi estruturando o sítio da cidade transformado de área natural em pastagem

¹² (veja o item 3.1, p. 104)

para depois seguir o ritmo dos "assentamentos espontâneos". Estes acontecimentos se dão no local e devem ser compreendidos a partir de sua concretude local, porém suas determinações não se encerram na cidade, pois são partes de uma ordem econômica maior que se completa e parte de um processo mais geral de reprodução capitalista que se adequa e se adapta às condições locais. Como aponta Saint-Clair Trindade Junior no caso de Belém e que se assemelha a outros lugares do espaço.

A prática de ocupação mais comum consistia, em um primeiro momento, na ocorrência das 'invasões' por parte da população, vindo, em seguida o Estado para regularizá-las através de ações com vistas às desapropriações, seja em terrenos públicos, sejam em privados desprovidos de infraestrutura. Nas áreas privadas, apesar dos conflitos constantes, em muitos casos houve também uma prática de conveniência por parte dos proprietários, que ficavam aguardando as desapropriações, como um maneira de realizar um bom negócio (TRINDADE JUNIOR, 2016, p.178).

O espaço da cidade vai se estruturando conforme as ações humanas, as quais determinam as atividades e a inserção na forma aparente da paisagem, os meios informais como as ocupações geram problemas estruturais específicos da cidade, cabendo ao Estado à regularização e a implementação de estruturas urbanísticas.

Dessa maneira, a Avenida Amazonas foi uma das vias públicas que passou por um processo de modificação, e que torna interessante o estudo da centralidade nesse espaço, não pela simples circulação de pessoas e mercadorias, mas como espaço de vivência. Para tanto, foram analisadas as características dos estabelecimentos comerciais, os serviços e a circulação de pessoas e mercadorias, as quais trazem reflexões acerca da centralidade expressada por tal avenida.

Conforme citações que constam na delimitação do Perímetro urbano de Parintins (2006), além da Avenida Amazonas há ainda as Avenidas: Acariúba, Massaranduba, Nações Unidas e Geny Bentes. As mesmas não possuem grandes extensões, nem são largas e pavimentadas, se comparadas às grandes avenidas dos principais centros urbanos. O arruamento de Parintins não difere da maioria das cidades ribeirinhas, e apresenta ruas esburacadas, mal sinalizadas ou sem alguma sinalização, o trânsito por vezes é caótico em que se misturam pedestres, bicicletas, bicicletas elétricas, motocicletas, automóveis, triciclo às vezes transportando canoa,

e ainda resistindo ao tempo a carroça puxada por cavalo; é uma mistura de pessoas e máquinas numa aparente balbúrdia.

Há na cidade uma representação do órgão fiscalizador estadual de trânsito o DETRAN com pouca ou nenhuma atuação nas ruas limitando-se a cobrança de impostos. Recentemente (2015) foi criada a Empresa Municipal de Trânsito responsável pela orientação, organização e fiscalização do trânsito na cidade.

Em vista da expansão urbana, a Avenida Amazonas foi se estruturando, se expandindo com a cidade e atualmente a mesma se consolida como via de conexão para as várias áreas da cidade cortando-a no sentido leste para oeste da Escadaria da Francesa até o Clube Manguirão, próximo ao rio Amazonas. Seus limites começam e terminam no rio, dessa forma, assemelha-se à Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, “a avenida varava a cidade histórica de mar a mar. Não podemos esquecer que a Avenida foi uma demanda do porto, embora o embelezamento estivesse em pauta [...]” (PACHECO, 2009, p. 88). No caso da Avenida Amazonas pode-se sustentar que ela “vara a cidade de rio a rio, ou quase”, o que faz dela a via de circulação da cidade com o rio, dando-lhe o status da principal via da cidade, embora não seja a rua da frente.

A paisagem urbana, que compõe o visível, o aparente da Avenida Amazonas, especialmente se comparado a outras vias da cidade aparece bem conservada por expressar uma das centralidades, àquela para “o turista ver” por sua localização, por estar situada no centro, ser o local de passagem para a praça da Igreja e para o Bumbódromo, e por concentrar a principal área de comércio e serviço. Na essência, porém, apresenta os mesmos problemas de outras áreas da cidade em relação ao esgoto a céu aberto, lixeiras “viciadas”, entupimentos de bueiros, enfim problemas comuns na cidade.

Figura 18- Avenida Amazonas (primeiro plano), 2016.



FONTE: <<https://www.facebook.com/search/plantaodailhaplantão>>

Na pesquisa de campo de maio a agosto de 2016 quando foram georreferenciados todos os estabelecimentos comerciais e de serviços da Avenida Amazonas, foi possível aferir na contemporaneidade, que a mesma possui centralidade, o comércio e serviço se concentra em toda a sua extensão, com movimentação diária, uma dinâmica peculiar de uma cidade ribeirinha, onde a passagem para o porto principal ocorre por essa via, pessoas passam com suas malas, bolsas e mercadorias vindas da capital do estado.

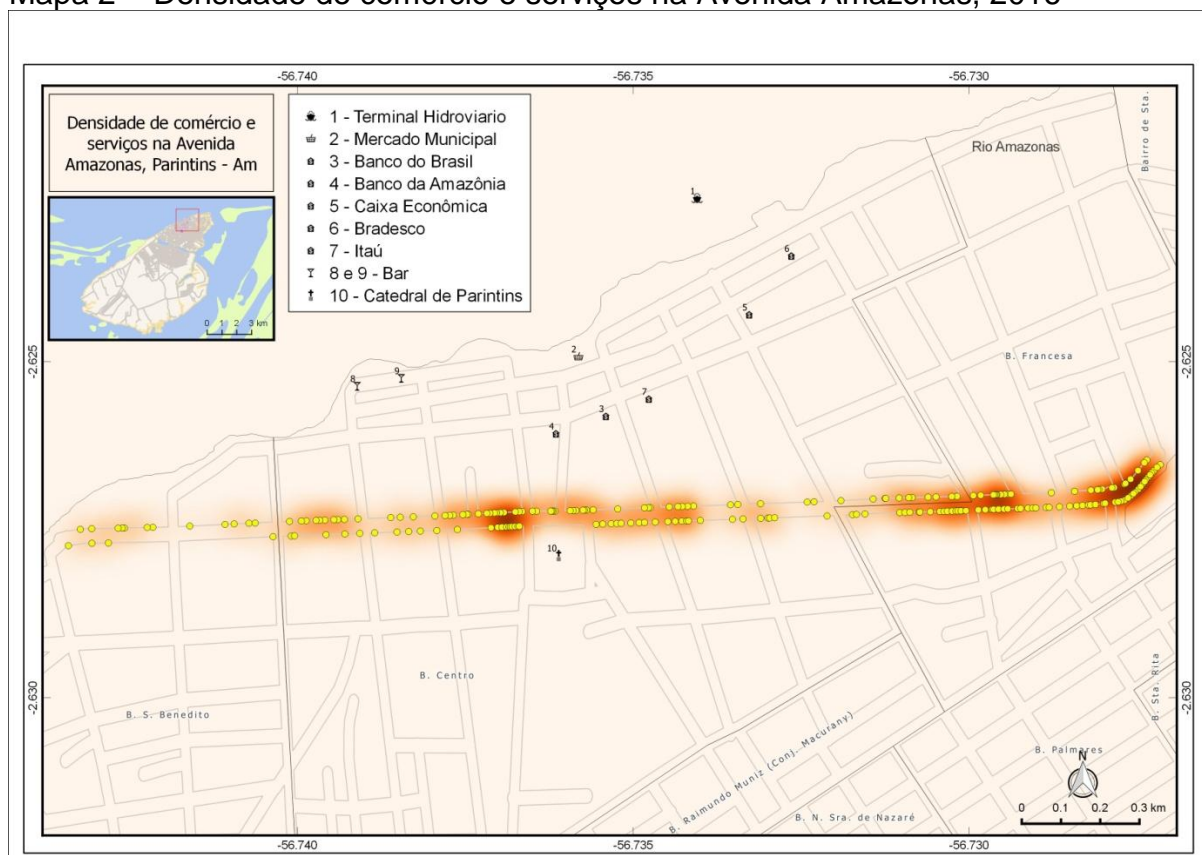
Diferente das metrópoles, não é comum a presença de morador de rua, a não ser por alguns dias no banco da praça da Catedral, a prostituição não está presente no espaço, nem os flanelinhas, por vezes surgem pessoas que viajam pelas cidades e sobrevivem de apresentações nos cruzamentos da Avenida Amazonas com Jonathas Pedrosa, João Melo e Senador Álvaro Maia; outro ator social é o vendedor de melancia que se instala na calçada da Avenida próximo à escadaria da Francesa. Nas palavras de Miguel Ribeiro (2009), a rua tem o sentido do mercado pelas trocas comerciais, da festa pela realização de festividades sagradas ou profanas, tem o sentido de reivindicações por meio de atos e manifestações, principalmente nos pontos de centralidade.

Os fluxos diurno(s) da avenida começa no horário de 8:00 horas quando alguns estabelecimentos comerciais e de serviços iniciam suas atividades, com fechamento para o almoço às 12:00 horas e retorno às 14:00 horas e encerram entre 19:00

horas e 19:30 horas. Outros iniciam ao final da tarde se estendendo até por volta das 23:00h, tais como as casas de festas, funcionam até o amanhecer e, outros, ainda permanecem funcionando 24 horas como hotéis, pousadas e posto de gasolina. O horário de maior circulação é o diurno que coincide com o funcionamento de escolas, por exemplo, na Avenida. Flávio Villaça (2001) evidencia a compreensão interna da estrutura urbana em que as condições de deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria e força de trabalho, como no deslocamento casa e trabalho, seja também enquanto consumidor. Há um todo articulado de partes que se relacionam, no qual as alterações de uma parte, ou em uma relação, acarretam alterações nas demais partes e relações.

A dimensão de usos da Avenida Amazonas configura formas de apropriação espacial diferenciada, havendo áreas de concentração residencial, de atividades comerciais e de serviço como pode ser vista no mapa 2.

Mapa 2 - Densidade de comércio e serviços na Avenida Amazonas, 2016



Fonte: IBGE, 2010; ANA, 2010. Organizado por: Thiago Franco e Valdilene Siqueira, fev. 2016.

As atividades são distintas no espaço e tem tempos diferenciados de usos e são frequentados por segmentos diferentes, o que gera conflitos sociais que se percebe especialmente quanto à circulação e o estacionamento de carros nas frentes das residências, nos estabelecimentos e até na praça da Igreja cujo estacionamento de automóveis foi proibido.

A circulação de pessoas é o que define a Avenida como centralidade, e isso se dá pelas opções e variedade de comércio e serviços que comporta, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 - Avenida Amazonas: Estabelecimentos por tipo. Parintins - AM, 2016

ESTABELECEMENTOS	QUANTIDADE
Residências (exclusiva)	61
Loja de Confeções	28
Imóveis disponibilizados para aluguel (loja e moradia)	22
Loja de artigos em geral	18
Bar, lanchonete, restaurante, pizzaria, sorveteria	16
Escritório	14
Salão de beleza e similar	9
Hotel e pousada	7
Ótica	5
Oficina Mecânica	6
Loja de Material de Construção e ferragens	5
Mercadinho e mercearia	4
Venda de peças e acessórios para celular	5
Casa de festas	4
Locadora de moto	4
Loja de autopeças	4
Loja de eletroeletrônicos	5
Ponto de revenda (catálogos)	3
Agência de viagem	2
Loja de Calçados	2

Fonte: Pesquisa de Campo, mai. 2016. Organizada por: Valdilene Siqueira.

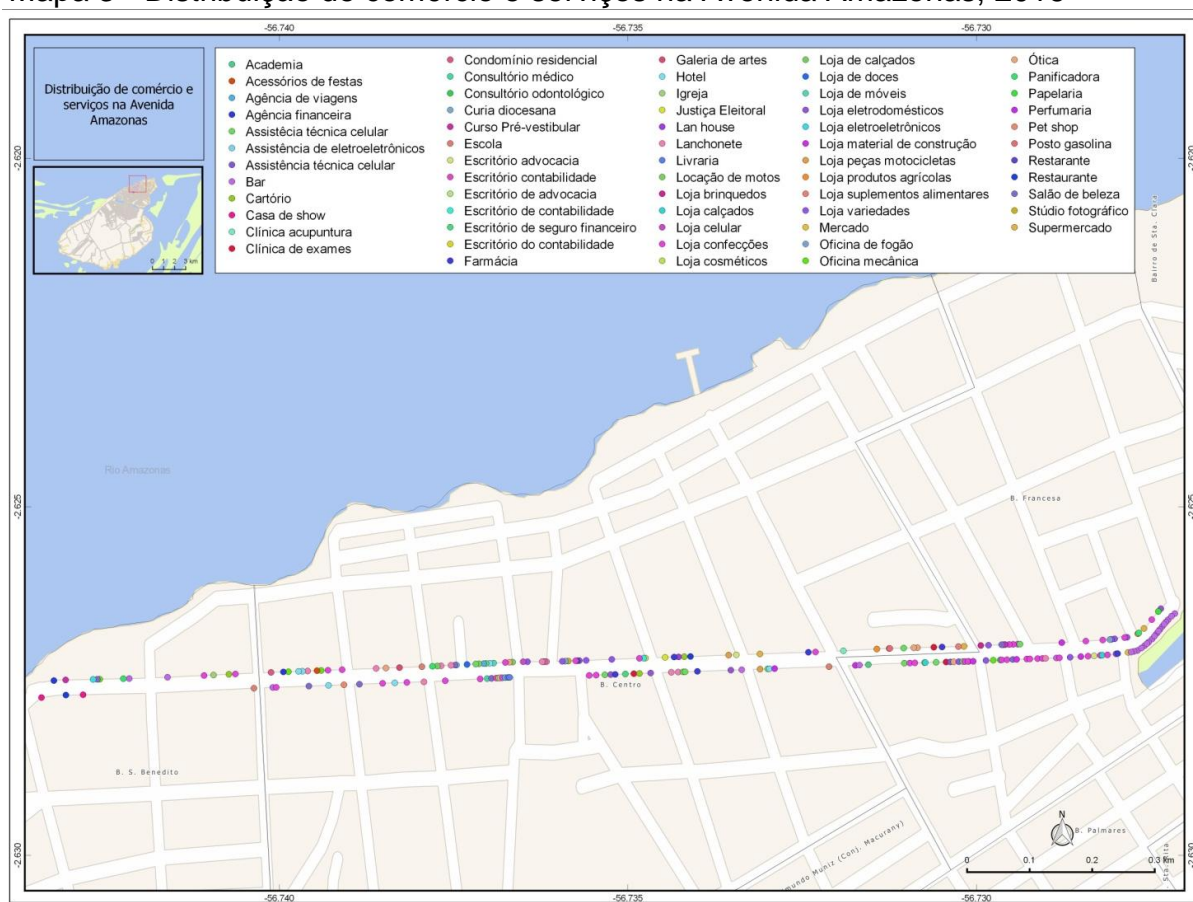
Além dos estabelecimentos relacionados na tabela, lojas comerciais de segmentos diversos, que por existir somente um estabelecimento, não foram considerados, tais como: uma loja de pet shop, uma clínica de diagnóstico por imagem, um posto de combustível, uma loja de artigos para o campo, uma loja de brechó, uma frutaria, uma empresa de telefonia, uma livraria, uma loja de perfumaria, uma empresa de serviço ambulatorial, uma escola preparatória para o vestibular; uma clínica oftalmológica, o supermercado Baranda que se destaca na venda de gêneros alimentícios e outros artigos diversos, as Escolas Estaduais

Senador Álvaro Maia, Ryota Oyama e Brandão de Amorim; o Cine Teatro da Paz e a Cúria Diocesana que funcionam em prédios pertencentes à igreja Católica. Há cinco terrenos vazios disponíveis para negócios o que aponta para a especulação imobiliária.

Da tabela acima é possível inferir a diversificação de comércio e serviços existentes na Avenida com a predominância de lojas de confecções que às vezes vendem roupas e calçados. Há ainda as lojas típicas de cidades do interior (lojas de artigos em geral); àquelas que vendem de tudo um pouco e que não são iguais as antigas lojas da beira do rio, que vendem vários produtos destinados ao campo. Estas lojas têm outro perfil, pois vendem vários produtos para o público urbano.

Um item que chama atenção é o número de estabelecimentos residenciais e comerciais disponíveis para aluguel (22), o que reflete a crise econômica que também atinge as cidades do interior da Amazônia com o fechamento de estabelecimentos comerciais. A pesquisa de campo foi fechada no segundo semestre de 2016, sendo que alguns estabelecimentos na atualidade, foram fechados ou mudaram de local, mas permanecendo na própria Avenida, porém outros fecharam definitivamente. No mapa abaixo é possível observar a distribuição do comércio e serviços por segmento ao longo da Avenida Amazonas.

Mapa 3 - Distribuição de comércio e serviços na Avenida Amazonas, 2016



FONTE: IBGE, 2010, Pesquisa de Campo, 2016. Organizado por: Thiago Franco e Valdilene Siqueira.

Como já ressaltado acima, a temporalidade do comércio e serviço ocorre no período diurno e no início do período noturno, após o fechamento das lojas há a diminuição do fluxo embora neste horário as lanchonetes, pizzarias iniciam o funcionamento. Estes estabelecimentos são frequentados por um público segmentado formado por funcionários públicos e comerciantes.

A paisagem atual da Avenida Amazonas é peculiar, mas reproduz as dimensões do espaço que parece homogêneo, o que caracteriza a produção da cidade na sociedade contemporânea. Embora exista na sua paisagem as marcas do lugar com características únicas, percebidas na observação em campo; na descrição de cada trecho comporta aspectos que são específicos, a dimensão mais geral deve ser analisada tendo como parâmetro a reprodução ampliada das relações sociais, sendo que muitas dessas relações estão distantes da cidade de Parintins e influenciam a espacialidade específica do lugar, no caso da Avenida Amazonas. Neste sentido, é importante descrever as especificidades do lugar, pois estas nos

permitem compreender as dimensões concretas que ganham novos significados e como a população, a partir de suas condições objetivas, criam as mais diversas estratégias para produzir o lugar que não é fruto apenas das determinações externas, mas produto de adaptação.

É a partir dessa percepção que se torna importante a descrição de trechos da Avenida Amazonas. Na área entre a travessa São Benedito com a rua Coronel Araújo do lado noroeste, observa-se a existência de terrenos à venda, residências com fachadas mais tradicionais, construídas a cerca de 40 a 50 anos e imóveis residenciais mais modernos, assim como quitinetes e casas para aluguel. Nesta área há a casa de show "Ilha Verde Show Clube" inaugurado em 24 de janeiro de 1987. No local ocorria baile de carnaval, réveillon, e o baile dos visitantes que antecedia ao festival folclórico, nesse local eram escolhidas em concurso de beleza a miss Parintins, a rainha do carnaval; também havia o baile de fantasias, baile da saudade, e as pipocas dançantes. Estes bailes reuniam a sociedade local e iam até o amanhecer quando a banda de metais descia do palco e saía tocando até a Praça Cristo Redentor. A festa aparecia como conagraçamento, diferente como apontada por Lefebvre quando capturada pelo mercado,

Quanto aos antigos lugares de reunião, em grande parte perderam seu sentido: a festa que perece ou se afasta deles. O fato de eles reencontrarem um sentido não impede a criação de lugares apropriados à festa renovada, essencialmente ligada à invenção lúdica (2001, p.131).

O clube ainda existe, mas as festas não são iguais, ocorrem somente nos finais de semana e em datas comemorativas, prevalecendo o econômico, perdeu o sentido da festa que passa a ter outros significados, a festa foi capturada pelo mercado. "Para compreender a cidade é preciso, finalmente, ir além da regressão no tempo, à busca de sua gênese, e proceder a uma análise das diferentes manifestações urbanas no mundo presente" (SPOSITO, 2008, p.13), as festas, além de possibilitarem a compreensão das mudanças da sociedade, no caso da cidade de Parintins, também têm implicações na valoração do espaço que pode se transformar em valor econômico a partir da disposição de praças, do passeio público não por uma festa específica, mas por conta de todo o processo cultural que envolve o festival do boi-bumbá.

Aos poucos esse quarteirão vai sendo ocupado pelo comércio e serviços, o Restaurante Pedaco de Paz à margem do Rio Amazonas, a padaria do Vadico, a Churrascaria do Godinho, a loja de eletrodoméstico, salão de beleza e loja de ferragens, no entanto ainda há o predomínio de residências, cuja tendência é desaparecerem.

Entre a rua Coronel Araújo e rua 31 de março ocorre a maior concentração de estabelecimentos fechados e disponíveis para aluguel. Nesta área está localizada uma loja que se diferencia pela diversidade de mercadorias e a forma de amontoá-las num pequeno espaço. A mesma é conhecida pela população local como o comércio do Arigó. No mesmo quarteirão, há uma Igreja evangélica, a Escola Estadual Ryota Oyama, um cartório de registro, e nas frentes das residências à noite há a venda de lanches rápidos e churrasco,

Com a correria da modernidade, apareceu um componente essencial nas formas de comércio e alimentação, o 'fast' (ou o rápido) nos serviços. Esse elemento surge para fazer a diferença, pois atende às necessidades do tempo rápido. Assim, várias formas de comércio se desenvolvem no espaço urbano e outras se aperfeiçoam e se espalham pelo mundo como 'fast food', lanchonetes, 'self service' etc. O 'fast food' aparece como um elemento capaz de introduzir no cotidiano, principalmente nas cidades, novas formas de consumo (SCHOR, 2016, p. 192-193).

Não somente na Avenida Amazonas se observa essa prática, mas em toda a cidade com novas atividades, o cotidiano se modifica e juntamente novos hábitos de consumo, que impulsionam novas formas de comercialização; gerando arranjos espaciais como a ocupação das calçadas das residências e da área de calçada para pedestres, e demais espaços na cidade, outro fator é a circulação de pessoas que saem de suas casas somente para consumir alimentos.

No quarteirão da rua 31 de março até a Senador Álvaro Maia, (antes denominada travessas ocidental e oriental respectivamente) temos comércio e serviços de hotéis e pousadas, destacando-se os Hotéis Brito e Ariaú, lojas de confecções e o Amazon Residence (Azulay construtora e incorporadora), um empreendimento na versão condomínio ainda em fase de construção, trata-se de uma nova forma de morar. A verticalização gera uma nova forma de habitar, com a introdução de novos hábitos. Por exemplo, o Residencial foi construído na antiga casa de Lázaro e Djanira Garcia que tinham um quintal extenso com árvores

frutíferas, o chão sem calçamento, o que ainda existe em algumas residências da Avenida.

No quarteirão da Rua Senador Álvaro Maia com Rua Cordovil o comércio começa a se intensificar, as lojas apresentam fachadas mais sofisticadas, algumas com vitrines, os artigos à venda tem valores mais elevados com destaque para as confecções e calçados, nas lojas chamadas localmente de boutiques. Nesse trecho localiza-se o Hotel Avenida um dos mais antigos da cidade. Como há uma das maiores concentrações de comércio, é constante a construção ou reforma de fachadas para abertura de novos empreendimentos. Este movimento se intensifica no período do Festival Folclórico, visto que é a área mais visada, por localizar-se próxima à praça da Catedral onde há a movimentação e concentração de pessoas e mercadorias nos três dias da festa.

O quarteirão da rua Cordovil com Clarindo Chaves é o mais dinâmico pela quantidade de estabelecimento e diversidade de produtos à venda. As antigas residências vão sendo substituídas por galerias para aluguel, os terrenos que antes eram apenas quintais com criação de animais e cultivo de plantas, passam a ser produto para a especulação imobiliária, há constantes reformas, lojas aparecem, desaparecem e reaparecem na paisagem, o urbanismo dos promotores de vendas. “Eles o concebem e realizam sem nada ocultar, para o mercado, visando o lucro. O fato novo, recente, é que eles não vendem mais uma moradia ou um imóvel, mas sim o urbanismo” (LEFEBVRE, 2001, p.32). Morar na Avenida Amazonas atualmente é somente para pessoas que podem comprar um terreno ou residência com valores a partir de R\$100.000 (cem mil reais).

A Avenida é uma mercadoria que necessita constantemente de adaptações, modificações na infraestrutura, como asfaltamento, pintura de meio-fio e dos passeios, as calçadas são arrumadas especialmente no período do Festival Folclórico. Tais mudanças são voltadas para atender os visitantes que vem para o festival, mas servem também para alavancar novos empreendimentos que contribuem para o processo de reestruturação urbana. Neste quarteirão, há ainda agências de viagens, assistências técnicas de celular, lojas de confecções e lanchonetes, configurando uma centralidade, visto que o comércio se aglomera e se diversifica, deixando com pouca evidência as residências. O que sustenta Roberto Lobato Corrêa:

A segregação residencial pode ser vista como um meio de reprodução social e nesse sentido, o espaço social age como um elemento condicionador sobre a sociedade. Neste sentido, enquanto o lugar de trabalho, fábricas e escritórios, constitui-se no local de produção, as residências e os bairros, definidos como unidades territoriais e sociais constituem-se como local de reprodução. Um meio de privilégios para a classe dominante para deter o total controle de produção residencial para o futuro (CORRÊA, 1995, p.11).

Na praça da catedral existe o marco simbólico que divide a Avenida em duas cores, o lado azul localizado a leste, que vai da Catedral até a rua Furtado Belém nas proximidades da escadaria da Francesa, e o lado vermelho que vai da Catedral ao clube Mangueirão, a simbologia se dá na cultural local, por meio dos espaços e territórios das cores, essa característica é marcante principalmente no período do Festival Folclórico com a rivalidade dos bois bumbás. Em tempos pretéritos as empresas de turismo, a Rádio Alvorada e a prefeitura difundiam a ideia e a fixavam na paisagem através da pintura do calçadão da Avenida, das residências e o ornamento das principais ruas da cidade. Há intensificação na circulação de mercadorias, pessoas e veículos que é influenciada pela festa onde os investimentos são feitos anualmente, demonstrando dessa maneira que

A história da paisagem urbana mostra os sinais do tempo que nela impregna suas profundas marcas. O mundo é produto do homem, da sociedade e, portanto o espaço produzido em cada momento será concretamente diferenciado. Podemos entender o mundo sensível como produto do homem, resultado da atividade de várias gerações, cada uma ultrapassando a precedente e aperfeiçoando sua indústria, seu comércio, e com isso criando infinitamente novas formas (CARLOS 1994, p. 58).

É possível traçar uma comparação em relação aos dois trechos que dividem simbolicamente a paisagem da Avenida Amazonas.

Tabela 3: Comparativo das edificações do lado azul e vermelho

	São Benedito até a praça da Catedral	Francesa até a praça da Catedral
Residência	43	41
Misto (residência e comércio)	16	9
Terrenos	6	4
Comércios e serviços	57	84
Ponto comercial para aluguel	7	6

Fonte: Pesquisa de Campo, abr. 2016. Organizado por: Valdilene Siqueira, 2016.

Conforme tabela acima, nota-se pequena diferença em relação ao quantitativo de residências nos dois setores definidos, sendo maior a diferença de comércios e serviços entre as duas áreas. Esta diferenciação está relacionada ao rio que possibilita o aumento das vendas devido à atracação das embarcações na Escadaria da Francesa, especialmente no período da cheia entre os meses de fevereiro a agosto.

A Avenida Amazonas se encontra ligada ao Centro de Comércio pelas Ruas 31 de março e Rua Paes de Andrade tendo como referencial a Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Como aponta Silva, (2006, p. 231) “estas áreas de desdobramento não necessariamente são contínuas territorialmente ao centro principal, mas possuem suas gêneses ligadas a esta”.

Os pontos comerciais se prolongam até a Rua Gomes de Castro com variedade de lojas, e em meio aos estabelecimentos comerciais, destaca-se o templo central da igreja Assembleia de Deus que antes funcionava na esquina onde é atualmente o shopping catedral; área posteriormente adquirida pela igreja católica que requereu o terreno junto a Câmara de vereadores (HISTÓRIA E MEMÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS, 2012).

Na área da avenida próxima da Escadaria da Francesa, há predominância do comércio popular, confecções, calçados, cama, mesa e banho. Nesse trecho há dois estabelecimentos comerciais de grande porte, as ferragens Baranda e o Supermercado Góes. Na calçada há comércio informal com a venda de sucos, salgados, churrasco e o tacacá. Observa-se que nos últimos tempos, o espaço privado se sobrepõe ao espaço público, a primeira forma de exclusão é a apropriação das calçadas, tanto da frente das residências, como do passeio principal da avenida pelos ambulantes, bares e restaurantes.

Como a cidade é estruturada por processos contraditórios, não se deve encará-la como uma totalidade fechada. Ao contrário, ela deve ser compreendida como uma totalidade em constantes transformações. E as modificações que ocorrem em locais específicos podem acarretar mudanças qualitativas em outras áreas [...] Com isso, as singularidades da cidade implicam mudanças na apreensão de sua totalidade, intermediadas pelos processos de trabalho, que envolvem pessoas e instituições (SPOSITO, 2008, p. 35).

Contudo, as informações dos moradores e as observações de campo permitiram entender a dinâmica da paisagem. As construções, os moradores, a convivência com os vizinhos, a utilização do espaço podem não ser os mesmos, mas as lembranças da organização espacial permanecem vivas na memória dos moradores do local. O progresso que os moradores se referem engloba a criação das ruas, do posto de saúde, colégio, comércio, a chegada da energia elétrica e da água encanada, que são relacionadas por eles como melhorias na qualidade de vida. Não cabe à pesquisa estabelecer um juízo de valor, se as mudanças são melhores ou piores, mas que elas de fato ocorreram.

3 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA CENTRALIDADE URBANA E OUTRAS CENTRALIDADES

Na cidade de Parintins o núcleo onde se desenvolveu o pequeno comércio foi se expandido; comerciantes e consumidores, moradores da cidade, das comunidades rurais e cidades próximas, no passado, assim como nos dias atuais, movimentam o comércio e perpetuam a troca entre o campo e a cidade. Dessa troca de mercadorias e produtos do campo há a utilização de áreas que passam por melhorias na infraestrutura como porto, aeroporto, e ruas com o asfaltamento.

Nos anos de 1970 ocorreu a abertura de estradas para acesso às comunidades de Aninga, Macurany e Parananema, passando pelo processo de transição entre rural e urbano, dando lugar à loteamentos para construção de residências, chácaras e sítios da elite local. Na comunidade do Aninga foi construído o balneário Canta Galo com funcionamento efetivo no período da cheia, local onde a população tem acesso ao rio como opção de lazer; ocorrendo a improvisação de outras áreas para tal fim, como às margens do rio Macurany na parte sul da ilha, próximo a área de Castanhal no bairro da União onde dezenas de pessoas se aglomeram nesse espaço para o banho de rio; na comunidade do Parananema há o aeroporto e no seu entorno bares e restaurantes como o Refúgio da Ilha e Toc Toc, na comunidade do Macurany a construção dos residenciais Vila Cristina e Parintins, ambos inclusos no Programa Minha Casa Minha Vida do governo federal. Esse processo decorre de vários fatores, mas o que o impulsiona é o crescimento demográfico que ocorre especialmente a partir das últimas décadas do século XX.

Tabela 4- População urbana de Parintins-AM

População urbana	
1970	16.747
1980	29.504
1991	41.591
2000	58.125
2010	69.890

FONTE: IBGE- Censos demográficos 1970, 1980, 1991, 2000, 2010.

O crescimento da cidade a partir dos anos de 1980 e a sua estruturação pelo setor terciário com influência interna para as cidades do entorno, se dá por seu grau de articulação e capacidade de oferecer serviços aos lugares próximos. Outro serviço que a cidade oferece é o turismo que tem atividades durante o ano todo, decorrente do trabalho dos artesãos, artistas plásticos, agremiações folclóricas e trabalhadores em geral que organizam e exploram junto com as agências de turismo passeios, exposições artísticas, apresentações folclóricas proporcionando informação e divulgando a cultura local, além de aumentar a renda dos cidadãos envolvidos com o comércio ambulante. Apesar da realização da atividade voltada para o turismo¹³, como por exemplo os transatlânticos que passam pela cidade, a mesma não pode ser considerada como uma cidade turística.

Em Parintins há ainda o Carnaval, os bois mirins (Caprichoso e Garantido) com o público infantil e juvenil, os bois em miniatura (Garantido e Caprichoso), e duas agremiações folclóricas de LGBT que fazem apresentações especiais em clubes da cidade.

Os artistas que se destacam nos galpões do Festival Folclórico de Parintins são contratados para eventos maiores como o Carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo, bem como, regionalmente para festas como o Festival de Barreirinha com a disputa do touro Preto e touro Branco, o Festival do Çairé em Alter do Chão (PA) com os botos Cor de Rosa e Tucuxi, o Festitribal em Juruti (PA) com as tribos Muirapinima e Mundurucu, em Manacapuru com as cirandas Flor Matizada, Guerreiros Mura e Tradicional, em Nova Olinda com os bois Corre Campo e o Diamante Negro, e em Barcelos no Festival dos peixes ornamentais com o Acará – Disco e o Cardinal. Atuam como artistas plásticos, aderecistas, figurinistas, soldadores, pintores, dessa forma

A centralidade que Parintins detém na rede urbana, do local ao nacional, deve-se sobretudo, ao *savoir-faire* da mão de obra artística polivalente, cada vez mais criativa e ousada. Pode-se dizer então que Parintins, além dos papéis econômicos que exerce, possui papéis urbanos significativos no processo de formação e difusão de cultura, enquanto portadora de técnica e saberes diversos da cultura popular. Trata-se da cidade que, por força da criatividade e engenhosidade de seus artistas, imprime inovações na cultura das grandes, médias e pequenas cidades, enriquecendo-as. Em contrapartida, os bumbás profissionalizam-se ainda mais, na medida

¹³ Discutido na tese de João D'anuzio (2013).

em que, de retorno a Parintins, seus artistas levam na bagagem de sua experiência novos conhecimentos, ideias e técnicas que obtiveram sobretudo nas grandes cidades (COSTA JUNIOR, 2015, p.164).

A contratação dos artistas e trabalhadores de Parintins deve-se ao diferencial da movimentação aos módulos alegóricos e a habilidade de transformar o ferro em escultura, sendo emoldurada por tecidos, papelão, plástico e adornadas por sementes e palha tecida, finalizadas com a pintura que formam as alegorias onde artesãos movimentam os olhos dos seres encantados. O sobrenatural se faz presente nas lendas e rituais amazônicos das apresentações dos bois bumbás devido o talento e a criatividade desses artistas; em contrapartida há a saída dos mesmos para outros eventos nacionais, estes adquirem novas técnicas e aperfeiçoam a arte que é incorporada ao trabalho no festival folclórico da cidade.

Outra expressão de centralidade em Parintins não está nos fixos, mas nos fluxos, conforme já havia advertido Saint-Clair da Trindade Júnior ao tratar das cidades paraenses de Marabá e Santarém (2008), isso porque, para além do comércio e serviços, ocorre no período do festival folclórico e na festa da padroeira respectivamente nos meses de junho e julho uma centralidade transitória, que durante o ano se mantêm pouco evidente, mas que durante os três dias do festival modifica o cotidiano da cidade, ao qual se segue a festividade da padroeira do município no mês de julho, o profano e o sagrado interagem e se manifestam em dimensões culturais que se concretizam em dimensões espaciais.

Portanto o que se abordará neste capítulo é como o centro articula centralidades que se expressam em fixos, mas também no movimento de pessoas e objetos, serão destacadas expressões de centralidades manifestadas no centro, por seu comércio e serviço, e verificado como essas centralidades se expandem para as Rua João Melo, Benjamin da Silva e parte da Rua Faria Neto (trechos da Rua Clarindo Chaves e Jonathas Pedrosa), e como esse processo consolida o centro histórico e o centro atual, além da abordagem das centralidades transitórias.

3.1 Centro da cidade de Parintins: dinâmica do comércio e serviços

Conforme consta no Plano Diretor Municipal (2006), art. 35, os limites do Centro Antigo da cidade iniciam

Na intersecção da Rua Marechal Castelo Branco com a Rua Furtado Belém, seguindo por esta até atingir a Avenida Amazonas, seguindo por esta até a intersecção com a Rua Coronel Araújo, seguindo por esta até as margens do Rio Amazonas, seguindo por este até a entrada do Lago da Francesa, contornando este até a Rua Quinta da Boa Vista até o início da Rua Marechal Castelo Branco, fechando o polígono na intersecção desta com a Rua Furtado Belém (PARINTINS, 2006, p 15).

O centro passou a ser o local de maior atenção do poder público, para onde fluía a maior parte das atividades, conseqüentemente obras e investimentos. Num primeiro momento o centro era a cidade, que vai aos poucos passando de uma paisagem rural, terra batida, grandes quintais, casas de palha, madeira e de barro, tal paisagem vai cedendo lugar ao concreto nas ruas, nas residências e nas praças. À medida que a cidade cresce, há o aumento na demanda de mercadorias para a população, com isso o setor terciário deu dinamicidade ao espaço urbano com uma população que adquiria cada vez mais as características do modo de vida urbano.

Centros constroem e permitem centralidades em diferentes escalas, ou seja, centralidades municipais, regionais, nacionais e mundiais que se reconfiguram e se reorganizam continuamente em uma perspectiva multinodal e fragmentada que serve ao capital em seus interesses de ampliação de mercados e apreensão de novos territórios (QUEIROZ, 2013, p. 89).

O centro antigo de Parintins comporta centralidades que se estruturam a partir do comércio e dos serviços com diferentes dimensões e escalas que vão do intraurbano, ao intra e inter municipal e até o regional. Aqui aparece a perspectiva adotada por Maria Encarnação Spósito (1997) de que a centralidade urbana pode ser abordada em duas escalas territoriais, a da intraurbana e da rede urbana. A primeira a partir de seu centro ou seus centros, a segunda em relação à rede de articulações com outras cidades. A centralidade depende de algum fator indutor que vai sendo definido pela dinâmica da cidade e a sua escala de importância na rede urbana, que pode chegar à metrópole regional, às cidades com importância regional e cidades pequenas. Dessa maneira há de se considerar a análise das diversas articulações relacionadas ao centro.

O centro visto a partir da e para a cidade grande, sobretudo as metrópoles, vem quase sempre acompanhado ou antecedido por um

adjetivo; nesse sentido, é comum encontrar na literatura sobre a temática, na Geografia ou fora dela, adjetivações às vezes em pares, tais como: centro/centro expandido; centro histórico/centro novo; centro tradicional e área central (OLANDA, 2010, p.131).

No caso de Parintins o centro é único, embora apresente diferenças como estamos assinalando neste item. O centro único decorre da dimensão da cidade e do seu papel na rede urbana regional, o que difere das maiores manchas urbanas onde o centro apresenta características duais por sua capacidade de polarização e expansão. Há diversos estudos nas mais variadas realidades urbanas que definem as realidades do centro. Conforme Paulo Andrade,

No decorrer de sua evolução, os antigos centros urbanos têm recebido variadas adjetivações dentre as quais se destacam as seguintes: centro histórico, centro de negócios, centro principal, centro tradicional, centro antigo, centro de mercado, ou simplesmente centro (2007, p. 40)

O centro apresenta características duais: é o local que atrai por suas atividades que concentram o comércio e serviços com vários segmentos aos consumidores, por outro lado, na realidade das grandes cidades é fator de repulsão para a população, por ser um espaço deteriorado, propício a atividades ilícitas. Isso ainda não ocorre em Parintins, embora possa se identificar processo de transição das casas de alto padrão para a área do Aninga, Parananema e Macurany; áreas de transição do rural ao urbano.

Parintins surge a partir de um aldeamento¹⁴, no local onde atualmente se localiza a praça digital. Portanto, ao redor da igreja e do porto foi se estruturando o centro da cidade que pode ser caracterizado como o “*core histórico*”, sendo na atualidade uma centralidade importante por comportar diversidades de serviços, alguns exclusivos na cidade; por exemplo, os bancos, e principalmente o porto que é o ponto de articulação da cidade com o mundo próximo e distante. O centro, no caso específico em análise, mantêm algumas das características originais. A esse respeito é esclarecedora a citação de Maria Encarnação Spósito

No interior da cidade, o centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo ponto de convergência, é o nó do

¹⁴ Conforme descrito no cap. 1, p.61.

sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades, e em contrapartida é o ponto de onde todos se deslocam, para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo (SPOSITO, p. 2).

No caso específico o centro não está no centro geográfico, mas cresceu a partir do centro histórico. Como circunscreve

Como sede do Paço Municipal foi instituído o Palácio Cordovil por decreto nº 7 de 1968, assinado por Raymundo Dejard Vieira (prefeito), Alcides Nascimento Teixeira (Secretário de Administração), José Henriques de Souza Filho (Assessor jurídico e fazendário), Joaquim Prestes Azedo (Secretário de Finanças) (HISTÓRIA E MEMÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS, 2012, p.155-156).

Na visão sociológica de Manuel Castells (1983), o termo do centro urbano é ao mesmo tempo um local geográfico e um conteúdo social com papel integrador e simbólico. As estruturas do poder municipal foram sendo construídas, bem como outros serviços públicos, e o entorno foi sendo ocupado por pessoas ligadas à estrutura de poder e mais tarde estes terrenos foram objeto de apropriação e serviram à especulação imobiliária, sendo moradores desses trechos, comerciantes, funcionários públicos e pessoas ligadas ao extrativismo e a pecuária. Há descrições sobre as ruas

Só haviam quatro ruas assim denominadas: a rua da frente era a Caetano Prestes até o Mercado Municipal, do Mercado até o Grupo Araújo Filho- rua Rui Barbosa. Do Grupo Araújo Filho até a Praça do Sagrado era a rua Vieira Júnior e a partir da praça do Sagrado Coração de Jesus chama-se rua Silva Campos, a rua do meio era a Coronel José Augusto que a partir do mercado, passava a ser Rua Benjamin da Silva, rua de Trás com a toponímia inicial de 25 de Dezembro, Melvis Jones, em homenagem ao fundador do Lions Clube e mais tarde por um projeto de lei, passou a se chamar Rua Faria Neto e a partir da Praça Eduardo Ribeiro, denominada de Herbert de Azevedo (SOUZA, 2003 p. 71).

Logo no início era o comércio de poucos habitantes nas primeiras três ruas, a partir da melhoria na infraestrutura e a onda migratória dos nordestinos (1950 a 1970) este começa a suprir a necessidade da população do município e das cidades

vizinhas. No passado havia dificuldade no transporte das mercadorias, como destacado, “O porto de Parintins, suavemente inclinado, permite o ancoradouro a navios grandes como sejam os do Lloyd Brasileiro que aqui fazem escalas. Atualmente não possui obra alguma, que facilite o movimento comercial” (BITTENCOURT, 2001, p. 17), visto que o deslocamento até a capital do estado se dava por embarcações com viagens de dias, e que não havia infraestrutura adequada para a circulação de mercadorias, e o transporte aéreo era privilégio de poucos. Os produtos regionais das proximidades movimentavam o Mercado Municipal e a Praça Eduardo Ribeiro.

Figura 19-Venda de frutas regionais na praça Eduardo Ribeiro em Parintins – AM, 1995



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, 19 de nov. 1995.

A centralidade de cidades pequenas e médias difere das de grandes cidades. Cláudio Smalley Soares Pereira classifica as áreas de centralidade de Juazeiro do Norte no Ceará do seguinte modo:

O centro principal: é o verdadeiro centro, é o espaço dotado de todas as qualidades do central, todos os atributos que definem o que é o centro da cidade, é o resultado do acúmulo de tempos históricos, de lutas políticas, é espontâneo, visto que não foi planejado, é possuidor

de uma carga simbólica que está presente no imaginário da coletividade – lembremos que é onde a cidade surgiu e onde estão presentes espaços da memória coletiva, como a Praça Padre Cícero, a casa do Padre Cícero. Do ponto de vista econômico, é a área que concentra a maior quantidade e diversidade de oferta de comércio e serviços e para onde convergem todos os meios de transporte coletivo que circulam pelos bairros. O processo aqui foi a expansão – não necessariamente contínua – do centro para além do, que resultou no centro principal. O centro principal é, portanto, a somatória entre o núcleo primaz e a sua área de expansão (PEREIRA, 2014, p. 208).

Quando se trata de cidade na Amazônia é importante assinalar os estudos de Saint-Clair da Trindade Júnior que apresentam discussões da centralidade para além dos aspectos econômicos inserindo dimensões políticas,

A noção de centralidade aqui tratada busca ultrapassar a dimensão econômica dos fluxos que definem a importância das cidades médias. Nessa perspectiva, alcança também a noção de centralidade política, que, na presente discussão, sugere-se estar presente na caracterização dessas mesmas cidades, quando estas assumem a condição de centros urbanos su-regionais face à reestruturação da rede urbana amazônica (TRINDADE JUNIOR, 2011, p.03).

Há no centro a capacidade de polarização como resultado da produção espacial inicial que foi se consolidando conforme as necessidades da população local. O fator migratório contribuiu para o crescimento urbano, onde muitos dos que chegavam se dedicavam ao comércio, como descreve Samuel Benchimol “No final do século e nas primeiras décadas Parintins foi um grande centro judaico. A economia era próspera e a região oferecia muitas oportunidades de ganho e trabalho” (2009, p. 329). Em relação ao comércio antigo E. L. relatou,

Os comércios maiores ficavam na frente da cidade, ao lado do Mercado Municipal, onde fica o Siridó atualmente funcionava a Casa Verçosa, o comércio maior era do seu Lico, judeu, tinha tudo que precisávamos, vinham pessoas do interior, de outros municípios, existia a venda a retalho, a manteiga era vendida num papel, não existia plástico. Na parte de ferragens, o seu Elias Assayag, ficava atrás da prefeitura, onde ficam as joalherias atualmente, o resto era regatões, vinham abastecer e saíam pelos beiradões (Entrevista concedida por E. L., em maio de 2016).

Como descrito o comércio surgiu na “parte da frente” na área de contato com o rio Amazonas, estabelecimentos com mercadorias diversificadas, era o “comércio da beira” que vendia de tudo, “da cibazol ao combustol”. A loja de

ferragens se localizava na Rua Faria Neto próxima a sede da antiga prefeitura, e havia ao redor o comércio dos judeus como a Casa Radar de Elias Assayag, Casa Sportiva de Moyses Salomão, Assayag & Irmãos - Empório dos irmãos Simão, Isaac Abraham Assayag, Armazém Bon Marché de José Assayag (BENCHIMOL, 1999). Há relatos de outros comércios judeus na cidade como a Casa Cooperativa de Arão Assayag, a loja Duas Américas dos irmãos Babá, a Casa Ideal de Salomão Mendes e próximo à praça Cristo Redentor estava a Casa Mimosa de Mair Mendes e a Casa Saul de José Saul. Existiam também comércios de libaneses: Nossa Loja (Baddi Bacre, Abraim Bacre e Antônio Libanês), A libanesa (João Mourão), R.B. Batista (Renato Batista), A Romalinta (Rosomiro Silva), Casa Maravilha (Antônio Verçosa) e a Casa Fonseca (Homero Fonseca). Ao lado do Mercado Central encontrava-se o Bar Cisne Branco de Azacler Vieira, e o ponto comercial do senhor Miranda que inicialmente foi uma ourivesaria e depois passou a funcionar como “Nova Olinda Bar”.

Na origem da pequena cidade, o comércio encontra-se no seu coração num espaço privilegiado pelas possibilidades de acesso, que lhe asseguram o máximo de clientes e lhe permitem desenvolver-se mantendo-se no centro, onde pode pagar os preços relativamente elevados do solo. Paralelamente ao crescimento urbano multiplicam-se os estabelecimentos comerciais: o núcleo enche-se e desenvolve tentáculos que acompanham o alongamento de grandes eixos de circulação. Esta estrutura é comum às cidades pequenas e médias (GARNIER, 2010, 215-216).

Parintins não difere da citação acima, pois o comércio surge e cresce ao redor do porto, do mercado, da prefeitura e da igreja e no entorno outros comércios surgem criando certa dinâmica na cidade. O centro histórico da cidade foi sendo dinamizado pelo crescimento urbano, como assinala Paulo Andrade (2007, p. 41) “o conceito de centro histórico está atrelado à origem do seu núcleo urbano, à simbologia que esta carrega desde o passado, a importância que ela representa, enquanto elemento inicial no processo de formação do espaço urbano”. O comércio e serviços foram se expandindo para a Avenida Amazonas lado leste, fator influenciado pela centralidade móvel, permeada pela dinâmica das águas, conforme já assinalado nos capítulos anteriores.

As atividades comerciais e de serviços tendem a deslocar-se surgindo novas expressões de centralidade fora do centro histórico. Com o crescimento da cidade,

essas áreas tornam-se atrativas e dessa maneira há de se considerar que apesar da dispersão, as novas centralidades não substituem o centro pela maior quantidade de equipamentos e diversidade de mercadorias, além da ligação com o rio, o porto principal e os das “frestas da centralidade”, os vários portos da beira que são os principais entrepostos de entrada e saída de mercadorias e de pessoas da sede municipal e do entorno, além da movimentação diária em direção à capital do Estado, o que determina certa valorização do centro para além das dimensões históricas. O centro, portanto, é a centralidade que articula as demais numa cidade ribeirinha.

Considerando as ponderações de Tereza Salgueiro e Herculano Cachinho (2009), fatores como a migração para a cidade, incentivo ao consumo e aumento do poder de compra, propiciaram o comércio fixo e sua especialização, com essa diversidade o centro se configura e começa a construir-se numa hierarquia de Centros que foram denominadas de centralidades. No caso de Parintins, o perímetro urbano do centro aqui analisado decorre lei nº 0386/2006-PGMP que estabelece a sua área de abrangência,

Centro da cidade: inicia na intersecção da Avenida Nações Unidas com a 31 de março, seguindo por esta até as margens do rio Amazonas, seguindo por este até a Rua Furtado Belém, seguindo por esta até a intersecção com a Rua Herbert de Azevedo, seguindo por esta até a intersecção com a Rua Rio Branco, seguindo por esta até a intersecção com a Avenida Amazonas, seguindo por esta até a intersecção com a Rua Gomes de Castro, seguindo por esta até a intersecção com a Avenida Nações Unidas, seguindo por esta até a intersecção com a Rua Trinta e um de Março (PARINTINS, 2006, p.01).

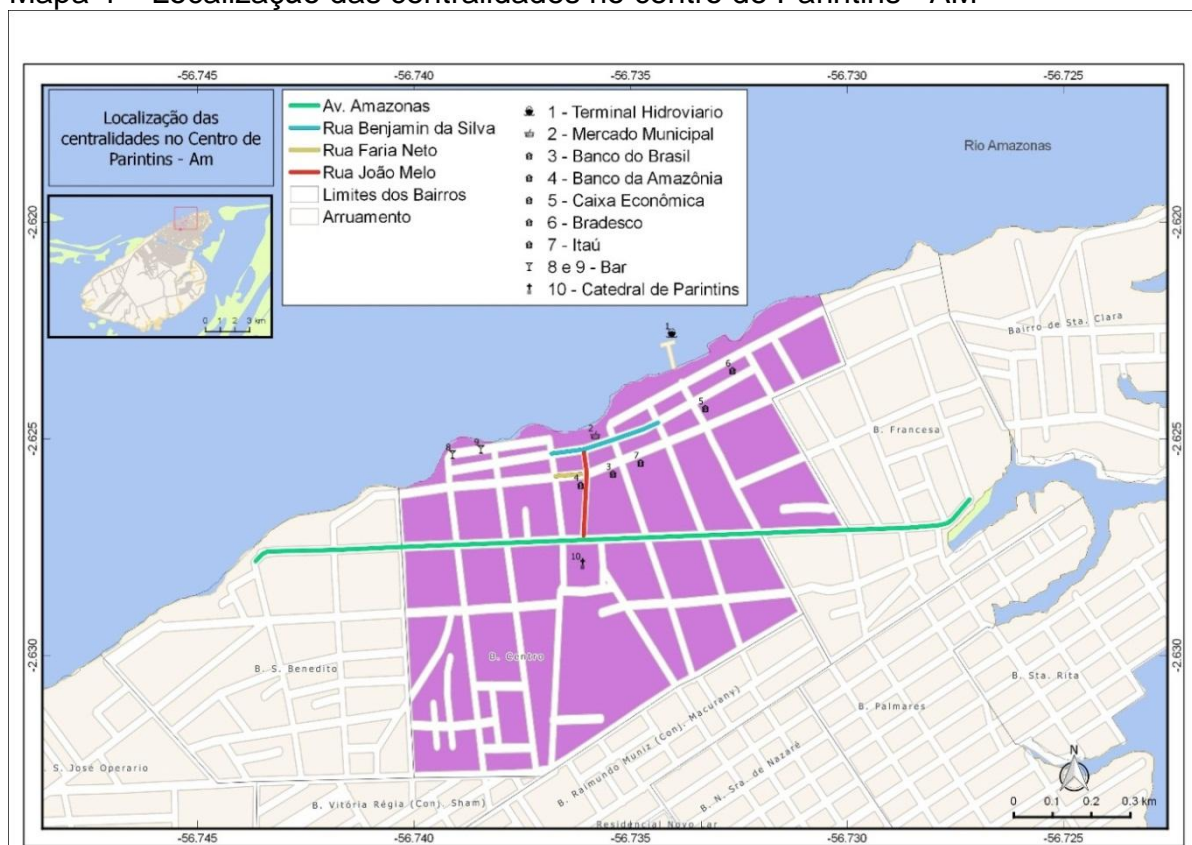
O centro aqui apresentado pela dinâmica socioespacial difere do centro delimitado como bairro, levando em consideração os fluxos com a circulação de pessoas e mercadorias e os fixos entendidos como as estruturas aparentes na paisagem. Há de se considerar a beira do rio definida como a orla da cidade, formada pela Rua Faria Neto e Caetano Prestes (entre Senador Álvaro Maia e Cordovil) mantendo centralidade pela localização de bares e restaurantes, Rua Rui Barbosa, Rua Vieira Júnior pela localização do porto, até o Cruzamento da Silva Campos com Furtado Belém onde se localiza a Rampa da Caçapava, as ruas Benjamin da Silva, João Melo, Jonathas Pedrosa, Avenida Amazonas (trecho da

Rua Rio Branco até a Rua 31 de Março) e Rua Faria Neto entendidas nesse contexto como centralidades no e do centro, visto que as centralidades se articulam entre si, não sendo consideradas isoladas e que a dinâmica determina inter-relações com a proximidade dos fixos ao movimento de pessoas e mercadorias.

André Peter (2010) esclarece que existe na cidade apenas um centro principal, não há a formação de um novo centro, mas a expansão da centralidade, ou apenas a sua expressão. Na mesma linha, SPOSITO (1991) classifica áreas de centralidade em subcentros os quais são caracterizados como áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade no comércio e serviços, mas em menor escala. Há um eixo de desdobramento que se caracteriza com atividades tipicamente centrais, atividades especializadas em vias movimentadas e multiplicidades funcionais. No caso de Parintins há um único centro, ou seja, a cidade é monocêntrica onde quase tudo se encerra nesse espaço ou se concatena a ele, ou é contíguo ao mesmo, como expressões de centralidades.

O sítio urbano contribui para essa centralidade, o centro não esvaziou, pelo contrário, ainda há edificações que são residências e outras que são mistas atividades comerciais e de serviços no andar térreo e a residência no superior. Comércio e serviços permaneceram especialmente por conta do porto principal (trapiche) e dos vários portos da beirada do rio, localizados em áreas adjacentes ao centro.

Mapa 4 – Localização das centralidades no centro de Parintins - AM



FONTE: IBGE, 2010, Pesquisa de Campo, 2016. Organizado por: Thiago Franco e Valdilene Siqueira.

Observa-se concentração de estabelecimentos varejistas, agências bancárias, agências de viagem, o mercado municipal e o comércio da beira com a venda de produtos destinados ao homem do campo. Como parte do centro há pontas de ruas que se caracterizam por apresentar especificidades de comércio e serviços, como é o caso da rua João Melo, uma via plana que vai do rio à Catedral. As pontas de rua não significam términos da rua, mas pedaços delas, são vias curtas. No caso da João Melo, além do comércio e serviços tem a simbologia da passagem da procissão de Nossa Senhora do Carmo, manifestações populares e festejos. Como consta no relato “A rua do comércio com a vinda dos cearenses se intensificou na Rua João Melo, lá tinha um prédio mal acabado que não tinha estrutura adequada, era o Balança mas não cai” (E. L. entrevista concedida em maio de 2016).

A rua é conhecida como “rua do comércio”, mas nem sempre foi assim. No trecho em que hoje se concentra o comércio varejista, já funcionou a igreja Assembléia de Deus, a Câmara Municipal e Cadeia Pública, esta última demolida pela Prefeitura para a construção de um novo prédio, onde funcionou um restaurante

que não mais existe, no térreo ainda funcionam bares populares. O antigo bar “balança mas não cai” referido na entrevista, era uma construção de madeira na forma de palafita, que também não mais existe.

Figura 20 - Rua João Melo em Parintins - AM, enchente de 1953



FONTE: Clarões de fé no médio Amazonas, 1980.

A imagem acima evidencia a maior cheia registrada no século XX em que a rua aparece inundada havendo dificuldades no escoamento das águas pluviais e fluviais; o prédio maior é a Cadeia Pública que não mais existe, ao lado é possível notar uma residência coberta de palha e cercada de madeira, tipo de construção comum nesse período, ao fundo a Avenida Amazonas; rua sem calçamento, ainda em terra batida e com muita lama, como pode ser conferido no discurso do vereador Waldir Melo proferido no plenário da Câmara Municipal em 19 de abril de 1974, quando solicitava serviço de terraplanagem ou aterramento da referida rua, como consta no livro História e Memória Política do Município de Parintins, (2012).

Nas observações de campo realizadas em 2016 e vivência na cidade, nota-se que ao longo da rua, há exclusividade do comércio varejista, a Relojoaria Cássio com vendas de artigos em geral, Casa Adriano com a venda de móveis e eletroeletrônicos, o Lojão Carioca com as miudezas e funcionando há 30 anos, onde antes era uma residência; a Green Magazine que possui filiais em outros pontos da

cidade com eletroeletrônicos, confecções e calçados, a Drogaria Triunfante, a Loja TV Lar, filial de uma grande empresa de eletrodomésticos cuja matriz está situada em Manaus, Ponto do Pé (calçados), Casa Rosy (calçados e artigos esportivos), El Shaday (confecções), Casa Mário (material escolar e miudezas), Top Menina (cosméticos), Vitória Variedades (miudezas), Soparia do Cabeça, Lojão Eletro do Povo, Destak Jóias que oferece serviços de conserto de relógio, cópia de chave e venda de carimbos, Casa das Bolsas, Ezequiel Confecções, Relojoaria Technos, Amapola D (confecções), Alforria (confecções), Ótica Moderna (óculos, carimbo e chaves), Casa Silva (confecções), Fonte Modas (confecções), Al Modas (confecções), Edmilson Disco (eletrodomésticos, eletroeletrônicos, artigos musicais), Lojão Fortaleza (confecções), Mundo Cell (acessório para celular, eletroeletrônicos), Escritório de Contabilidade, Casa Vasconcelos (calçados e artigos esportivos), Duda Confecções, Bella Acessórios (bijuterias, bolsas e miudezas), Guillio Presentes (miudezas), Festejar (artigos para festa), Casa Aguiar (bazar), o Sortidão (miudezas), Paulain Magazine (confecções), Comercial Santa Rita (miudezas e bijuterias, rede e artigos para o campo). Trata-se de comércio popular, com variedade de produtos, concentrado desde a Avenida Amazonas até a Rua Faria Neto e pela proximidade com o porto vendem também para os interioranos.

No caso do espaço urbano, as atividades econômicas como o comércio e serviços precisam se agrupar em um local de modo a se beneficiar da presença de potenciais consumidores, e ao se concentrarem espacialmente, passam a influenciar os processos econômicos de produção do espaço, em algumas vezes centralizando-os, ou seja, ao se concentrar e centralizar, comandam a produção econômica da cidade. Um estabelecimento de confecção e calçado ou outro qualquer que não se localize junto com os outros, do mesmo ramo ou não, isto é, que esteja disperso pelo tecido urbano, dificilmente será um ponto central para onde os consumidores afluirão. O centro da cidade, é entre outras coisas, uma concentração de atividades econômicas, e por ser um espaço produzido a partir dessa concentração, ele também gera condições para essa centralização, daí advém a centralidade exercida pelo centro porque ele concentra e centraliza as atividades econômicas (PEREIRA, 2014, p. 155).

A maioria dos comerciantes é de descendência nordestina e alguns, já sendo da segunda ou de terceira geração, estes comandam o negócio que era de seus pais ou avós, eles são chamados genericamente de cearenses, conforme já havia sido abordado por Samuel Benchimol (2009) ao se referir que

A Amazônia recebeu uma considerável massa humana de migrantes nordestinos, aqui genericamente conhecidos como cearenses. Procediam geralmente das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros Estados nordestinos [...]” (BENCHIMOL, 2009, p.153).

Às vezes de modo pejorativo a população atribui a denominação ao local de “comércio dos arigós”. Seguindo ainda Samuel Benchimol (2009), há três versões do termo arigó, a versão desordeira e policial onde havia descrições preconceituosas, humorísticas e jocosas; a versão semântica e erudita onde há vários escritos que tentam explicar o termo; e a versão folclórica e sociológica permeada por muitas definições.

As vilas e cidades amazônicas que acolheram as famílias cearenses-nordestinas ou seus descendentes passaram a receber a influência desses retirantes dos seringais, do interior, dos altos rios. Já assimilados à vivência amazônica, esses migrantes, ao encontrar a sociedade cabocla, com ela se integraram, ajudando a formar nova liderança política, econômica e empresarial, graças ao seu espírito mais agressivo e dinâmico (BENCHIMOL, 2009, p.158).

Isso ocorreu em Parintins pela dinamicidade e trabalho dos nordestinos e seus descendentes. Na rua João Melo pode-se destacar como importantes lideranças empresariais da cidade os proprietários da Casa Rosy, Casa Vasconcelos, Casa Mário e Ponto do Pé. Dessa maneira os nordestinos dinamizaram o processo migratório da Amazônia, tiveram grande importância para o processo de expansão urbana de Parintins, e se estabeleceram e se consolidaram como comerciantes, especialmente na rua em análise.

Figura 21 - Comércio da rua João Melo, Parintins-AM, 1996



FONTE: Arquivos do Jornal Novo Horizonte, jan. 1996.

Como referido anteriormente, há um misto de comércio e residências, em alguns casos um sobrado com a residência no andar superior, em outros casos, ainda há terrenos extensos e a residência nos fundos. Uma situação-problema que ocorre na Rua João Melo bem como em outras ruas do centro, a ocupação das calçadas pelos lojistas para exposição de mercadorias bem como, estacionamento de veículos que ocupam o espaço entre a rua e calçada, ficando como opção para o pedestre, caminhar desviando-se dos veículos pela rua.

Cruzando a João Melo até a rua Clarindo Chaves há o comércio e serviços da Rua Faria Neto que se distingue da anterior por ser um comércio mais sofisticado com lojas de vitrine expondo manequins e ostentando roupas de marcas famosas. São lojas já consolidadas, mas não antigas. Trata-se de um quarteirão com poucas lojas, sendo as principais A Carioca, Loja Exija, Charme Tropical, Alternativa, Paraíso de Bebê, Loja do Bebê e a loja de produtos agrícolas Agroboi e na esquina o Banco da Amazônia. Seguindo em direção até a rua Jonathas Pedrosa há a Móveis Albuquerque, Importações Americanas que é loja de tecidos, a Big Lar (eletrodomésticos), MD Confecções, A'rt Jóias, Ellus Jóias, Destak Jóias, Design dos celulares, Banco do Brasil e a antiga Sede da Prefeitura Municipal atualmente

um edifício abandonado. Em seguida há o destaque para a agência do Banco Itaú, Loja Vizu, e a empresa MultiCursos com oferta de cursos profissionalizantes.

Na Rua Benjamin da Silva entre as ruas Rio Branco e Paes de Andrade há a feira do “produtor”, oferecendo produtos alimentícios regionais, A Moderninha (loja de confecções), a “Praça do Jacaré”, Ciborg (lojas de eletrodomésticos), açougue, escritório de advocacia, padaria, feira de artesanato, Loja Q-Boi que vende produtos dos bumbás, e farmácia.

A centralidade da rua é dada também pela localização da agência Bradesco e o Bradesco expresso, Caixa Econômica Federal, duas financeiras e uma lotérica. Desse modo, a centralidade do centro se dá fundamentalmente pelo serviço e principalmente pelo número de estabelecimentos comerciais que é sintetizado na tabela a seguir:

Tabela 5 - Estabelecimento comercial e serviços por segmento em Parintins-AM

ESTABELECEMENTOS	BENJAMIN DA SILVA	JOÃO MELO	FARIA NETO
Loja de Confecções	1	13	9
Loja de calçados e artigos esportivos	-	4	-
Bares, lanchonetes e similares	2	1	1
Escritório	2	1	-
Loja de cosméticos	-	1	1
Hotel e similar	-	-	1
Clinica oftalmológica e similar	-	1	-
Loja de Material de Construção	-	1	-
Mercadinhos, Supermercados e similar	2	-	-
Loja de artigo em geral	2	13	
Loja de eletrônicos e eletrodomésticos	3	4	5
Agência bancária e similar	6	-	3
Farmácia	1	1	-
Loja de produtos agrícolas	-	-	1
Loja de jóias	-	-	2
Loja de artesanato e similar	2	-	-

FONTE: Pesquisa de Campo, 2016. Organizada por: Valdilene Siqueira, 2016.

Figura 22 – “Ponta de rua”, Benjamin da Silva



FONTE: Pedro Coelho, mai, 2016.

É esclarecedora a discussão proposta por Demamann "sobre a formação de centralidades no tecido urbano, é preciso enfatizar que a troca de produtos, objetos ou informações sempre esteve associada aos lugares estratégicos e com os lugares escolhidos em termos de acessibilidade" (2011, p. 20). Estas ruas do centro são estratégicas pela possibilidade de acesso a vários pontos da cidade pelas vias que se cruzam e do interior por meio do porto e da beira do rio, o que facilita o deslocamento e por, ao mesmo tempo, oferecer variedade de produtos e serviços.

Nota-se que são pequenos trechos "pedaços de rua", mas que atraem pessoas devido às agências bancárias que são demandadas pela população para o atendimento de obrigações e compromissos diários, especialmente no período de pagamento do funcionalismo público e de programas sociais como bolsa família, seguro defeso e aposentadorias. Neste período aumenta o fluxo de pessoas e a venda do comércio. Ainda há residências nestes trechos, mas são residuais como é o caso da "casa dos Maranhão" um dos poucos prédios residenciais históricos ainda existentes no centro.

3.2. A Centralidade Transitória: as festas e a dinâmica urbana

A cidade tem sua dinâmica modificada em função da festa no mês de junho, onde gradativamente a paisagem urbana vai se alterando, há aumento na movimentação de pessoas que se dividem entre as cores vermelho e azul, fazendo referência aos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, além disso fazendo com que em alguns locais ocorra a centralidade temporária. Em concomitância com Isaque Souza (2011, p.4) ao sustentar que “No segmento do turismo, as centralidades urbano-regionais encontradas são Parintins, no Baixo Amazonas que por causa da festa dos bois-bumbás ganhou destaque nacional [...]”. A festa dos bumbás tem seu ápice nas três noites de apresentação que ocorre no último fim de semana do mês de junho. Sobre os bois-bumbás muito já se escreveu, especialmente os textos resultados de pesquisas mais sistemáticas que tratam especificamente das questões culturais, Wilson Nogueira (2008); Sérgio Gil Braga (2002), teses e dissertações de João D’ Anuzio Azevedo Filho (2013) na abordagem voltada para o turismo, Paulo França (2014) na perspectiva ambiental, Patricia Patricio (2007) na percepção jornalística.

Quanto à festa da Padroeira que ocorre de 06 a 16 de julho, não há referências tão vastas, destacam-se os trabalhos de Talita Ferreira e Jocilene Cruz (2012), há ainda textos informativos sobre a festa e as principais atividades de cunho religioso. Neste texto, discute-se a festa dos bois, organizada durante o ano todo, encerrando o ciclo no mês de junho com a apresentação dos bois na arena do Bumbódromo, onde as alegorias, o enredo tem seus momentos voltados ao aspecto religioso com a encenação de procissões, arraiais, alegorias com imagens de Santos, antes do início dos trabalhos nos galpões dos bumbás toda a equipe de trabalho se reúne para a celebração de uma missa.

Após o festival folclórico os artistas se voltam para as festividades da padroeira da cidade Nossa Senhora do Carmo, estabelecendo uma relação entre o profano e o sagrado, com a confecção do andor, ornamentação em trechos de ruas para a procissão de início e encerramento da festa, além da realização da barqueata, que é a procissão fluvial onde os artistas montam na estrutura de uma balsa, uma alegoria com representação da imagem de Nossa Senhora, que sai do “Furo do Limão”, percorrendo o rio Amazonas passando em frente a cidade, onde se ouve as toadas de boi bumbá que homenageam a padroeira. A população que está

em terra na “orla”, presta homenagem ao longo da beira, desse modo, essas duas manifestações estabelecem relações espaciais que podem ser identificadas como centralidades transitórias.

Durante os meses de preparação há muitas festividades e muito trabalho, estes fatores movimentam e dão dinâmica à economia da cidade em setores e atividades voltadas para o turismo, trabalho dos artistas, comércio (artesanato, souvenir, alimentos, bebidas). Dessa maneira, torna-se necessário compreender o sentido da festa na organização do espaço, como aponta Luc Gwiazdzinski,

Do mesmo modo, a festa obriga a pensar as qualidades, o conforto e a hospitalidade ao redor de um ‘urbanismo dos sentidos’. O desenvolvimento e a diversificação dos eventos urbanos, a mistura das populações associadas, os tempos específicos de uso dos espaços públicos e, especialmente, o período noturno obrigam os organizadores a inovar e adaptar-se às condições particulares. Isso permite entender as necessidades do espaço e no tempo e imaginar alguns princípios ou regras para um urbanismo sensível e para cidade mais ‘urbanas’ [...] (2004, p.352).

Toda festa tem um intuito, quer seja religioso, político e/ou cultural voltado para o lazer e a celebração que se amplia para a dimensão econômica, tornando-se meio de vida para as pessoas do lugar ou para àquelas que se deslocam para a cidade no período da festa. As atividades relacionadas à festa são modificadas no tempo e no espaço e ganham novos significados até culminar no sentido econômico que transcende o cultural, as crenças e os costumes. Desse modo, a festa vai sendo aos poucos capturada pelo mercado, como aponta Henri Lefebvre,

No momento, o lazer é antes de tudo e para todos ou quase todos, a ruptura (momentânea) com o cotidiano. E vive-se uma mutação difícil no transcorrer da qual os antigos ‘valores’ foram inconsiderada e prematuramente obscurecidos. O lazer não é mais a Festa ou a recompensa do labor, também não é ainda a atividade livre que se exerce para si mesma. É o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo (1991, p. 62).

Nota-se que no caso de Parintins este aspecto está mais presente no festival do que na festa religiosa, sendo que a festa, pelo seu caráter específico já que se trata de uma religião, em si não é tão fortemente capturada pelo mercado, mesmo assim é possível identificar inúmeras atividades comerciais com a instalação de barracas com vendas de confecção, calçado, bijuterias, artigos religiosos como

terços, imagens de santos, escapulários, entre outros que se estabelecem na e para a festa, a forma e o conteúdo respectivamente, o que significa especificidades em cada uma pela natureza e finalidade das festas, visto que, estas denotam “uma ordem simbólica que a vida quotidiana faz, às vezes esquecer: se ela é religiosa, ela devolve a fé e o ardor que ela tinha quando da revelação” (CLAVAL, 2004, p. 30).

Nesse sentido, será discutido o Festival Folclórico, no que diz respeito às espacialidades, origem e transformações; identificando espaços que expressam a centralidade temporária que pode estar relacionada a lugares como a Avenida Amazonas, já tratada no segundo capítulo, os currais do Garantido e Caprichoso, a Praça dos bois, trechos da orla da cidade e a Praça da Catedral. São lugares que comportam centralidades urbanas como já exposto anteriormente, mas ganham dinamicidades diferenciadas com novas funções decorrentes do maior fluxo de pessoas, maior circulação de mercadorias, ao mesmo tempo em que se busca comparar as mudanças e as permanências no pré e no pós festa.

O festival folclórico ganhou notoriedade a partir da divulgação em rede nacional do formato da festa. Da sua origem à consolidação, teve uma trajetória que mescla o sagrado e profano que levou a cidade a ser conhecida como a terra do boi-bumbá¹⁵,

No período do “boi de rua” (1913-1964), quando eram desenvolvidas de modo espontâneo as brincadeiras de Garantido e Caprichoso, havia a configuração específica de trabalho artístico voluntário por iniciativas de brincantes, não brincantes (incluindo-se aí as costureiras) e os donos dos bumbás, voltados para a produção de figurinos, nas próprias casas, cujos padrinhos patrocinavam a brincadeira. Dado que a rivalidade se ampliou ao longo do espaço urbano de Parintins, já nas primeiras décadas do século 20, os bumbás passam a se organizar, visando evitar conflitos territoriais entre si, como ocorria nas ruas quando esses folguedos se encontravam. Com isso sucederam-se as primeiras edições do Festival Folclórico de Parintins já na década de 1960, nas arenas, nas quadras poliesportivas e mais tarde nos tabladões de madeira. Logo a disputa foi transposta o campo da competição estética, mediante a escolha do bumbá que, tendo melhor se apresentado artisticamente, era consagrado como campeão. Com isso houve os primeiros esforços dos bumbás em apresentarem cada vez mais espetáculos primorosos (COSTA JUNIOR, 2015 p.138).

¹⁵ Evidenciado na página 31, capítulo 1.

A configuração inicial da brincadeira do boi, se dava nas ruas da cidade, a brincadeira do boi caprichoso, na rua Sá Peixoto, na parte leste, por isso é conhecido como o “boi da Francesa e do Palmares”. A oeste o boi Garantido na “Baixa do São José”, no bairro de São José Operário. Neste período a festa ficava encarregada pela família que mantinha a tradição das apresentações que começavam pelas ladainhas e terminavam com a festa.

Há registros da tentativa de regulamentar o festival, conforme consta no Livro História e Memória Política do Município de Parintins (2012, p.191), em que “Raimundo Muniz Rodrigues, vereador no período (1977-1979) apresentou projeto de lei nº 16/77 considerando de utilidade pública o Festival Folclórico de Parintins, promoção oficial da Associação JAC Atlético Clube”. No documento (Anexo 2), consta que o Festival Folclórico iniciou em 1º de junho de 1965, com a reunião de diversos grupos folclóricos, os bois-bumbás, os pássaros e danças, no entanto, o parecer da Comissão de Constituição e Justiça pede o arquivamento do projeto. É perceptível que a questão cultural não fazia parte dos interesses dos parlamentares envolvidos no processo.

O Festival Folclórico de Parintins se consolidou ao longo dos anos passando da pequena festa de boi de rua ao grande espetáculo, conforme descrição de Paulo Lobato Teixeira,

Acinécio Pereira Vieira, brincante do boi Caprichoso, esclareceu que o primeiro festival ocorreu na COHAB-AM na área em que se situava a Avenida Penetração e Travessa Coronel Araújo, no ano de 1966, e posteriormente realizado (1967-1974) na quadra da Catedral, situada em terreno ao lado do Cine Teatro da Paz com entrada na Avenida Amazonas. Naquela época o festival começava dia 12 de junho e se prolongava até o fim do corrente mês, era constituído de apresentação de quadrilhas, dança dos pássaros e dos bois bumbás ao final de cada noite. Em 1975-1976 o Festival ocorreu numa quadra improvisada em um terreno baldio, onde mais tarde foi edificado um prédio do antigo IPASEA - Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado do Amazonas, situado na Travessa Jonathas Pedrosa, próximo a Avenida Amazonas. Com pouco espaço para acomodar os brincantes, o festival foi redimensionado para o “Parque das Castanholeiras”, conhecido como Urubuzal (2007, p. 396).

A partir de 1980, o prefeito Raimundo Reis (1977-1982), propôs que a Prefeitura fosse promotora do Festival Folclórico sendo a 15ª edição que ocorreu no Estádio Tupy Cantanhede, realizado neste local até 1983, quando em (1984) é

transferido para o anfiteatro Messias Augusto (Tabladão do Povo), nome em homenagem ao ex-vereador e radialista da cidade, uma quadra poliesportiva em que se construiu ao redor arquibancadas, onde mais tarde viria a ser construído o Bumbódromo, conforme transcrições das Atas do livro História e Memória Política do Município de Parintins (2012).

O Bumbódromo atual, Centro Esportivo Amazonino Mendes foi inaugurado em 1988, sua forma arquitetônica é da cabeça de um boi. Há duas entradas de acesso dos módulos alegóricos e outras entradas para as arquibancadas das duas torcidas, para os camarotes e para as arquibancadas especiais. Em 2013, o Bumbódromo foi reestruturado, mas as melhorias se restringiram aos camarotes, com ampliação dos mesmos. Durante o período em que não se realiza o festival funciona no local o Liceu de Artes e Ofício Cláudio Santoro que oferece cursos de teatro, flauta doce, aula de violão, teclado, balé, e acesso a biblioteca e cinema. Essas atividades são mantidas pelo Governo do Estado, e diferente do que propõe o Plano Diretor, o município oferece timidamente algumas atividades culturais,

Consolidar o Município como referência na promoção de eventos culturais, especialmente o Festival Folclórico de Parintins, e ainda, na área da música, das artes cênicas, das artes plásticas, do cinema, da literatura, da culinária e da ciência; ampliar e consolidar as possibilidades de convivência do cidadão com atividades artísticas e culturais, considerando novas formas de expressão e a inserção da arte no âmbito comunitário (PARINTINS, 2006, p.16).

Antes o festival era realizado em datas fixas de 28, 29 e 30 de junho e no dia 1 de julho a apuração e a divulgação do vencedor. Muitas vezes o festival ocorrendo em dias úteis e não em finais de semana, o que dificultava a maior participação de visitantes que ficavam impossibilitados de chegar até a cidade.

Em 2016, quando da realização da pesquisa, ocorreu a 51ª edição do festival onde foram identificadas as possíveis centralidades existentes a partir da festa, em sua dimensão social,

A festa concerne esta ou aquela categoria social ou toda a população; ela é o feito dos habitantes de um bairro ou daqueles de toda a cidade; ela é própria à cidade ou inscreve-se em um calendário religioso que interessa a todos os crentes ou num outro da República, que diz respeito a toda a nação. Ela devolve aos grupos que a organizam e a vivem um sentido de pertencimento compartilhado, aproximando-se seu passado. A festa coloca em

contato com ambientes diversos. De um a outro, trocam-se ideias, copiam-se as práticas. Misturas e empréstimos fazem nascer novas práticas e novas imagens do corpo social (CLAVAL, 2004, p. 29-30).

A festa está em vários ambientes e dependendo da peculiaridade do lugar ganha características que vão se modificando, enquanto lugares de ensaio, se tornam ponto de encontro de pessoas que retornam à cidade somente para participar do lançamento do Cd ou Dvd de toadas, do 1º ensaio, ou para participar dos últimos dias de festa ao fim do mês de junho, com aumento da circulação e dinâmica dos lugares.

A cidade que fica durante quase todo o ano com precariedade ou a ausência de serviços públicos urbanos, no festival, recebe de forma mais eficiente serviços de limpeza, asfaltamento, pintura do meio fio, recuperação de calçadas; o aeroporto é reaberto, a lixeira urbana é aterrada, aumenta o número de ambulância, de equipamentos e de profissionais de saúde necessários aos atendimentos de emergência, aumenta o aparato da segurança pública com policiais militares, civis e até câmeras de segurança em pontos estratégicos da cidade, helicóptero, motocicletas, viaturas, mais profissionais de órgãos fiscalizadores, enfim a cidade recebe equipamentos urbanos para atender ao fluxo de pessoas atraídas pelo festival sendo a população beneficiada em segundo plano, para os bairros mais distantes onde não se concentram as atividades do festival, tais serviços não chegam.

A festa atrai um emaranhado de lanchas, motores, bajaranas, barcos enfeitados com bandeirolas azuis e vermelhas identificando a preferência por um dos bumbás e um emaranhado de redes de dormir completa a ornamentação, o som das toadas ecoam e muitos brincantes dançam.

Acometendo um espaço ou percorrendo a cidade, a festa transforma, encanta o cotidiano e transfigura o real. A cidade maquilha-se e faz-se bela para receber. A festa humaniza o espaço público que ela povoa; equipa-o, por vezes de comodidade e conforto que favorecem uma nova urbanidade. A festa cria outra cidade, fabrica a decalagem e engendra uma forma de exotismo de proximidade. O ambiente urbano é modificado. A geografia é transformada através da mudança das centralidades e intensidades [...] a festa revela a cidade e seus habitantes e visitantes. A cidade mostra-se num novo dia [...] Ao apropriar-se dos espaços marginais, a festa designa e qualifica os espaços segundo um grau de intensidade que depende com frequência, do grau de repetição do evento. Ela inventa lugares onde não havia. [...] Ela deixa traços, marca os espíritos e delimita

nossos calendários pessoais e coletivos. Bem sucedida, ela permanece na memória da cidade, de seus habitantes e visitantes. [...] Ao inverter as polaridades, outras festas às vezes dão, à fábrica urbana, o desejo de outros lugares e esta fábrica investe, em seguida, em espaços designados (GWIAZDZINSKI, 2004, p. 342 - 343).

A beira do rio se constitui como uma centralidade permanente, no entanto, na festa ela ganhou nova dimensão e novo significado. A presença das embarcações é uma constante no entorno da ilha, mas nos três dias do festival há aumento na circulação e na atracação das mesmas. Em 2016, 122 embarcações pediram autorização junto à capitania dos portos para aportarem em Parintins no período do festival, cada embarcação transporta em média de 300 a 350 passageiros (Jornal da Ilha, 20 de junho de 2016).

Nos trechos da orla, as embarcações que vem para a festa atracam em pontos específicos: no muro de arrimo na parte norte da cidade, nas proximidades dos Restaurantes Coroas Peixaria e Canoeiros; no cais do Porto atracam os barcos que fazem viagens durante o ano nos trechos Parintins-Manaus, Manaus-Parintins, na parte sul da cidade, as embarcações como barcos, lanchas e iates atracam nas chácaras com piscinas e residências, algumas são alugadas exclusivamente para empresários e famosos, possuem espaço amplo com edículas, área arborizada, onde são destacadas as belezas naturais do Rio Macurany e a floresta do entorno

[...] Para uns, a natureza é captada enquanto necessidade para o uso, dela retirando o necessário para a sobrevivência, para a construção de abrigo ou ainda a usando como lugar da festa e do encontro. Para outros a natureza é vista enquanto potencial turístico, mercadoria a ser vendida nos cartões postais (OLIVEIRA, 2000, p.64).

A natureza é utilizada como mercadoria, há um contraponto da segregação socioespacial na parte sul da orla, de um lado, casas com suas vidraças, suas fachadas, desde o estilo colonial ao mais moderno, ao primeiro olhar não parecem estar em meio à floresta amazônica, se formos levar em consideração as várias visões de que a Amazônia é o espaço da floresta e das águas, em detrimento à população e suas construções e por outro, as palafitas em áreas da beira nos bairros de Santa Rita e Palmares, contudo a centralidade só é possível nessa área

devido a cheia do rio, se a festa ocorresse no período da vazante, as embarcações atracariam na parte norte da cidade.

O levantamento de informações no aeroporto possibilitou quantificar a entrada de turistas e visitantes nesse período, em 2016 foram registrados durante os três dias da festa um quantitativo de 15 voos, e a chegada de 2486 visitantes no voo regular das empresas MAP e AZUL. No período de 18 a 28 de junho foram registrados 53 voos regulares, sendo 4399 embarques e 3485 desembarques, totalizando 7884 embarques e desembarques. O fluxo no aeroporto aumenta com operação em voos maiores.

Verifica-se que no período do festival há a saída de pessoas da cidade que não participam da festa, especialmente porque os valores das passagens aéreas no contrafluxo diminuem do mesmo modo que do transporte fluvial. Os que permanecem, trabalham na venda de gêneros alimentícios, bebidas, adereços confecções ou conseguem exercer outras atividades temporárias como tricicleiro, taxista, moto-taxista, e ainda há aqueles que simplesmente tornam-se brincantes nas apresentações dos bois-bumbás.

A cidade é a festa que ocorre em todos os lugares, e um dos pontos de centralidade é a Praça dos Bois inaugurada em 27 de junho de 2004 numa área de 54 mil metros quadrados, um terreno considerável onde existia um clube de campo AABB (Associação Atlética Banco do Brasil) e residências, um projeto arquitetônico construído em função da festa, com 16 bares e lanchonetes, divididos igualmente entre o lado vermelho e o lado azul, com 05 quadras de esportes, o Ginásio de Esportes Elias Simão Assayag destinado aos jogos escolares estudantis. A praça comporta atividades culturais como shows musicais, realização de festas escolares e outras atividades. Atualmente como espaço público encontra-se deteriorada, mas pode ser identificada como centralidade pelo fluxo de pessoas que aumenta durante o festival, visto a festa que ocorre nas proximidades; nesse caso as apresentações dos bois-bumbás, especificamente no Centro Cultural e Esportivo “Amazonino Mendes”, o Bumbódromo.

Nota-se que o espaço anterior à festa mostra certa normalidade cotidiana, e conforme se aproxima os dias da festa, o movimento aumenta, o trânsito de pessoas é mais intenso, as alegorias são instaladas na praça e no seu entorno, redimensionando o espaço de passagem de veículos e pedestres.

Além dos transportes e das experimentações, a festa, por seu caráter efêmero, cíclico, por sua capacidade de metamorfosear a cidade inteira ou parte dela, de redesenhar os percursos, as centralidades - constitui um posto avançado de consideração do tempo e dos ritmos na observação e no ordenamento das cidades [...] A festa revela a importância das dimensões temporais e sensíveis da cidade e a importância de um urbanismo e de um ordenamento que integrem essas dimensões essenciais (GWIAZDZINSKI, 2004, p.351).

Outras praças importantes e que exercem certa centralidade nas festas são a da Catedral e a da antiga Prefeitura, nelas circulam não só os brincantes e devotos, mas também os vendedores ambulantes que se instalam com suas barracas de lonas nas calçadas e praças e comercializam as mais diversas mercadorias e “contribuem” para o comércio estabelecendo mudanças significativas nestes espaços nos dias de festa.

Os parintinenses preparam-se para receber os visitantes. A prefeitura local distribui o cartaz do festival, resultado de um concurso de telas promovido nos meses de março e abril entre os artistas locais. Tira o lixo das ruas. Guardas de trânsito fecham e abrem passagem para o tráfego dos sempre poucos carros e das sempre numerosas bicicletas e do número crescente de motocicletas. Os camelôs chegam em profusão, montando suas barraquinhas de comida e artesanato na praça próxima ao porto, entre a prefeitura e o mercado. Entre eles estão também os membros de grupos indígenas dos arredores, a cujas barracas os artistas dos bois recorrem na última hora para completar este ou aquele adereço das suas tribos. Muitos moradores montam barracas de comida na avenida central (CAVALCANTI, 2000).

É na praça da Catedral que se concentra a festa antes, durante e depois do evento, o dia inteiro existe a comercialização de mercadorias, são vários ambulantes que invadem a cidade e estabelecem concorrência com o comércio local, por outro lado parintinenses também aproveitam a oportunidade do movimento para também comercializarem, não há reclamação dos lojistas em relação a esse aspecto, pois as vendas aumentam nesse período.

Nas vitrines, calçadas há a mistura de cores branco com azul e vermelho e branca, uma simbologia que reflete nas mercadorias, nas marcas de bebidas, e quando há festas de um dos bois as vitrines exibem a cor preferida do consumidor.

Nesse espaço a agitação se encerra pela madrugada para se reiniciar na manhã seguinte uma profusão de cores que divide e junta, pois que se misturam na

multidão e no ritmo da toada. A festa trás a ordem na desordem, o trânsito fica caótico, o barulho, os sons das toadas, incontáveis, pois em cada esquina, residência, praça, rua se mantêm o encontro, a festa.

Em todos os lugares, os eleitos redobram esforços para atrair visitantes, aumentar a participação dos habitantes na vida cultural, mas também, e sobretudo, reforçar o sentimento de pertencimento, o orgulho da cidade e dos habitantes e modificar a imagem de sua cidade (GWIAZDZINSKI, 2004, p.340).

Na praça Eduardo Ribeiro, a conhecida “Praça da Prefeitura”, assim como a Praça da Catedral mantêm centralidade durante os dias de festa, pela comercialização e com palcos alternativos com atração musical de toadas de boi-bumbá e por localizar-se próxima a beira do rio, portanto próxima das embarcações que funcionam como local de hospedagem. Os ambulantes vendem bebidas e lembranças para o seu retorno, os indígenas vendem suas esculturas, adornos de penas (cocar), colar, e brincos de sementes. “Como visto, estas atividades são fortemente responsáveis pela dinâmica do intraurbano, com geração de descentralizações, novas centralidades e uma nova organização espacial” (LOPES, 2011, p. 63). Há vendedores da temporada que vem de outros lugares exclusivamente para a comercialização nesse período, ao passo que a festa vai se esvaindo e com anseio de venderem todos os produtos, fazem as promoções com descontos que aumenta circulação de consumidores atraídos pela oportunidade da compra.

O curral do boi é o espaço mais importante de preparação da festa, pois é onde se realizam ensaios para apresentação nos três dias do festival no Bumbódromo, é o lugar da festa, pelo encontro, diversão e simboliza a opção por um dos bois, visto que os frequentadores são brincantes da batucada/marujada dançarinos de palco, das tribos, itens oficiais (cunhã-poranga, rainha do folclore, sinhazinha da fazenda, pajé, porta-estandarte, o boi-bumbá com o tripa), Pai Francisco e Mãe Catirina, Gazumbá, banda oficial, torcidas organizadas Raça Azul/Comando Galera, e simpatizantes/torcedores que apenas assistem e interagem com as apresentações dos que participam diretamente da festa, as exceções são visitantes, jornalistas, pesquisadores.

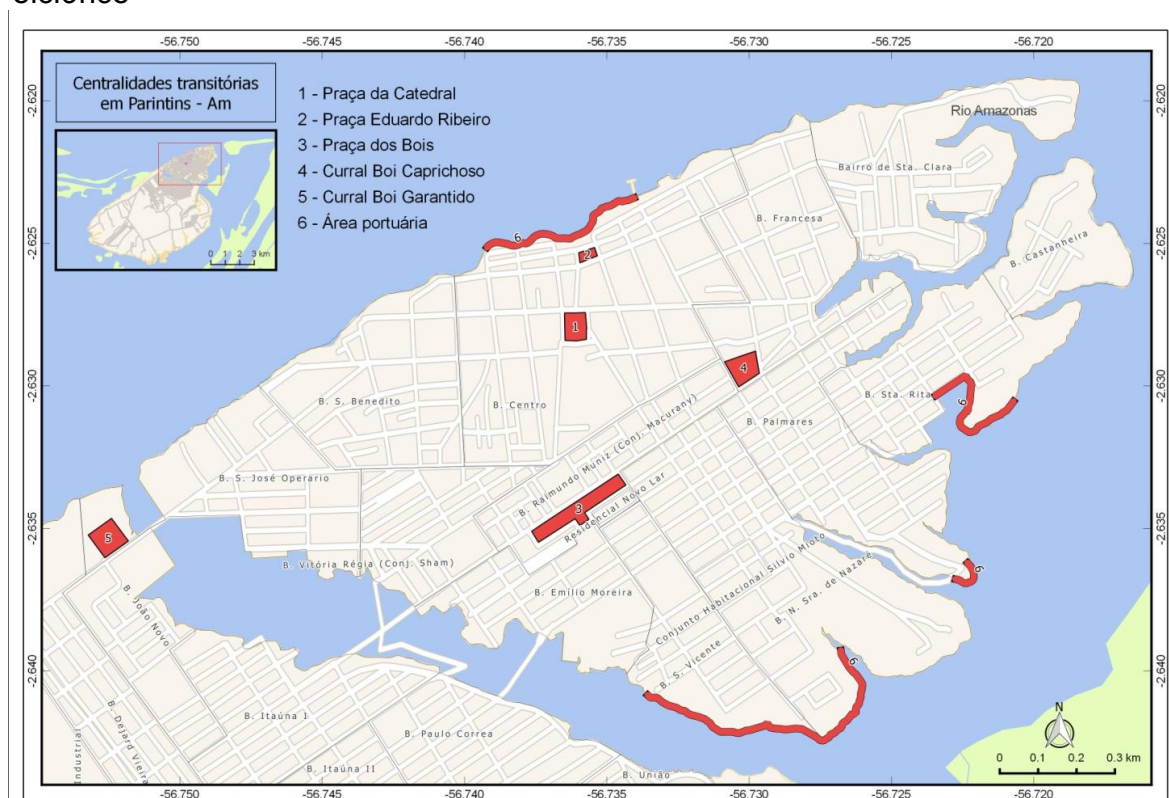
O Curral do Garantido também chamado de cidade Garantido localiza-se na Rodovia Odovaldo Novo, no bairro São José Operário, com limite para o Rio

Amazonas, dependendo da cota hidrológica, as águas emergem sobre os galpões onde ficam as alegorias. As cores vermelho e branco e a bandeira definem o território do bumbá onde além de ensaios funciona a parte administrativa. A festa tradicional do Garantido com saída às ruas ocorre na madrugada do 1º de maio e vai do curral até a Praça da Catedral, outra saída para a brincadeira na rua ocorre no dia 12 de junho e a partir dessa data a dinâmica da cidade passa a ser orientada para a festa.

O Curral do Caprichoso também chamado Zeca Xibelão se localiza no Bairro Centro, na Rua Gomes de Castro, as cores azul e branco definem seu espaço, os ensaios nos 3 meses que antecedem a festa em junho, são intensificados nos fins de semana, assim como o Garantido.

Desse modo, a centralidade transitória nos currais ocorre em dias determinados, o encontro, o movimento de pessoas, dinamizam o entorno onde os ambulantes disputam território para a comercialização, barracas, mesas, caixas térmicas com bebidas e vendas de adereços dos bois ficam dispostas ao longo da calçada, e no interior dos currais a festa.

Mapa 5– Centralidades transitórias em Parintins - AM no período do Festival Folclórico



FONTE: IBGE, 2010, Pesquisa de Campo, 2016. Organizado por: Thiago Franco e Valdilene Siqueira.

Na maior parte do ano temos uma cidade com pouco movimento, sendo possível inferir que a Parintins do Festival Folclórico é diferente da cidade ribeirinha do cotidiano onde as dinâmicas são diferentes.

Duas festas se encontram, o Festival Folclórico e a festividade religiosa que não tem a dimensão nacional, mas regional que é a festa de Nossa Senhora do Carmo. A festa religiosa se concatena com o festival folclórico em alguns aspectos, os artistas se voltam para a confecção do andor e da alegoria, para a romaria das águas realizada no dia 14 de julho, uma forma de agradecer por tudo que ocorreu durante os trabalhos para o festival no galpão de alegorias.

Figura 23 – Arraial de Nossa Senhora do Carmo em Parintins-AM



FONTE: Yuri Pinheiro, jul, 2015.

A rotina da cidade num período de uma semana se transforma gradativamente até chegar no último fim de semana do mês de junho, sendo o comércio fator de centralidade, pois algumas barracas permanecem no local onde foram armadas para aguardar a realização das festividades da padroeira de 06 a 16 de julho.

A cidade retoma o seu fluxo normal, as ruas ficam com movimento lento, apenas o ir e vir da escola e do trabalho e o intervalo do almoço no comércio, são poucas as exceções. O retorno dos trabalhadores ao final da tarde para as suas residências, um movimento cíclico dos dias de semana normal, a noite apenas os lanches e a venda de churrasco se multiplicam nas calçadas das residências e em frente aos comércios. No final de semana, procuram o descanso em casa, andam pelas ruas de carro, motocicleta, bicicleta, procuram áreas recreativas no entorno da ilha, algumas ainda conversam nos fins de tarde em cadeiras de embalo em frente a suas residências, vestem a melhor roupa aos domingos para divertirem-se ou para irem às missas nas igrejas católicas e ao culto nas inúmeras igrejas evangélicas que se espalham na cidade.

Figura 24 - Praça da Catedral após festival em Parintins-AM



FOTO: Valdilene Siqueira, jul, 2016.

Nos momentos festivos a dinâmica da cidade se modifica, o fluxo de pessoas aumenta, o comércio e serviços se deslocam para determinadas áreas da cidade. As festas da Padroeira Nossa Senhora do Carmo e o Festival Folclórico são festas que movimentam e determinam feriados diferenciados de outras cidades, o calendário escolar é antecipado com aulas aos sábados para suprir as aulas da semana que antecede o festival, os dias 06 e 16 de julho marcam o início e término

respectivamente da festa da padroeira. A centralidade da festa e a dinâmica da centralidade transitória irá influenciar na consolidação da estrutura urbana da cidade que permanece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente o estudo da centralidade numa cidade ribeirinha foi desafiador, visto que a mesma aparenta possuir uma dinâmica quase estática se comparada aos grandes centros urbanos, mas que para a presente proposta foi possível verticalizar o estudo da centralidade, nas dimensões da metrópole, das cidades médias de outras regiões do país, e da cidade pequena permeada pela centralidade da Rodovia. Todavia estas centralidades não estão presentes na cidade de Parintins, aqui o que se tem é uma dimensão política e econômica onde se apresentam suas especificidades.

Dessa forma, a pesquisa procurou compreender a centralidade em Parintins-AM, o recorte espacial possibilitou o estudo da sede municipal, como contribuição ao do estudo do urbano na Amazônia, considerando a centralidade a partir do regime hidrológico, a consolidação da centralidade por meio da rua, tendo a Avenida Amazonas como objeto de discussão e o estudo do centro da cidade e suas expressões de centralidade privilegiando a centralidade intraurbana.

As pesquisas de campo possibilitaram sustentar que o regime hidrológico faz com que ocorra uma inversão nos fluxos, onde anualmente há uma transumância urbana, verificada pelo deslocamento principal das embarcações e, conseqüentemente de vendedores ambulantes, mototaxistas, taxistas e tricicleiros o que contribui para a mudança da centralidade culminando no que se denominou de centralidade móvel.

Na vazante a frente da cidade se torna a centralidade plena, visto que durante o ano independente de cheia ou vazante as embarcações das agrovilas de Mocambo, Caburi e cidades próximas como Nhamundá e Barreirinha, utilizam principalmente a Rampa do Mercado Municipal, Escadaria da Rua Rui Barbosa e Rampa da Caçapava para atracação e o porto principal com movimentação o ano inteiro. Outro fator a ser considerado é a diferença de tratamento entre o porto principal e a porto de atracação regional. Durante a pesquisa de campo, foi evidenciado pelos donos das embarcações e passageiros, a falta de investimento na infraestrutura para atracação, embarque e desembarque, visto que a movimentação de carros e motocicletas de supermercados, triciclos e carregadores com mercadorias é constante, superando todos os entraves de acesso até a

embarcação, da mesma forma, ocorre para os passageiros que trazem suas bagagens e produtos regionais para os atravessadores.

Na cheia, a centralidade se redimensiona para a parte sul da cidade. O Rio Macurany com sua cota hidrológica suficiente, abriga embarcações em diferentes áreas da cidade, mas a “Lagoa da Francesa”, afluente desse rio, se destaca devido a dinâmica na Escadaria, a circulação de pessoas, as trocas econômicas, o aumento do consumo nas lojas do entorno, o encontro, a conversa, uma área plana e acessível para o embarque e desembarque, todos são elementos que dinamizam a paisagem e revelam a extrema ligação da cidade com o rio. Os resultados indicam que as embarcações atracam nesse local por estar próximo ao comércio e segurança para a embarcação, sendo que a maioria atraca na parte norte da cidade, por não ter outra opção de atraque.

O estudo da Avenida numa cidade ribeirinha permitiu compreender a sua importância para a cidade, visto que é a passagem para o porto, centro, e é onde estão localizados os comércios, as casas de festas, os prédios públicos municipais, as duas igrejas que destacam a religiosidade do lugar divididos entre católicos e evangélicos. O ambiente de sociabilidade, apesar das modificações concernentes à cidade como as obrigações diárias, o ir vir da escola, trabalho, insegurança pelos constantes assaltos, os moradores ainda conversam, se cumprimentam e relembram as suas relações pretéritas em relação ao seu ambiente familiar e social.

A descrição dos moradores, através de relatos, permitiu o entendimento da consolidação da Avenida Amazonas como centralidade, anteriormente apenas um caminho onde predominava a paisagem natural, mas que foi se estruturando conforme o crescimento da cidade. Os quintais extensos das residências, aos poucos vão dando lugar a novos empreendimentos e novas construções. Alguns poucos ainda resistem como lugar de plantar e de criação de pequenos animais, o que aparece como um modo de resistência numa paisagem urbana que aos poucos vai se homogeneizando.

Linearmente as residências vão cedendo as suas fachadas e calçadas para o espaço do comércio e serviços, nota-se que quanto mais próximo à Catedral, as vitrines se multiplicam com roupas de marcas famosas, e quando se aproximam da área da Francesa, as lojas vão se segmentando com produtos diversos a preços populares, são elementos que definem a tendência do sistema capitalista que reflete no espaço segregado e ao mesmo tempo unificado.

A calçada é a continuidade da rua, mas é ao mesmo tempo a continuidade da casa, neste sentido, enquanto continuidade da rua, é o de lugar da passagem. Se na cidade contemporânea, a rua é o lugar de passagem dos automóveis, a calçada seria o lugar de passagem dos pedestres, mas contraditoriamente, a calçada também é a continuidade e extensão da casa, porém a mesma não é privada; ao contrário da casa, é coletiva, embora em alguns casos seja construída individualmente pelo cidadão.

Outra questão são os passeios públicos, especificamente, a Avenida Amazonas, ao fazer um projeto de reurbanização, este deveria levar em consideração as condições pretéritas. Neste sentido, a Avenida deveria ser construída para as pessoas, onde a tacacazeira, por exemplo, teria seu lugar garantido. Todavia, como quase sempre o urbanismo é desprovido das dimensões sociais, significa que as transformações não são feitas para a população e o projeto não a contempla. Porém, as pessoas resistem, se reestruturam e se reapropriam dos espaços, tornando espaço de gente. As transformações da Avenida Amazonas aparecem nas entrevistas e nas observações de campo com essa dimensão, um urbanismo que afasta as pessoas, mas elas voltam e se apropriam dos passeios públicos e dão ao lugar o sentido do pertencimento.

A cidade de Parintins possui a característica do monocentro, explicado primeiramente por seus fatores socioespaciais pela área próxima ao rio que se consolidou como o centro. A expansão do centro existe, mas muitas atividades permanecem e outras chegam como as agências bancárias e o porto principal. Outras permanecem como as áreas onde encostam as embarcações das cidades e comunidades rurais, o comércio e concentração de lojas especializadas em confecção, calçado e acessórios de celular, ressaltando que esse centro parece se cristalizar, mas mantém o dinamismo peculiar de uma cidade ribeirinha com a relação com o interior.

O centro foi delimitado pela sua dinâmica no comércio e serviço, visto que as estruturas administrativas estão em outros locais da cidade. As áreas das ruas João Melo, Benjamin da Silva e o trecho da Rua Faria Neto foram destacadas, a primeira se consolidou como a rua do comércio em que os nordestinos foram se estabelecendo e com a demanda populacional alguns tiveram êxito econômico e deixaram para seus descendentes continuarem no ramo comercial e por vezes expandindo o negócio para outras áreas da cidade. A segunda é um misto de

comércio e serviço, onde se destacam duas agências bancárias que prestam serviços em maior número à população. Na terceira há o destaque para três agências bancárias e poucas lojas com semelhança às da Avenida Amazonas, com vitrines expondo roupas de marcas famosas. Dessa maneira, o centro é responsável por dinamizar as centralidades, visto que ele possui equipamentos urbanos que fazem com que as pessoas se desloquem de outras áreas da cidade e circulem no espaço do comércio e serviço mais concentrado e diversificado, além de possuir valorização do solo urbano.

O Festival Folclórico de Parintins com os bois-bumbás Garantido e Caprichoso, é destaque para uma cidade que possui características singulares e que movimentam a economia, lazer, cultura, política e religiosidade que se mesclam ao cotidiano ou o alteram. Anualmente a festa reorganiza a cidade, onde tudo é preparado para os dias do festival que ocorre no último fim de semana do mês de junho, sendo que os preparativos permanecem o ano inteiro, e a partir da festa ocorrem às centralidades transitórias.

Nesse sentido foi constatado que a Praça dos bois, Curral do Garantido e Curral do Caprichoso, a orla da cidade, a Praça da Catedral e a Praça Eduardo Ribeiro são transformadas em espaços que concentram a circulação e a permanência de pessoas, mercadorias e serviços por serem áreas onde ocorre o movimento da festa durante o dia, já que a noite com a apresentação dos bois-bumbás, a atenção é voltada para o Centro Cultural e Esportivo “Amazonino Mendes”, o Bumbódromo.

Há de considerar o profano e o sagrado, visto que a festa se iniciou pelo viés religioso por meio de promessas e rezas de ladainhas, onde as apresentações dos bois eram realizadas em espaço público, já havendo a disputa pelo território das cores vermelho e azul, elemento simbólico que permaneceu. Mais tarde os bois iniciaram suas apresentações com regulamento e disputa, onde o grupo de jovens da igreja católica (JAC) organizavam e incentivavam a festa. E atualmente essas relações mútuas aparecem nas alegorias com referência aos santos, à padroeira da cidade, além das encenações de procissão e arraial.

Os artistas envolvidos se unem após o festival para homenagear a padroeira do município na Romaria das águas, onde as toadas dos bois são cantadas durante o trajeto das embarcações no Rio Amazonas até o cais do porto. Um dia antes da

procissão os artistas dos bois entregam o andor como agradecimento aos trabalhos realizados com sucesso nos galpões de confecção das alegorias.

Não obstante, as modificações e o papel da Geografia em lidar com espaços aparentemente cristalizados ou em permanente dinâmica, pressupõe o estudo da centralidade e suas variações, sendo importante enfatizar que o centro continua sendo fator de atração e ao mesmo tempo indutor da centralidade, visto que por suas diferenças interferem nas práticas sociais das pessoas e se constituem como dinâmica socioespacial. Não se trata apenas de prédios onde funcionam os comércios, serviços ou até mesmo templos religiosos, mas sim como constituintes de dimensões simbólicas que dão concretude ao espaço produzido pela sociedade de Parintins em diferentes tempos.

Desse modo, a cidade ribeirinha não deve ser negada, pois o rio é o entreposto da cidade, fator da conectividade às cidades, agrovilas e comunidades do entorno, e que as permanências apontam para um perfil urbano com qualidade de vida, onde o setor primário merece atenção, mas o que temos são padrões de vida impostos pelo sistema capitalista, administrado de acordo com interesses e que a presente dissertação não pretendeu apresentar a cidade das perdas, mas suas potencialidades que muitas vezes foram ou são renegadas, ou até mesmo desconhecidas por seus próprios moradores que mantêm um ideal de cidade, onde permanecem pequenas “frestas para a centralidade” que são articuladas entre si, não sendo isoladas, visto que suas dinâmicas determinam inter-relações com a proximidade dos fixos ao movimento de pessoas e a circulação de mercadorias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Augusto Falconi de. **Metamorfose dos centros urbanos: uma análise das transformações na centralidade de João Pessoa-PB 1970-2006**. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana, Paraíba.

ARAÚJO, Renata Malcher de. **As cidades na Amazônia no século XVIII**. Porto: Universidade do Porto, 1998. Parte I e II, p. 25-144.

ARAÚJO, Karine da Silva. **Avaliação de políticas setoriais para a cadeia produtiva de juta e malva no estado do Amazonas**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento**. 2.ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

BATISTA, Iêda Hortêncio. **Urbanização e Ambiente: Análise dos indicadores da qualidade de vida na cidade de Parintins**. Manaus, 2000. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia formação social e cultural**. 3.ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

_____, **Amazônia formação social e cultural**. Manaus: Editora Valer/ Editora da Universidade do Estado, 1999.

BITTENCOURT, Antônio Clemente Ribeiro. **Memórias do Município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material**. 2.ed. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

BRASIL. Marinha do Brasil. Capitania dos Portos de Parintins. 22 de fevereiro de 2016. **Comunicado à Câmara Municipal** dispõe sobre o embarque e desembarque na área da Rampa da Praça Digital.

BRASIL. Marinha do Brasil. Capitania dos Portos de Parintins. Ofício nº 145/2015-MD/CMP de 25 de maio de 2015. **Comunicado à Câmara Municipal** dispõe sobre o embarque e desembarque na área da Francesa.

BROWDER, John O; GODFREY, Brian J. **Cidades da floresta: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia Brasileira**. Trad. Gisele Vieira Goldstein com colaboração de Joscilene Souza. 1. ed. Manaus: EDUA, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

_____. **A cidade**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção repensando a Geografia)

CARVALHO, José Alberto Lima de. **Terras caídas e consequências sociais**: Costa da Miracauera, Paraná da Trindade, Município de Itacoatiara-AM, Brasil. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Manaus.

_____. **Erosão nas margens do Rio Amazonas**: o fenômeno das terras caídas e suas implicações na vida dos moradores. 2012. 187 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Trad. Arlene Caetano. 1. reimpr. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Pensamento Crítico) Vol. 48

CASTRO, Edna; SANTOS, Maria Antonieta. **Belém de água e de portos**: ação do Estado e modernização na superfície. In: CASTRO, Edna. (org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: CEJUP, 2006.

CAVALCANTI, M. L. V de C.O. **Boi-bumbá de Parintins, Amazonas**: breve história e etnografia da festa. História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. VI (suplemento), 1019-1046, setembro, 2000.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de Fé no Médio Amazonas**. 2.ed. Manaus: ProGRaf, 2009.

_____. **Clarões de Fé no Médio Amazonas**. 1.ed. Imprensa oficial, 1980.

CLAVAL, Paul. **A festa e a cidade**. In: **CIDADES**: Revista científica/ Grupo de Estudos Urbanos. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos. 2004. (Vol.1, n.1.)

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **O espaço Urbano**. 3.ed. Ática. Série Princípios, n. 174, 1995. p. 1-16. (Resumo do livro)

COSTA JUNIOR, Waldemir Rodrigues. **Das “fábricas de espetáculos” dos Bumbás às redes de cidades: os papéis de Parintins e a estruturação multiescalar da rede urbana brasileira**. In: SCHOR, Tatiana; SANTANA, Paola. **Dinâmica urbana na Amazônia Brasileira**. Manaus: Editora Valer, CNPQ, Fapeam, 2015. (Coleção Geografia e Cidades, Vol. II)

COSTA NETO, Mariano Alves. **Mudanças no uso do solo na cidade de Parintins**: o caso da Lagoa da Francesa. Parintins, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia), Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. 2007. 274 f. São Paulo (Tese de Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

DEMAMANN, Miriam Terezinha Mundt. **Rondonópolis: MT: Campo, cidade e centralidades**. 2011. 250 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, William Rodrigues. **O espaço público nas áreas centrais: a rua como referência- um estudo de caso em Uberlândia-MG**. 2002. 324 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GARCEZ, Kedma Madalena Gonçalves. **Centro e Centralidade em São Luiz do Maranhão**. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Presidente Prudente.

GARNIER, Jacqueline Beaujeu. **Geografia Urbana**. Trad. Raquel Soeiro de Brito. Fundação Calaouste Gulbenkian. 3.ed. Lisboa, 2010.

GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GWIAZDZINSKI, Luc. **A cidade por intermitência: do tempo da festa a um urbanismo dos tempos**. In: **CIDADES: Revista científica/ Grupo de Estudos Urbanos**. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2004. (Vol.1, n.1)

HISTÓRIA E MEMÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS: Transcrição das atas das legislaturas de 1943 a 1963. BUTEL, Larice; et al. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2011. Vol.I.

HISTÓRIA E MEMÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS: Transcrição das atas das legislaturas de 1964 a 1976. BUTEL, Irian; et al. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012. Vol.II.

HISTÓRIA E MEMÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE PARINTINS: Transcrição das atas das legislaturas de 1977 a 1988. ANDRADE, Larissa da Silva; et al. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012. Vol.III.

IRIONDO, M. **Geomorfologia da planície amazônica**. Atlas do Simpósio do Quaternário no Brasil, 1982. p.323-348.

KIMURA, Solenise Pinto Rodrigues. **Determinação química e biológica de carga poluente em lagoa do município de Parintins no estado do Amazonas**. 2014. 164 f. Tese (Doutorado em Engenharia Química) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Química, São Paulo.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Aline Damasceno; CAMILO, Ellen Anjos; SCHOR, Tatiana. **Barco, moto, bicicleta**: deslocamentos intra-urbanos nas cidades de Itacoatiara e Parintins/AM. In: SCHOR, Tatiana; SANTANA, Paola Verri de (Orgs.). **Dinâmica Urbana na Amazônia Brasileira**. Manaus: Editora Valer, CNPQ, Fapeam, 2015. (Coleção Geografias e Cidades, Vol. II)

LOPES, Michelly de Lourdes. **A espacialização do varejo no espaço intraurbano**: o caso da rede Bretas de supermercados em Uberlândia (MG). In: ALVES, Lidiane Aparecida; RIBEIRO FILHO, Vitor (Orgs.). **O espaço intraurbano de Uberlândia (MG) perspectivas geográficas**. Uberlândia: Edibrás, 2011.

MARINHO, Thiago Pimentel. **Microrredes urbanas e a estruturação do baixo Amazonas**: o caso das cidades de Itacoatiara e Parintins. In: SCHOR, Tatiana; SANTANA, Paola Verri de. **Dinâmica urbana na Amazônia Brasileira**. Manaus: Editora Valer, CNPq, Fapeam, 2015. (Coleção Geografias e cidades, vol. II)

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O Aguadeiro**. 2. ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1977.

MORAES, André de Oliveira. **Embalando mercados em redes urbanas**: alimentação e pesca articulando cidades na Amazônia brasileira. In: SCHOR, Tatiana (org.). **Dinâmica Urbana na Amazônia Brasileira**. Manaus: Editora Valer, 2014. (Vol. 1).

MORAES, Hito Braga de; MORAES, Rita de Cássia Monteiro. **O transporte hidroviário de passageiros na Amazônia**. In: TOBIAS, Maisa; COUTINHO NETO, Benedito (orgs.). **Grande Belém**: facês e desafios de uma metrópole insular. Belém: Potopress, 2010.

OLANDA, Elson Rodrigues. **Sanclerlândia-GO**: do povoado do Cruzeiro às novas centralidades. 2010. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilberto Alves de. **Novas Expressões de Centralidade e (re)produção do espaço urbano em cidades médias**: O Jequitibá Plaza Shopping em Itabuna-BA. 2008. 383 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de Brasília, Departamento de Geografia, Brasília.

OLIVEIRA, José Aldemir de; SCHOR, Tatiana. **Das cidades da natureza à natureza das cidades**. In: TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro; TAVARES, Maria Goretti da Costa (orgs.). **Cidades Ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008.

OLIVEIRA, José Aldemir. **Cidades na selva**. Manaus: Valer, 2000.

PACHECO, Suzana Mara Miranda. Rio Branco: **Uma Avenida Centenária**. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Suzana (orgs.). **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

PARINTINS. **Lei Municipal nº 0386, de 19 de dezembro de 2006**. Dispõe sobre Perímetro Urbano do Município de Parintins e dá outras providências.

PARINTINS. **Lei Municipal nº 09, de 5 de outubro de 2006**. Dispõe sobre Plano Diretor do Município de Parintins e dá outras providências.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **Centro e centralidade e cidade média: o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte- CE**. 2014. 328 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Presidente Prudente.

PETER, Andre Pinho. **O papel do comércio na produção da centralidade em Pelotas-RS**. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas e da Informação. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Centralidade periférica e integração relativizada- uma leitura de Tefé no Amazonas**. 2015. 325 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **As origens de Parintins**. Manaus-AM, 1967. (Editado pelo Governo do Estado do Amazonas- Secretaria de imprensa e divulgação- Palácio Rio Negro)

RIBEIRO FILHO, Vitor. **A dinâmica recente da área central de Manaus**. In: Oliveira, José Aldemir de (Org.). **Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. (Vol. 1)

_____. **Novas centralidades em Manaus**. In: OLIVEIRA, José Aldemir (org.). **Espaços Urbanos na Amazônia**. Visões Geográficas. Manaus: Editora Valler, 2011.

RIBEIRO, Miguel Angelo. **Itinerários e espaços das atividades terciárias e da prostituição nos loungers da área central do Rio de Janeiro: os exemplos Passos, Mén de Sá, Graça Aranha e mediações..** In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Suzana (orgs.). **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

SALGUEIRO, Tereza Barata, CACHINHO, Herculano. **As relações cidade-comércio. Dinâmicas de evolução e modelos interpretativos**. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Suzana (orgs.). **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

SANTANA, Luiz Henrique; SCHERER, Elenise. **Trabalho e ambiente no caos do cais da Manaus Moderna**. In: OLIVEIRA, José Aldemir de; SCHERER, Elenise. **Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente**. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2009.

SANTOS, Gercicley Rodrigues dos; et al. **Hortas urbanas: a produção de hortaliças nos quintais da cidade de Lábrea, Amazonas, Brasil**. IN: SCHOR, Tatiana (org.). **Dinâmica urbana na Amazônia Brasileira**. Manaus: Editora Valer, 2014. Vol. 1.
SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. 2º reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Nova**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

_____, **A natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. 8. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SCHOR, Tatiana. **Urbanização e modernização do território: a Geografia da Saúde e da alimentação no coração da floresta amazônica**. In: OLIVEIRA, José Aldemir de; SOUZA, Geraldo Alves de. **Geografia da saúde: ambiente e sujeitos sociais no mundo globalizado**. Manaus: EDUA, 2016.

SCHWADE, Maurício Adu. **Relações cidade e campo na Amazônia: trocas materiais e imateriais**. In: OLIVEIRA, José Aldemir de. **Dinâmica urbana na Amazônia brasileira: espacialidades, ambiente e saúde**. Manaus: EDUA, 2016. (v.4)

SILVA, Joubert da Costa e. **Estudo dos deslocamentos urbanos de Coari, Itacoatiara e Parintins e possíveis influências da topografia na divisão modal**. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

SILVA, Oséias Teixeira da. **Conceito de centro e centralidade como um instrumento de compreensão da realidade urbana**. In: XIII Simpósio de Geografia Urbana. UERJ. Rio de Janeiro. 18 a 22 novembro de 2013.

SILVA, William Ribeiro da. **Para além das cidades: Centralidade e Estruturação Urbana: Londrina e Maringá**. 2006. 280 f. Tese (Doutorado em Geografia) - UNESP/Campus Presidente Prudente. Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

SOUZA, Isaque dos Santos de. **A produção de centralidades urbano-regionais no estado do Amazonas**. Uberlândia, 2011. Vol. 12 (Caminhos de Geografia- revista online)

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins-AM: evolução e transformação**. 2013. 155 f. Tese (Doutorado em Geografia) -

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Tadeu de. **Missão Vila Nova: Parintins** (dos jesuítas aos missionários do Pime). Gráfica João XXIII, 2003.

SPOSITO, ELISEU Savério. **Redes e cidades**. São Paulo: editora UNESP, 2008. (Coleção Paradidáticos)

SPOSITO, Maria Encarnação; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades Insegurança urbana e Fragmentação socioespacial**. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana**. II Encontro Nacional da ANPEGE, Rio de Janeiro, 1997.

_____, Maria Encarnação Beltrão. **Estruturação Urbana e Centralidade**. 1991. p.1-8.

TEIXEIRA, Paulo Lobato. **A longa caminhada: livro das famílias parintinenses Lobato e Teixeira**. Parintins: Edição do autor, 2007.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia**. 9ª ed. rev. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado do Amazonas, 2000.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair ; SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da ; AMARAL, Márcio Douglas Brito. **Das “janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia**. In: TRINDADE JUNIOR., Saint-Clair Cordeiro; TAVARES, Maria Goretti da Costa (orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Das cidades médias na Amazônia oriental: das novas centralidades à fragmentação do território**. Maio de 2011, Rio de Janeiro. XIV Encontro Nacional da Anpur.

_____. **Formação Metropolitana de Belém (1960-1997)**.1.ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2016.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro; TAVARES, Maria Goretti da Costa (orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008.

TRINDADE JUNIOR. Saint-Clair Cordeiro; SANTOS, Emmanuel Raimundo da Costa dos; RAVENA, Nírvea. **A cidade e o rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém**. In: TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da. (Orgs.). **Belém: a cidade e o rio na Amazônia**. Belém: Editora da EDUFPA, 2005.

TRINDADE, Deilson do Carmo. **As benzedoras de Parintins: práticas, rezas e simpatias**. Manaus: EDUA, 2013.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra - urbano no Brasil**. São Paulo. Estúdio Nobel; FAPESP, 2001.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. Trad. de Clotilde da Silva Costa. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. Coleção Reconquista do Brasil, v. 136.

SITES

SICSÚ, Daniel. Porto de Parintins espera receber mais de 12 mil pessoas no festival. **Jornal da ilha**. Parintins, 20 de junho de 2016. Disponível em <<http://www.jornaldailha.com/>>. Acesso em: janeiro de 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Parintins Evolução populacional e pirâmide etária. Rio de Janeiro, IBGE, 2014. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?lang=&codmun=130340&search=amazonas|parintins|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>> Acesso em: abril de 2016.

_____, Censos Demográficos: 1970, 1980, 1990, 2010. Rio de Janeiro, IBGE, 2014. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/>>. Acesso em: agosto de 2017.

Reporter Parintins. Disponível em: <<http://www.reporterparintins.com.br/lendo/276-conteudo-14619-geografo-alerta-banhistas-para-evitarem-poluir-praia-do-meio-no-rio-amazonas-em-parintins>>. Acesso em: dez. 2016.

Parintins de antigamente.

Disponível em: <<http://www.facebook.com.br/parintinsdeantigamente>>. Acesso em: dez. 2016.

Dados hidrológicos. <<http://www.ana.gov.br>>. Acesso em: dez. 2016.

JORNAL IMPRESSO

NOVO HORIZONTE. Edição 1994-2012. Parintins: Gráfica João XXIII

APÊNDICE 1**ROTEIRO DE ENTREVISTA****CENTRALIDADE URBANA EM CIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA:
PARINTINS AM.**

ENTREVISTADO: _____

DATA DE NASCIMENTO: _____ / _____ / _____

PROFISSÃO: _____

1- Como era a Avenida Amazonas antes? Era asfaltada? Existiam árvores no passeio?

2- Como eram as casas da Avenida Amazonas? Tinham quintais? Havia criação de animais nos quintais? Existia plantação?

3- Quais os comércios que existiam na Avenida Amazonas?

4 Quais eram os serviços oferecidos na Avenida? (hotel, bar, restaurante entre outros)?

5 Quais os moradores da Avenida Amazonas que você recorda?

6 O que faziam para se divertir no fim de semana?

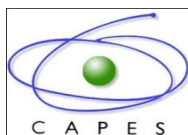
7 Existiam escolas? Como era a educação?

8 Como tratavam as doenças? Existia posto de saúde, hospital?

9 Quais os tipos de veículos que circulavam na cidade?

10 Existem outras recordações da Avenida Amazonas?

11 Existem outras recordações da cidade de Parintins há tempos atrás? (Orla, Francesa e outros)



APÊNDICE 2

FORMULÁRIO DE PESQUISA

CENTRALIDADE URBANA EM CIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA: PARINTINS AM.

1. Entrevistado: _____
2. Nome da embarcação: _____
3. Porto de atracação na hora da entrevista: _____
4. Origem: _____
5. Tipo de embarcação: () lancha-expresso () barco () bajara
() Outro: _____
6. Com que frequência você atraca sua embarcação nesse local?
() sempre () às vezes () vazante () cheia
7. Qual o motivo de atracar o barco nesse local?
() segurança para você e a embarcação.
() devido a vazante/cheia.
() por ser mais próximo do comércio e serviços.
() por não ter outra opção de atraque.
() Outro motivo. Qual? _____
8. Onde você atraca seu barco no período da vazante/cheia?
() Lagoa da Francesa () Orla do bairro da União () Rampa do mercado e proximidade () Porto da baixa de São José () Outro local. Qual? _____
9. Qual a função da embarcação?
() Transportar passageiros.
() Transportar carga
() Transportar cargas e passageiros.
() Utilizada para fretes.
() Outro. Qual: _____
10. Qual a média de passageiros por viagem?
() 1-10 () 11-20 () 21- 30 () 31- 40 () mais de 40
11. Qual a frequência da viagem?
() diária () semanal, faz quantas viagens durante a semana? _____
() quinzenal () mensal
12. Quais o/os dia/dias da semana que vem para a cidade?
() segunda-feira () terça-feira () quarta-feira () quinta-feira () sexta-feira () sábado () domingo
13. Quais o/os dia/dias da semana que retorna para a comunidade ou outro Município?
() segunda-feira () terça-feira () quarta-feira () quinta-feira () sexta-feira () sábado () domingo
14. Quais os produtos trazidos na embarcação até a cidade?
() farinha () frutas () hortaliças () derivados do leite () peixe
() Outro: Qual: _____
15. Onde esses produtos são vendidos? _____
16. Quais as mercadorias levadas na embarcação até a comunidade/cidade?
() eletrodomésticos () gêneros alimentícios () material de construção
() Outros. Quais; _____
17. Onde os passageiros costumam fazer as compras?
() centro da cidade- João Melo e proximidades.
() Bairro de Francesa
() Avenida Amazonas
() Paraíba
() Outra área da cidade. Qual? _____
18. Como são transportadas as mercadorias dos locais de compra para o barco:
() o próprio-na costa () carregador () triciclo () moto com baú
() caminhonete () caminhão

Parintins-AM, ___ / ___ / 2016.

Entrevistadora

ANEXO

ESTADO DO AMAZONAS
CÂMARA MUNICIPAL DE PARINTINS

J U S T I F I C A T I V A

A propositura que explanamos a luz do douto Plenário, sublinha, naturalmente, a intenção de todos aqueles que de modo direto ou indireto estão ligados a maior festa folclórica do Amazonas, ou, porque não dizer - ao extremo norte brasileiro.

A cada ano que passa verifica-se a evanescente colorida dessa festa popular que, envolve e apaixona todas as classes e todos níveis de pessoas, haja vista, que no ultimo ano a Empresa Amazonense de Turismo (EMATUR), através de seu setor de relações públicas, assiatando "in loco" o grande acontecimento festivo, documentando inclusive, todos os ângulos que marcaram o nosso festival. Fato que, segundo nos consta esta mesma documentação para todo o Brasil, está sendo exibida.

Há de se convir que a nossa festa folclórica começa a despertar o interesse de estudiosos no ramo e, conseqüentemente, a tendência é abrir novas perspectivas no caminho do turismo e da identificação maior desta cidade.

Por outro lado, seria justo registrar a data de fundação da grande festa do povo. O FESTIVAL FOLCLORICO PARINTINENSE iniciou-se a primeiro de junho de 1965, desde o seu primeiro estágio foi uma consequencia do idealismo de uma pléiade de jovens arraigados às cores da Associação Atlética Jac Clube. Frutificou desde aquela época o desejo e gosto pela organização do festival, acontecimento que apesar dos pezares jamais redimiu sacrifícios e até mesmo paciência para se conseguir realizar. Mas, o festival é uma grande realidade e, anualmente proporciona o maior desenvolvimento da época junina, reunindo vários grupos folclóricos, entre estes, os inconfundíveis "bois-bumbás" e outras formas típicas como danças e pássaros que se enveredam por dentro do mundo colorido folclórico local.

Senhor Presidente, Senhores Vereadores, por tudo isso que acabamos de expor, achamos que é de justiça empreendermos esta homenagem ao Festival Folclórico de Parintins, tornando-o, através de Lei de Utilidade Pública.

S. S. da Câmara Municipal de Parintins, em 17 de novembro de 1977.

Raimundo Nunes Rodrigues - Vereador